

MARIA LÚCIA OLIVEIRA SUZIGAN DRAGONE

**VOZ DO PROFESSOR:
INTERFACES E VALOR COMO
INSTRUMENTO DE TRABALHO**

MARIA LÚCIA OLIVEIRA SUZIGAN DRAGONE

**VOZ DO PROFESSOR:
INTERFACES E VALOR COMO
INSTRUMENTO DE TRABALHO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Campus Araraquara, para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Orientadora: *Prof. Dra. Maria Regina Guarnieri*

Araraquara
2000

Dragone, Maria Lúcia Oliveira Suzigan

Interfaces entre os estudos de duas áreas - fonoaudiologia e educação - sobre voz do professor como componente da linguagem oral usada no trabalho docente. Elaboração do valor da voz, utilizando material bibliográfico específico sobre voz do professor e sobre trabalho docente, e analisando a opinião de cinco professores entrevistados sobre o assunto. Maria Lúcia Oliveira Suzigan Dragone. Araraquara, SP, 2000.

Dissertação - Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Campus Araraquara.

1. voz - professor - saúde 2. voz - recurso - trabalho docente.

DADOS CURRICULARES

MARIA LÚCIA OLIVEIRA SUZIGAN DRAGONE

1974/ 1977 Curso de Graduação
Faculdade de Fonoaudiologia
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Registro no Conselho Regional de Fonoaudiologia - CRFa 00674

1994/1995 Aperfeiçoamento em Motricidade Oral
Curso de Especialização em Fonoaudiologia Clínica -CEFAC- SP

1993/1996 Especialização em Voz
Centro de Estudos da Voz - CEV - SP

Título de Especialista em Voz - CFFa 075/96

`A professora Maria Luiza de Oliveira Suzigan

Que se dedicou à profissão de professora, oferecendo empenho, força, exemplo e crença na sua função de educadora para o desabrochar de tantas pequenas mentes; elo fundamental de minha admiração pelos professores; minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças a colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. Agradeço a todos que conviveram comigo nestes anos de pesquisa e em especial:

a minha família, Diogo, Fábio e Joaquim, pela compreensão de meu distanciamento e pelo incentivo aos meus estudos, concretizando nossa vivência de carinho, amizade e amor;

a minhas colegas da primeira turma do Curso de Especialização em Voz do CEV-SP, pois nosso pequeno grupo nos fortalece e nos impulsiona para o crescimento pessoal e profissional;

à amiga e professora Dr.a Mara Behlau pois sua vibração incentivou minhas decisões na busca de novos caminhos de estudos;

aos colegas da pós graduação pela receptividade e colaboração na elaboração de meu conhecimento;

aos meus professores da pós graduação que conseguiram compreender meus anseios e oferecer novos focos ao meu olhar de fonoaudióloga, em especial a Prof.a Dr.a Alda Junqueira Marin, a Prof.a Dr.a Luciana Maria Giovanni, a Prof.a Dr.a Maria Helena Galvão Fren Dias da Silva, a Prof.a Dr.a Vera Teresa Valdemarin, e ao Prof. Dr. Marcus Vinicius da Cunha;

à professora Dr.a Maria Regina Guarnieri, minha orientadora, por ter-me dado um voto de confiança e ter conduzido meu caminho durante a realização desta pesquisa;

às professoras Ana Maria Mazzei Laitano e Dr.a Sônia Veasey Rodrigues pela correção do texto;

aos professores entrevistados por terem aceito participar desta pesquisa e por me emocionarem ao vibrarem com o assunto - voz do professor;

a todos os professores, meus pacientes antigos e atuais, por terem contribuído com meu saber clínico e terem sido o disparo para esta pesquisa.

Sumário

<i>Lista de quadro e tabelas</i>	I
<i>Resumo</i>	II
<i>Abstract</i>	III
1. Introdução	1
2. Delineamento da Pesquisa	16
2.1 Objetivos	16
2.2 Metodologia.....	17
3. A problemática vocal do professor	26
4. Refletindo sobre a voz do professor junto `a diversidade de seu trabalho	55
5. A Voz na voz do professor	92
5.1 Caracterização dos professores entrevistados	93
5.2 Principais requisitos para o bom desempenho como professor	99
5.3 O papel da voz na atuação do professor.....	116
5.4 Variações do comportamento vocal utilizadas nas aulas	128
5.5 Memória das vozes de antigos professores.....	138
5.6 Reflexões sobre o próprio comportamento vocal.....	150
5.7 O que saber mais sobre voz	157
6. As interfaces e o valor da voz no trabalho docente - considerações finais ..	161
7. Referências Bibliográficas	180
Anexos	189

LISTA DE QUADRO E TABELAS

QUADRO I - Caracterização dos professores entrevistados.....	96
TABELA 1 - Quantificação dos requisitos mencionados para o bom desempenho do professor.....	100
TABELA 2 - Quantificação dos papéis da voz na atuação do professor	117
TABELA 3 - Quantificação dos aspectos apontados como variáveis do comportamento vocal	130
TABELA 4 - Quantificação do tipo de memória das vozes de antigos professores quanto ao impacto causado.....	140
TABELA 5 - Quantificação dos aspectos citados como reflexão sobre o próprio comportamento vocal pelo entrevistado.....	151
TABELA 6 - Quantificação dos aspectos sobre voz de interesse dos professores.....	157

Resumo

A voz, som responsável pela mensagem oral, no conjunto de suas qualidades, compõe o comportamento vocal e sua psicodinâmica durante a emissão da linguagem oral humana. O objetivo deste estudo foi configurar como a voz do professor é abordada em duas áreas do conhecimento - fonoaudiologia e educação - e na perspectiva dos professores, estabelecendo as interfaces e atribuindo um valor para a voz no trabalho docente. A metodologia eleita foi de estudo exploratório, com análise da bibliografia sobre voz do professor da área fonoaudiológica e das referências sobre o comportamento vocal do professor na bibliografia da educação. Complementando, foram realizadas entrevistas com cinco professores, para obter suas opiniões com relação ao valor da voz no exercício do trabalho docente. Através da análise da bibliografia específica da área fonoaudiológica obtiveram-se dados sobre a grande ocorrência de alterações funcionais ou orgânicas de voz entre os professores. Há inúmeros estudos revelando o desgaste vocal presente nesta profissão, as causas, os sintomas, os projetos de prevenção e a saúde vocal dos professores. A análise da bibliografia sobre trabalho docente permitiu encontrar a linguagem oral como elemento da interação professor- aluno e uma valorização da clareza das emissões orais dos professores. Não há referências diretas à voz, mas ela está presente no som da linguagem oral. A voz esteve mais visível nas pesquisas voltadas para o interior da sala de aula, principalmente quando mencionavam o controle de disciplina e as variações de humor dos professores. Os depoimentos dos professores foram avaliados sob seis focos de análise: requisitos para o bom desempenho profissional, papel da voz na atuação do professor, variações de voz feitas durante a aula, memória das vozes de antigos professores, percepções sobre a própria voz, e o que desejariam saber sobre voz. Tais depoimentos destacaram principalmente a importância da interação professor- aluno, a formação e os recursos da aula como requisitos do bom desempenho; a voz como recurso didático, controladora da disciplina e reveladora da emoção do professor; os impactos negativos e positivos deixados pelas vozes dos antigos professores. Pôde-se concluir com esta pesquisa que as principais interfaces entre a fonoaudiologia, a educação e a perspectiva dos professores com relação à voz estão na relação professor- aluno, com a influência da psicodinâmica vocal, e no papel da voz como recurso da atuação do professor em sala de aula. O valor da voz ainda é diferente na fonoaudiologia e na educação. A busca de um valor equilibrado pode estar no ouvir a voz usada na sala de aula, nas relações que o professor estabelecer com ela e no impacto que a voz do professor causar nos alunos.

Abstract

The voice, responsible sound for the oral message, in the group of its qualities, is part of the vocal behavior and its psycho dynamic during the human oral language production. The objective of this study was to determine how the teacher's voice is approached in two areas of knowledge - speech and language pathology and education - and under the teachers' perspective, establishing the relationships and giving a value for the voice in the educational work. The exploratory study was elected by methodology. The bibliography concerning the teacher's voice was looked up in the speech pathology area; whereas, the references about the teacher's vocal behavior in the educational work were looked up in the educational bibliography. Complementing the research, interviews were accomplished with five teachers to obtain their opinions about the value of the voice in their performance. Through the analysis of the specific bibliography of teachers' voice it was possible to obtain results about the great occurrence of functional or organic alterations of voice among the teachers. There are countless studies revealing the voice wearing down in this profession, the causes, the symptoms, the prevention projects and the teacher's vocal health. The analysis of the bibliography on educational work allowed us observe the oral language as an element of the teacher- student interaction and to value the clarity of the teachers' oral emissions. These studies do not include the voice directly, however it is present in the sound of the oral language. It has been more visible in the researches which studied the teacher in the class room, mainly when the discipline control and the variations of the teachers' humor were mentioned. The teachers' speeches were appraised under six focuses of analysis: the requirements for the teacher's good acting; the role of the interviewed teachers denoting the voice in their professional performance; the variations of the voice noticed during their work; the remembrances of their previous teachers' voices; the perceptions of their own voice; and what they would want to know about voice. Such speeches highlighted: - the importance of the teacher-student interaction, the teacher's formation and the use of resources of the dynamics of the class room as requirements for the teacher's good acting; - the role of didactics requirement, as controller of the discipline of the class, and as revealer of the teacher's emotion; - the negative and positive impacts were revealed by remembering of their previous teacher's voice. It could be concluded that the main relationships about voice among the two area of knowledge and the teachers' perspective are in the teacher-student interaction, with the influence of the vocal psycho dynamic, and in the role of the voice as resource of the teacher's performance in the class room. The value of the voice is still different in these two areas. The balanced value can be in hearing the voice used in the class room, in the relationships that the teacher establishes with it and in the impact that the teacher's voice causes on the students.

1. INTRODUÇÃO

Minha aproximação com o tema voz do professor diz respeito ao meu próprio desenvolvimento profissional. A atuação como fonoaudióloga colocou-me sempre em contato com professores que buscavam no atendimento fonoaudiológico ajuda para conseguirem recuperar suas vozes roucas e, assim, manterem sua atividade profissional normal. Aos poucos, fui sentindo a importância de uma alteração de voz entre estes profissionais e percebendo como eles sabiam pouco sobre como emitir voz de forma equilibrada, com o melhor desempenho possível e com menor esforço do aparelho fonador. A problemática da voz parecia ser algo relevante na profissão docente.

Definir sobre qual voz estou falando é importante neste momento, pois a palavra voz aparece muitas vezes carregada de vários significados, desde o som acústico da fala até aquela voz representativa do pensamento de toda uma classe social sobre assuntos diversos ou do poder de alguns indivíduos. A voz tratada neste trabalho é o som da fala, uma das diversas formas de comunicação humana. É a voz no conjunto de suas qualidades como componente do comportamento vocal humano, componente da mensagem oral e de sua psicodinâmica durante a comunicação.

O ser humano é detentor do instrumento da linguagem que impulsiona a troca de informações, a evolução do ser social, que preserva a cultura e faz do homem um animal racional diferenciado. A

linguagem humana pode ser oral, escrita, gestual, e ou simbolizada por inúmeras formas de comunicação, tais como musical, artística, corporal, entre outras. A linguagem oral é usada em larga escala entre os seres humanos, é diferenciada entre os povos e envolve compreensão e emissão de uma mensagem. A voz da qual falarei neste trabalho é parte dessa linguagem oral, em sua vertente de emissão oral, e junto com suas qualidades, com as palavras a serem articuladas em frases carregadas de significado semântico, é um elemento fundamental de transmissão da mensagem oral do ser humano.

Então, a voz é um componente da linguagem oral. Compreendemos a linguagem oral em dois grandes campos: a compreensão e a emissão. No campo da emissão temos a voz junto com os processos articulatórios dos fonemas em palavras e frases sintaticamente organizadas, levando a transmissão do significado de nossa mensagem. É evidente que essa emissão precisa ser clara para que o processo da compreensão seja efetivado. Uma emissão oral clara envolve voz emitida sem esforço, padrões articulatórios, sintáticos e semânticos corretos e adequados para o meio sócio cultural, projeção da voz no ambiente, ritmo e entonação adequados. Caso ocorram disfunções vocais, articulatórias, de estruturação sintática, de ritmo ou entonação, a emissão fica também prejudicada. A voz faz parte da transmissão da linguagem oral, é com certeza um de seus principais veículos, e pode

interferir drasticamente na compreensão, caso esteja muito prejudicada ou com psicodinâmica inadequada.

Voz, do ponto de vista físico, é

"o som que é produzido pela vibração das pregas vocais à passagem do ar através da laringe e modificado pelas cavidades situadas abaixo e acima dela, ditas cavidades de ressonância. ... A voz existe como uma das diversas formas de comunicação do indivíduo com o meio exterior, particularmente com seus semelhantes". (Behlau & Pontes, 1994, p. 1014).

Não se pode perder de vista que a voz é provinda de um ser humano, como tal é inerente à natureza humana. A natureza humana tem unidades que fazem parte do homem como ser social: unidade antropológica, indivisível do ser no mundo; e a unidade ontológica divisível que é a realidade de cada ser. A unidade ontológica tem dimensões: biológica, psicológica, sociocultural e axiológica. A dimensão axiológica engloba as outras três e engloba então os valores do homem. A definição de valor, segundo Ferreira (1999), é a "qualidade pela qual determinada pessoa ou coisa é estimável em maior ou em menor grau; mérito ou merecimento intrínseco; valia" (p.2044).

Behlau & Pontes (1994) definem valor como:

" tudo aquilo que for apropriado para satisfazer determinadas necessidades humanas, ou seja, uma crença na qual o homem se baseia para atuar por prioridades ou preferências; é o sistema de valores que impele uma pessoa, que fazem-na movimentar-se através da identificação de situações atraentes ou repelentes" (p. 1025).

Dentro da axiologia, a voz é um dos principais valores do ser humano: "através dela o homem busca outros valores, valores derivados, ligados a qualquer uma das dimensões, quer à biológica, à psicológica ou à sócio-educacional" (Behlau & Pontes, 1994). Os autores enfatizam que, para compreendermos a voz, temos que ter o conhecimento dos valores do indivíduo.

Segundo os autores acima existem dois pólos de ligação entre os sujeitos envolvidos na comunicação oral: a função auditiva e a fonatória. A função auditiva é essencialmente sensorial e a fonatória fundamentalmente uma atividade muscular. Na fonação deve haver uma interação indivisível na utilização dos músculos envolvidos, além de integridade de todos os tecidos do aparelho fonador. Com essa harmonia ocorre, segundo os mesmos autores, "um som dito de boa qualidade para os ouvintes e emitido sem dificuldade ou desconforto para o falante" (p.1014). Esse som se modifica de acordo com o contexto da comunicação. Quando esse equilíbrio está prejudicado e não ocorre a harmonia, dizemos que estamos diante de uma disfonia. A definição de disfonia é dada por Behlau & Pontes (1994) como "qualquer dificuldade na emissão vocal que impeça a produção natural da voz" (p.1014). Disfonia é então uma alteração do som da voz.

A definição dada por Ferreira et al. (1998) enfoca a voz como o resultado de fatores orgânicos, psicológicos e sociais e não se distancia dos conceitos sobre voz relacionados acima. Afirma que cada um de nós desempenha na rotina diária uma série de papéis sociais. "A entonação, a ênfase, a intensidade, a altura, a ressonância, a qualidade da voz podem

se modificar, atendendo melhor às condições da relação com o outro interlocutor" (p.395). Esse conjunto de características vocais referido pela autora é o que chamamos em nosso trabalho de comportamento vocal.

A voz faz parte do indivíduo e não pode ser dissociada de seu mundo, é elemento fundamental da comunicação e surge associada a todas as influências do contexto. Chamaremos de comportamento vocal a emissão vocal, definida pela voz, com todas as qualidades acústicas, e sensoriais e posturais a ela associadas. Falaremos sempre em voz no sentido acústico da transmissão da mensagem, a voz que é produzida na laringe, que articulada e ressonada na cavidade oral produz uma reação nos ouvidos dos interlocutores, sendo captada e decodificada em símbolos de uma linguagem oral, conseguindo assim efetivar a mensagem do ser falante. Voz que emana de um ser envolvido com o seu ambiente, com seu contexto de trabalho. Voz como elemento de inter-relação que pode modificar o contexto, como pode e certamente recebe interferências desse contexto. Aqui nos deparamos com a psicodinâmica vocal.

Essa relação falada, assim denominada por Märtz (1987), permeia espaços entre as pessoas, numa harmonia pouco comum que, mesmo sendo cotidiana, nem sempre é ouvida. Para essa relação falada são atribuídos juízos, valores morais, culturais, pré conceitos, assim como para qualquer outro gesto ou ação humana. Muitas vezes julga-se o que é falado pela forma de dizer, numa forma eleita como a melhor pela

sociedade. O conteúdo da fala seria fixo, a voz, uma diversidade expressiva. Imagens vocais podem ser assumidas de acordo com papéis a serem desempenhados e a voz torna-se mercadoria com valor definido no âmbito das trocas sociais.

"Na tentativa de adquirir ou manter esse valor, e mesmo sem saber se é algo que lhes concerne, muitas pessoas utilizam mecanicamente parcelas de suas possibilidades vocais. Na sala de aula, uma professora fala "grosso e alto" todo o tempo, na intenção de ser clara e demonstrar firmeza frente a seus alunos, até que um dia acaba deixando de falar porque não pode mais falar como antes, segundo seus padrões do que seja autoridade ou melhor, no caso, autoritarismo". (Märtz,1987, p.174-5)

Esse valor dado socialmente `a voz é a impressão do ouvinte `as variações dos componentes vocais durante a fala do interlocutor, resultando no que chamamos anteriormente de psicodinâmica vocal.

A psicodinâmica vocal é definida por Behlau & Pontes (1990, p.24) como as informações que a qualidade vocal contém e os efeitos da voz produzida pelo falante sobre o ouvinte. Essas informações surgem com a dinâmica que a voz apresenta constantemente, dependendo do contexto e dos interlocutores. São informações que fornecem pistas sobre o falante, seu modo de ser, sua saúde geral e, sobretudo, sobre sua intenção no momento da transmissão da mensagem. A avaliação dessa psicodinâmica depende de alguns parâmetros que têm relações com a impressão do ouvinte: ressonância

de voz, frequência, intensidade, articulação, velocidade, ritmo, respiração e extensão vocal (Behlau & Pontes, 1992, p. 54).

De acordo com Behlau & Pontes (1995), devemos entender como **ressonância** a moldagem e a projeção do som no espaço. A **frequência** é a sensação psicofísica do som ser mais grave ou mais agudo. Já a **intensidade** é um parâmetro físico ligado à pressão de ar por baixo das pregas vocais relacionada à resistência que estas fazem à passagem da coluna de ar, é o falar alto ou forte e o falar baixo ou fraco. Quando falamos em **articulação**, estamos nos referindo ao processo de ajustes motores dos órgãos fono-articulatórios para produzir os sons da língua vigente e encadeá-los na fala. O **ritmo** e a **velocidade** são dois parâmetros conectados à articulação e representam mecanismos de controle neural, é o falar encadeado, fluentemente e é o falar rápido ou lento. O ritmo traduz a habilidade de fazer fluir o pensamento em palavras, a velocidade da fala e o número de palavras que falamos por minuto. Quando focamos **respiração**, consideramos a inspiração (entrada do ar) e a expiração (saída do ar); durante a fonação, há necessidade de coordenação entre as duas. Como **extensão vocal** entendemos uma faixa que vai do som mais grave até o mais agudo que o indivíduo consegue produzir; é a faixa de variação possível da voz cantada e da falada. Essa variação é o que chamamos de **entonação** quando na voz falada.

Magalhães et al. (1998), estudando como a voz é percebida pelos indivíduos e as influências sobre ela exercidas pelo meio ambiente no qual é usada, afirma que o emissor pode realizar modificações em sua voz de maneira voluntária ou não, mediante as mais variadas situações. A variação do comportamento vocal sofre influência da pessoa com quem se comunica, o grau de proximidade, a posição social, a personalidade do outro, além de todos os aspectos psico-emocionais emergentes no indivíduo no momento de comunicação. Para ter percepção disso há necessidade de que a expressão vocal passe a ser consciente, assim como a percepção dos efeitos desta expressão sobre o ouvinte.

Podemos dizer que o impacto causado pela voz no ouvinte reflete a intenção do falante, sua personalidade e até sua emoção. Assim sendo, a psicodinâmica vocal pode ser responsável pelos marcadores dos primeiros elos da interface professor e aluno. Lembrar sempre que essa psicodinâmica é um processo contínuo, num momento ela está presente no falante, que passa a ser ouvinte em seguida, e continuamente, é um processo presente sempre na fala de quem está falando e que será o ouvinte no momento seguinte.

Na presença de vozes sem qualquer alteração em seu som, normais do ponto de vista acústico, o comportamento vocal transmite para o falante pistas muito próximas da realidade de sua personalidade ou de sua emoção do momento; no entanto, com vozes

alteradas, roucas, disfônicas, estas pistas podem não refletir o que o falante realmente é e prejudicar o primeiro contato com o interlocutor.

A voz, o comportamento vocal, embora parte inerente do indivíduo, um retrato de sua personalidade, única e, por isso mesmo, elemento de identificação de cada ser pode ser trabalhada. Trabalhar a voz não significa transformá-la, mas significa sobretudo compreender que estamos diante de um mecanismo orgânico que tem seu melhor desempenho quando em equilíbrio. Buscar esse equilíbrio é trabalhar a voz.

Uma emissão vocal equilibrada permite ao falante usar sua voz com a melhor performance e com menor esforço, permite-lhe variar os componentes da psicodinâmica vocal de acordo com o contexto do momento, permite um impacto vocal também equilibrado, facilitando a interação do falante com o ouvinte. De forma contrária, uma emissão de voz desequilibrada, com funcionalidade inadequada, leva a padrões adaptativos inadequados do aparelho fonador, forçando regiões erradas e produzindo, a longo prazo, alterações reais nas estruturas de seus componentes. A voz pode perder sua qualidade original, ficando rouca, apresentando disfonias cada vez mais acentuadas e chegando a impedir o exercício profissional, em atividades nas quais a voz é um elemento fundamental. Uma desordem de voz pode reduzir a inteligibilidade da fala e tornar a voz esteticamente inaceitável, resultando em severas perdas

personais, sociais, vocacionais e econômicas (Mattiske et al., 1998). O impacto de desordens vocais em algumas profissões pode ser intenso.

As desordens vocais podem ter origens diversas, mas podem ser trabalhadas num enfoque curativo ou preventivo. No primeiro enfoque, significando reabilitar a função de fonação, buscando balancear forças e chegar ao melhor ponto de equilíbrio possível, permitindo que a voz ocorra com sua melhor performance dentro das condições reais do aparelho fonador. No segundo, prevenir o surgimento de alterações por uso inadequado. Trabalhar a voz tem sido um pré requisito de todas as profissões que têm a voz como um instrumento importante de trabalho, tais como: cantores, atores, locutores, políticos entre outras.

Quanto mais me aprofundava nestes conceitos sobre voz, mais direcionava para ela a minha meta profissional. Quanto mais estendia meus estudos na área, mais percebia o quanto era verdadeira aquela minha impressão sobre os problemas vocais enfrentados pelos professores.

Lecionando na presença de uma desordem vocal, os professores podem forçar mudanças nos seus estilos de lecionar. Reduzindo, de forma pouco programada, a demanda vocal, podem ter dificuldades em estabelecer ou manter o controle da classe ou até em desenvolver uma relação adequada com seus alunos. Uma disfunção de voz pode levar à finalização precoce de uma carreira de professores

capazes e experientes, levando a sérios problemas pessoais, emocionais e econômicos.

Minhas pesquisas foram se concentrando na área de voz e, mais especificamente, se voltaram para a problemática da voz do professor, ou melhor, para o som acústico desta voz, para o comportamento vocal, para toda a dinâmica vocal e as alterações associadas.

A partir desse ponto, pude compreender o contexto amplo no qual a voz do professor estava inserida, englobando o próprio indivíduo professor, a estruturação de sua carreira, a sua formação profissional, o contexto social e político, a enorme diversidade de fatores que interferem no trabalho docente, seu aluno, este aluno no seu contexto social, entre tantos outros elementos. Voltei-me para a busca da compreensão da voz do professor, encarando-a como um dos instrumentos de trabalho do professor. Esta compreensão exige estudos em várias áreas do conhecimento, com interfaces de atuação. Escolhi duas dessas áreas - a fonoaudiologia e a educação - e busquei entender como a voz do professor tem sido abordada nestas duas áreas, relacionando-a às dificuldades presentes no trabalho docente e compreendendo como os professores entendem esta voz.

A intenção de investigar a problemática da voz do professor no trabalho docente justifica-se com a minha constatação de que a fonoaudiologia tem considerado a voz importante para o exercício

da profissão de professor e por isso tem feito dela objeto de muitos estudos. Porém os resultados obtidos não parecem ter conseguido despertar o mundo do professor para os cuidados com esta voz.

Por outro lado, a evolução da profissão de professor com todos os fatores interferentes que, direta ou indiretamente, incidem no trabalho docente, a complexidade dos problemas intrínsecos e extrínsecos à figura do professor, a estrutura das instituições de ensino vinculadas a diversos interesses políticos, as inúmeras mudanças nas diretrizes do trabalho, entre tantos outros problemas relacionados à carreira docente, estaria impedindo uma atenção mais direcionada para a voz desse professor. Mesmo sendo a voz importante, pode ser que sua problemática esteja ainda num grau inferior às outras problemáticas da carreira. Dessa forma, pode estar sendo ignorada nos estudos da área da Educação, ou mesmo ignorada pelos professores. Esta espécie de barreira estaria marcando as dificuldades encontradas pelos fonoaudiólogos no trabalho de prevenção de problemas vocais entre os profissionais professores. Esta barreira é o problema deste estudo. Ultrapassar isto significa entender esta voz sob o olhar de todos os envolvidos na tentativa de aproximar seus focos de visão.

Para Bachelard (1996), o pensamento científico é caracterizado pela possibilidade da retificação de erros, pela possibilidade de superação de obstáculos, como o peso concreto de muitos conhecimentos empíricos racionalizados. Algumas vezes, estes

conhecimentos apontados por idéias ganham um valor indevido, exagerado, opondo-se à circulação de novos valores, trazendo uma inércia ao espírito científico. Este autor prefere reconhecer uma ruptura e não uma continuidade para o pensamento científico. Para ele há necessidade de desprender o pensamento do empirismo imediato e perceber o fenômeno de outro ponto de vista, sem deixar que falsos rigores bloqueiem o pensamento científico.

No presente estudo, a ruptura com os enfoques de pesquisa até então produzidas em voz não será realizada com a negação dos conhecimentos já obtidos pelas pesquisas anteriores, mas sim com a busca de novas direções a serem tomadas, na observação dos problemas ainda sem solução, ocultos de formas diversas, na busca de novos olhares e novas maneiras de relacionar o problema e sua solução. Ver o problema de outro ponto de vista, como sugere Bachelard (1996).

Uma aproximação efetiva do fonoaudiólogo com o professor pode ocorrer com a abertura de novos caminhos de contato. A aceitação de que a voz é um instrumento de trabalho para o professor, como o querem os fonoaudiólogos, passa indubitavelmente pela visualização de sua importância no trabalho docente. Dessa forma, com novos caminhos visualizados e um novo enfoque obtido, as barreiras para uma abordagem mais efetiva sobre voz começariam a ser transpostas. Dessa forma, com um valor real, a voz poderia ser cuidada, preservada e explorada com melhor adequação pelos profissionais das duas áreas.

Assim, tais considerações trouxeram-me algumas inquietações: O que existe na área da educação relativo a essa questão da voz do professor? Como será que a voz tem sido enfocada nessa área? Qual a visão dos próprios professores sobre a voz? Como ele a encara, percebe, sente? Será que a voz é percebida pelo professor como um instrumento importante para o seu trabalho na sala de aula? Estas questões impulsionaram a realização do presente estudo da forma como descrevo a seguir.

Relaciono a seguir os capítulos que constituem o presente estudo da problemática exposta nesta introdução.

No capítulo denominado **Delineamento da pesquisa**, demarquei os objetivos do presente estudo e a metodologia que segui para desenvolver o trabalho. O ponto de partida para as reflexões propostas foi a bibliografia específica sobre voz do professor, publicada nos últimos 15 anos, contida no capítulo intitulado **Entendendo a problemática vocal do professor**. Estudar a voz do professor implicou diretamente estudar essa voz na profissão e na reflexão dos fatores que regem o trabalho docente. O capítulo denominado **Refletindo sobre o problema vocal do professor** foi edificado na forma de diálogo entre áreas, refletindo sobre a problemática vocal do professor à luz dos inúmeros fatores que influenciam seu trabalho docente. Sendo o presente trabalho um estudo sobre voz do professor, estive também buscando referências sobre a voz do professor, voz como som acústico,

componente do processo de comunicação, enfocando assim como ela tem sido entendida na Educação, sua valorização e seu aproveitamento na complexidade do processo educativo. Complementei esta dissertação com a opinião dos professores sobre a voz na profissão no capítulo denominado **Voz na voz do professor**. O capítulo final, denominado como **As interfaces e o valor da voz no trabalho docente - considerações finais**, delineou o papel da voz na carreira docente de forma a aproximá-lo da realidade da Fonoaudiologia, da Educação e da opinião dos professores.

2. DELINEAMENTO DA PESQUISA

O ponto de partida desta pesquisa foi gerado quando, ao realizar as primeiras aproximações com o tema **a voz do professor**, percebi a exiguidade de informações a respeito do assunto na área da educação e, em contrapartida, muitos estudos valorizando a voz do professor como instrumento de trabalho, uma preocupação marcante em preservar a qualidade vocal do professor associada ao seu desempenho profissional, na área da fonoaudiologia. Esta diferença de encarar a voz e o comportamento vocal parece estar produzindo uma espécie de barreira para avanços das pesquisas e dos projetos de saúde vocal oferecidos pelos fonoaudiólogos aos professores. Tais constatações encaminharam-me para os objetivos deste estudo.

2.1 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Configurar as interfaces da voz do professor sob a visão de duas áreas do conhecimento, fonoaudiologia e educação, e sob a perspectiva do próprio professor.

Objetivos Específicos

Caracterizar a problemática da voz do professor presente nos estudos da área fonoaudiológica. Identificar, nos estudos sobre trabalho docente, a presença da voz do professor. Conhecer a opinião dos professores sobre voz. Identificar um valor para a voz do professor.

2.2 METODOLOGIA

Com a finalidade de desenvolver este trabalho, o estudo exploratório foi eleito, pois visou-se, na realidade, intensificar o conhecimento sobre a voz do professor no contexto de seu trabalho. O estudo exploratório, segundo Selltiz et al. (1965), visa:

"intensificar a familiaridade do pesquisador com o fenômeno que êle deseja investigar, em um estudo subsequente de contextura mais elevada ou do ambiente em que êle pretende realizar tal estudo, esclarecer conceitos; estabelecer prioridades para pesquisas posteriores; colher informações sobre possibilidades práticas para realizar pesquisas em ambientes da vida real; fornecer um recenseamento de problemas considerados urgentes, por pessoas que trabalham em um determinado setor de relações sociais." (p.62)

Selltiz et al. (1965) defende o estudo exploratório quando temos uma teoria demasiadamente genérica ou, ao contrário, excessivamente específica, em que a problemática da voz se encaixa, a fim de fornecer uma orientação útil na formulação de novas hipóteses para investigações futuras mais definidas. Para o autor, um trabalho experimental terá valor teórico social, se for aplicável a controvérsias explícitas, e "tal aplicabilidade pode resultar da adequada exploração das extensões do problema, a qual a pesquisa procura abordar" (p.63). É o estudo exploratório que traz esta visão, lembrando que "os estudos exploratórios induzem apenas a discernimentos ou hipóteses; eles não os examinam nem demonstram" (p.77).

Um estudo exploratório permite uma reorganização dos pensamentos já existentes sobre a problemática da voz do professor, numa tentativa de reconstruir o pensamento sobre a voz, focando as

reações do homem comunicante, suas relações com essa voz, buscando ainda aquilo que não é visível, quantificável, mas o que é atuante no comportamento vocal.

Os métodos, sugeridos por Selltiz et al. (1965), como os mais adequados para a busca de variáveis são: um retrospecto relacionado de bibliografia pertinente ao problema de pesquisa, um recenseamento de pessoas que tiverem experiências práticas com o tema a ser estudado e uma análise dos exemplos.

A bibliografia explorada traz um balanço das publicações sobre voz do professor em artigos de revistas científicas, resumos de apresentações em congressos, em livros, dissertações e teses na área fonoaudiológica, abrangendo os últimos 15 anos; material este acumulado no decorrer de meu exercício profissional, na elaboração de pesquisas anteriores sobre voz do professor e na busca atual dos textos em que o assunto voz do professor estiver sendo abordado.

Selltiz et al. (1965) sugere que a revisão bibliográfica não se detenha aos estudos de relação direta com o tema escolhido, mas que se estenda a setores de contextos diversos. No caso desta pesquisa a ampliação foi realizada com estudos na área de educação, mais precisamente sobre trabalho docente. Estes textos foram escolhidos de forma a construir, sem a intenção de esgotar o assunto, uma idéia sobre os fatores importantes e interferentes na construção do trabalho docente. Muitos destes fizeram parte da minha formação como aluna da Pós-

Graduação em Educação Escolar - UNESP- Araraquara, e outros foram escolhidos de forma a complementar os conhecimentos necessários sobre os temas de interesse.

Para atender aos objetivos da pesquisa optou-se por realizar entrevistas com cinco professores, que fornecerão dados sobre suas experiências práticas com voz na rotina profissional e pessoal. A análise dos dados encontrados será indubitavelmente qualitativa, mas quantificações estarão presentes para os dados objetivos encontrados e para as opiniões dos professores sobre voz, quantificando grupos de respostas qualitativas sobre o assunto.

O enfoque deste estudo será, então, de análise qualitativa, desenvolvendo uma interação dinâmica entre os materiais e sua análise. O material colhido no levantamento bibliográfico será analisado buscando interações com o tema básico de pesquisa, a voz do professor no trabalho docente. A entrevista foi usada como instrumento para captar a visão dos professores sobre o assunto voz na docência, mediante roteiro semi- estruturado, levando o professor a refletir sobre seu uso vocal e o valor dado `a voz na docência.

A relevância, apontada por Selltiz et al. (1965), desta investigação com profissionais da área estudada é de que eles "adquirem na rotina de seu trabalho um reservatório de experiências que podem ser de valor incalculável" (p. 67), especialmente quando se deseja informações sobre as diversas influências que operam em situações distintas, constituir uma

fonte de hipóteses e obter informações sobre as possibilidades práticas para futuras pesquisas. No caso da voz do professor isso se torna fundamental; é difícil estudar algo que ocorre em contextos diversos, sem informações dos próprios usuários desta voz e suas experiências profissionais e pessoais.

Reforçando este posicionamento, a entrevista, segundo Lüdke & André (1986), representa um dos instrumentos básicos para coleta de dados na pesquisa qualitativa. Tem um caráter de interação, com uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Permite uma captação imediata da informação desejada e um aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas, sendo extremamente eficaz na obtenção das informações desejadas. Exige respeito ao entrevistado, ao universo próprio de quem fornece as informações, incluindo o vocabulário cuidadosamente adequado ao entrevistado; exige também do entrevistador a capacidade de ouvir e estimular o fluxo natural das informações, garantindo um clima de confiança.

Segundo Triviños (1995) há três fases básicas para a realização de uma entrevista: a preparação do pesquisador, sua atuação durante a entrevista com o sujeito e o estudo do material obtido. A fase de preparação do pesquisador envolve a elaboração do roteiro da entrevista, inclusive pensando nos tipos de perguntas que poderão sofrer variações

à luz das respostas dos indivíduos. Importante pensar em perguntas chave, claras, simples e que não exijam explicações complexas.

O roteiro de entrevistas deste estudo foi elaborado buscando obter dados pessoais e profissionais, e dados gerais sobre os aspectos que os professores destacam e valorizam como fundamentais para sua atuação na profissão com uma performance bem sucedida; dados específicos sobre o valor da voz na atuação profissional, sobre o impacto da voz de seus antigos professores na própria memória como alunado e sobre conhecimentos adquiridos ou necessários sobre voz. Um primeiro roteiro foi elaborado e analisado de forma conjunta com a orientadora desta pesquisa e, depois, apresentado a outras duas professoras do programa de pós graduação. Foi realizada também uma aplicação piloto e ajustadas as questões e a conduta da entrevistadora, chegando-se assim ao modelo que consta no anexo 1. Conseguiu-se então uma sistematização, fornecendo à entrevista uma certa estrutura para assegurar que todos os entrevistados respondessem às questões pertinentes ao presente estudo, mas também permitindo "ao respondente suscitar pontos e questões, não consideradas previamente pelo pesquisador" (Selltiz et al., 1965, p.69)

Segundo Triviños (1995), o pesquisador ainda deve cuidar de não exercer diretividade em suas ações, induzindo as respostas. A fase da execução da entrevista exige do investigador atenção constante ao que o sujeito fala; é proibido corrigir ou completar as respostas do

sujeito, seja na forma, fundo ou conteúdo, mas é permitido pedir esclarecimentos diante de respostas ambíguas. É uma fase importante.

"em todos os momentos estão sendo avaliadas hipóteses, concebidas outras, avançando no esclarecimento das interrogativas principais e secundárias que na etapa preparatória foram levantadas e que nesta fase serão confirmadas, respondidas, deixadas de lado, consideradas com novos matizes ou formuladas outras". (p.169)

As entrevistas foram realizadas seguindo estes cuidados. Foram gravadas em audio de forma ininterrupta e transcritas literalmente compondo o material a ser analisado. O local da gravação variou dependendo da disponibilidade dos professores, feito na própria escola em que trabalham, em suas casas, sempre de forma a estar presentes somente entrevistador e sujeito, num ambiente tranqüilo e sem tempo pré determinado para finalizar. Em média duraram uma hora e meia.

Segundo Triviños (1995), para a análise do material reunido, é necessário organizar as informações, classificá-las e interpretá-las dentro de um contexto amplo, distinguindo o fundamental, atingindo as conexões com o quadro teórico de um contexto maior.

As análises feitas compreenderam tanto o enfoque qualitativo quanto o quantitativo. O material obtido com as entrevistas foi estudado atendendo ao objetivo dessa pesquisa, ou seja, conhecer como os professores entendem a voz no exercício da profissão e que valor dão a ela. Foram então estipulados alguns focos de análise que se constituíram a partir da classificação dos aspectos diversos que surgiram nas entrevistas, os quais foram agrupados caracterizando-se seus

conteúdos e diferenciando-os. Cada foco teve seus aspectos quantificados de acordo com a sua ocorrência. Por exemplo: se um professor emitiu uma diversidade de aspectos sobre um mesmo assunto, cada aspecto diferente foi quantificado separadamente; e no caso do aspecto ter sido apontado por mais de um entrevistado, este foi quantificado em dobro ou em triplo ou em quantas vezes ele tenha aparecido. Ou seja, procurou-se quantificar o qualitativo de cada resposta a fim de obter os aspectos realmente mais citados, apontando então as diversas visões sobre voz emitidas pelos professores. Estes aspectos constituíram as subdivisões de cada foco. Foram feitos comentários sobre cada foco, buscando relacionar as referências sobre o trabalho docente, realizadas pelos professores, à teoria abordada até então e à relevância dada ou não à voz.

Citações literais de trechos da entrevista foram reproduzidas para exemplificação de informações contidas nos depoimentos e serão denominadas como vinhetas; nestas vinhetas será mantida a linguagem usada pelo professor, contendo ou não deslizes de estruturação sintática ou semântica.

A escolha dos sujeitos

A escolha dos sujeitos foi realizada seguindo diretrizes do estudo exploratório. Procurei de forma equilibrada selecionar entre professores da rede pública e privada de ensino, tentando obter

informações de profissionais de diferentes níveis de atuação para dar consistência ao material de análise, tanto em qualidade como em quantidade, atendendo orientação de Seltiz et al. (1965):

"É desejável entrevistar pessoas de diferentes níveis em cada grupo (.....) não existe uma regra simples para a determinação do número de informantes que devem ser entrevistados, em um levantamento de experiência. A certa altura, o pesquisador descobrirá que as entrevistas não fornecem novos discernimentos e que as respostas coincidem em um padrão, com o qual ele já está familiarizado. Neste momento as entrevistas posteriores tornam-se cada vez menos compensadoras". (p. 68)

Orientada desta forma, empenhei-me em descobrir sujeitos com um reservatório amplo de experiências docentes, com prováveis percepções das próprias vozes em suas atuações profissionais.

Não é objetivo deste trabalho, em se tratando de um estudo exploratório, estar cruzando as informações obtidas com variáveis pessoais e profissionais, mas sim apontando-as e localizando nelas a importância da voz na visão dos professores entrevistados.

Desta forma foram selecionados cinco professores, um do sexo masculino e quatro do sexo feminino. A identificação de cada entrevistado foi feita por um número (P1, P2 e assim por diante) sem identificar o nome ou o sexo. Não houve seleção prévia dos professores que já tiveram informações sobre voz ou não. Um cuidado foi tomado, ou seja, de não arregimentar os sujeitos provenientes de escolas que já passaram por um processo de saúde vocal do professor, ou que individualmente fizeram algum tipo de tratamento em clínica

fonoaudiológica. A qualidade vocal não foi um fator de exclusão na escolha da amostragem, não sendo nosso objetivo avaliar essas vozes. Os professores escolhidos deveriam ser atuantes, independente do tempo de magistério ou tipo de atuação, e tiveram conhecimento prévio sobre os objetivos do presente estudo, consentindo na sua participação. Inicialmente foi realizado um primeiro contato explicativo sobre a razão da entrevista e sobre o tema da dissertação.

Todos os professores consentiram em participar deste estudo, conscientes de que sua identidade não seria revelada, e demonstraram interesse em estar contribuindo para uma pesquisa relacionada à voz. A data e local da entrevista foram marcados segundo a disponibilidade pessoal e profissional de cada professor.

Tendo estruturado o trabalho desta forma, passo a desenvolver, no próximo capítulo, a problemática vocal encontrada nos estudos sobre voz do professor.

3. A PROBLEMÁTICA VOCAL DO PROFESSOR

A voz, ocupando seu lugar como principal veículo transmissor da mensagem e elemento fundamental nas interações sociais, vem sendo foco de atenção e cuidado em muitas áreas profissionais. Muitos estudos da área médica, otorrinolaringológica e fonoaudiológica, sobre a voz do professor, surgiram de forma intensa a partir da década de 80, decorrentes da demanda desse tipo de profissional nas clínicas de otorrinolaringologia e fonoaudiologia, em busca de cuidados para as alterações presentes em suas vozes, como rouquidões de diversos tipos, interferentes no desempenho de suas funções profissionais. Esta demanda acabou despertando os pesquisadores, mundialmente, para uma problemática que deveria ser estudada.

Nos últimos quinze anos, a maioria das pesquisas buscou definir ou conhecer desde a nomenclatura adequada para esta problemática, até quantificar as alterações das vozes dos professores, suas causas, tanto orgânicas como funcionais, aprofundar os dados acústicos da própria voz e do ambiente de trabalho, buscar relações com a personalidade do professor, firmar dados sobre o tratamento preventivo e curativo das disfonias dos professores, estruturando cuidados básicos com este tipo de voz profissional. Interessante notar que isso faz parte de um movimento em muitos países, com o intuito de desvendar os mistérios

da saúde vocal dos professores e que tem sido e continua sendo um incentivo para muitos pesquisadores.

Este movimento, iniciado com estudos sobre a ocorrência do problema de voz do professor, desmembrou-se em vários enfoques para definir os tipos de alterações presentes e as causas dessas alterações. O professor foi sendo encarado como um profissional que depende da voz, e a sua profissão, de alto risco vocal. A partir disso, os estudos se intensificaram e novamente se desmembraram. Foram surgindo então investigações que visavam a elaboração de projetos de saúde vocal, de caráter preventivo e tentativas de traçar o perfil vocal do professor, focalizando a percepção dos próprios professores sobre alterações sinestésicas, auditivas e de voz no decorrer do tempo. Os vários enfoques aparecem de maneira dispersa ou pulverizada nos estudos; no entanto, todos são relevantes para o entendimento da problemática vocal do professor. Dessa forma, é difícil a tarefa de tentar agrupá-los. Mesmo assim, fiz diversas tentativas, e a melhor opção encontrada foi a de seguir uma lógica, explicando a problemática da voz do professor independente da ordem cronológica dos estudos e do tipo de metodologia adotada. Busquei organizar o levantamento bibliográfico a partir dos enfoques dos estudos.

É oportuno dizer que uma pesquisa poderá ser abordada mais detalhadamente, quando seu enfoque principal estiver em evidência,

mas também poderá ser citada outras vezes, quando os seus apontamentos secundários estiverem sendo focalizados.

Iniciei este processo de mapeamento da bibliografia dos últimos 15 anos sobre voz do professor, destacando **o professor como profissional da voz**. Há alguns anos, os professores vêm sendo analisados como profissionais que utilizam a voz e classificados como tal. Várias nomenclaturas, porém com poucas diferenças conceituais, aparecem na bibliografia pesquisada.

Alguns pesquisadores americanos, voltados para o estudo da voz profissional, têm buscado definir a profissão de professor como usuária de voz. Para Winer & Sataloff (1987) os professores são falantes profissionais e foram assim classificados por estes autores, quando estabeleceram quais profissões têm a voz como relevante.

Este tipo de preocupação está presente também no estudo de Koufman & Isaacson (1991), quando procuram alguns parâmetros para designar as relações que as profissões têm com a voz. Estes autores elaboraram uma classificação composta por quatro níveis de graduações variadas, indicando a interferência que alterações vocais podem trazer para o desempenho profissional: nível I, usuários de voz de elite, composto por cantores profissionais e atores, para os quais até problemas discretos de voz levam a sérias conseqüências profissionais; nível II: usuários de voz profissional, para os quais alterações moderadas de voz podem limitar sua performance profissional (padres, oradores

públicos, telefonistas, etc); nível III, usuário que depende da voz porém não exclusivamente, somente não têm boa performance profissional quando apresentam disfonia severa (professores, doutores, juizes, vendedores, etc); e nível IV, usuário cuja profissão independe de voz (operários, costureiras, etc), mesmo estando sem voz não há prejuízo da performance profissional. Colocam que estes níveis e as profissões neles enquadradas não podem ser encarados de forma estática.

Stemple (1993 a, b), descrevendo várias técnicas para adequar a capacidade vocal à demanda profissional em usuários da voz, afirma serem os professores profissionais da voz. Dessa mesma forma são chamados em outros estudos de enfoques diversos, tais como os de Boone & Mc Farlane (1994), Mitchell (1996), e Titze et al.(1997).

Pesquisadoras brasileiras também classificam o professor como um profissional que usa a voz e fazem suas denominações para valorizar a voz nesta profissão, ora seguindo nomenclaturas já usadas anteriormente, ora criando outras designações. Rodrigues et al. (1996), em seu artigo sobre as diversas nomenclaturas da voz falada, enquadraram os professores como profissionais que fazem uso da voz e que, na presença de alterações moderadas na voz, sentem impacto profissional (nível II proposto por Koufman & Isaacson, 1991). São denominados de portadores de voz profissional por Servilha (1997) e de usuário de voz por excelência por Thomé de Souza & Ferreira (1998).

A maioria dos estudos concorda em ressaltar a voz como muito importante na carreira docente e o professor como um profissional que tem na voz um de seus principais meios ou instrumentos de trabalho.

O material encontrado na bibliografia também não deixa dúvidas sobre as proporções, ditas alarmantes, da **ocorrência de alterações de voz** entre os professores. Os estudos a seguir enfocam tal questão, abordada direta ou indiretamente.

Oyarzún et al. (1984), pesquisadores chilenos, analisando patologias laríngeas em 49 professores e estudantes de pedagogia, que perfaziam 25% de todos os pacientes do serviço médico avaliado, encontraram alterações funcionais em 90% deles, ou seja rouquidões por uso indevido de voz. Garcia et al. (1986), também ficaram preocupados com o alto índice (53%) de vozes alteradas entre os professores cubanos que estudaram e apontam a necessidade de atenção especial relacionada à voz nesta classe profissional. Mathieson (1993), examinando professores ingleses com vozes alteradas e buscando relacionar a disfonia hiperfuncional, por tensão excessiva muscular, e o desconforto gerado, encontrou 56% dos sujeitos com reais mudanças nas estruturas das camadas de tecidos que formam as pregas vocais.

Smith et al. (1997), um grupo americano de pesquisadores interessado em aspectos epidemiológicos da saúde vocal, aponta os professores como 2% da população americana empregada que

são nada mais do que 16,4% dos pacientes que buscam ajuda por problemas de voz no centro de Medicina de Iowa e de Salt Lake City. Perante isso, fizeram um estudo com diversos profissionais, investigando por intermédio de questionários seus aspectos vocais. Os professores acusaram mais problemas vocais (67% contra 33% de não professores), perceberam efeitos negativos na profissão e 20% deles já haviam perdido a voz contra nenhum do grupo de não professores. Essa ocorrência alta de problemas de voz fica reforçada em outro estudo de Smith et al. (1998 b), no qual comparam a frequência de queixas vocais entre professores de ensino de crianças, com a encontrada entre profissionais de outras profissões, sendo que 93% dos professores apontam problemas intermitentes, porém recorrentes, contra baixíssimos índices nas outras profissões, embora todas tenham sintomas como cansaço ao falar. Titze et al. (1997), encontraram 20% de professores entre seus pacientes de voz, como dado principal de seu estudo sobre ocorrência de disfonia entre pacientes americanos de diversas profissões, que buscavam tratamento em suas clínicas de voz. Em pesquisa recente Gião et al. (1999 a), ao traçarem o perfil vocal de professores universitários em São Paulo, encontraram 78,1% de professores roucos. O mesmo ocorreu com Vaz et al. (1999), que encontraram 75% dos professores de ensino infantil e fundamental da rede Municipal de Ensino de São Paulo, com queixas vocais de algum tipo de rouquidão.

A ocorrência alta de professores nas clínicas de voz e também de problemas de voz entre os professores de uma forma geral nos leva a compreender que esta profissão pode estar exigindo cuidados relevantes direcionados à voz. Para tanto, a necessidade de se conhecer melhor o que acontece com esta voz passou a ser um foco de estudo relevante.

Assim sendo, alguns pesquisadores direcionaram sua atenção para o conhecimento das **modificações nas vozes** dos professores tanto no final do dia de exercício profissional, como com o passar do tempo, no decorrer de sua carreira. Isto não significa sempre presença de vozes roucas, disfônicas, mas sim presença de modificações na voz habitual dos indivíduos, dando sinais de uso incorreto ou de desgaste vocal.

Smith et al. (1998 a) estudando, neste trabalho, os problemas vocais e os fatores relacionados entre professores do sexo feminino (280 indivíduos) e masculino (274 indivíduos) do ensino elementar e secundário de Iowa, Estados Unidos, observou que 38% de sua amostra apontava modificações em suas vozes com o exercício da docência, e 39% destes diminuíram suas atividades de ensino como decorrência de um prejuízo vocal.

O grupo brasileiro de Scalco et al. (1996), investigando a saúde vocal de 50 professoras de séries variadas por meio de questionários e análise perceptivo auditiva das vozes, encontraram 80%

das professoras relatando alterações na qualidade da voz no final do dia de trabalho e 72% percebendo modificações no decorrer da carreira.

Em estudos com análise vocal pré e pós exercício de docência em períodos diversos de aula, muitos dados relevantes foram encontrados sobre as modificações na qualidade vocal das vozes destes profissionais do magistério. Misterek et al. (1989), na Alemanha, estudando 30 professores, identificaram 15 deles com problemas vocais e constataram presença de desgaste vocal, após um dia de trabalho, nos dois grupos de professores. Fabiano & Brasolotto (1998), pesquisadoras brasileiras, estudando modificações vocais do ponto de vista acústico, entre os professores universitários de Baurú, interior do estado de São Paulo, encontram alterações acústicas na voz após a aula em 65% de sua amostra. E, quando estudamos longitudinalmente (Dragone et al., 1999a) em Araraquara, São Paulo, professoras de diferentes graus de ensino, com um intervalo de tempo de dois anos de exercício profissional, encontramos 65,2% de piora na qualidade vocal de suas vozes.

O que estaria contribuindo para esta piora vocal no decorrer do exercício profissional? Na bibliografia abordada, o problema de voz do professor acusa ser decorrente de infindáveis fatores. Muitos estudos tentam definir os mais importantes, às vezes não como objetivo principal, mas com a preocupação de elucidar e futuramente prevenir o problema vocal em questão. Há assim uma grande quantidade de estudos buscando demonstrar a **diversidade de causas das alterações de voz**

entre os professores. Todos os fatores que serão apresentados podem ser encarados como inerentes à profissão docente, ao focalizarem desde as condições básicas de trabalho do professor, os aspectos sociais, afetivos, individuais, hierárquicos, educacionais, presentes na situação de ensino e no contexto da cultura da escola, até aqueles ligados mais diretamente à saúde física do professor.

Oyarzún et al. (1984), apontam como causas principais de alterações vocais o desconhecimento sobre o comportamento vocal normal e o manejo do aparelho fonador, com o agravante do esforço vocal excessivo; não deixam muito distantes os problemas psíquicos de cada indivíduo que geram tensões permanentes.

Garcia et al. (1986), também acusam o uso excessivo e incorreto da voz, denominados por abuso vocal e mau uso, como os principais responsáveis por uma série de transtornos capazes de levar o professor a ter uma disfonia.

Sarfati (1987), estudioso francês, numa pesquisa envolvendo 30 professores iniciantes, aponta uma grande dificuldade adaptativa à demanda vocal específica dos professores como a principal causa de problemas de voz entre seu grupo de estudo. Este autor, em outra pesquisa (Sarfati,1989) com 90 professores que acusavam alterações vocais, relaciona algumas causas de disfonia entre eles: classes numerosas e ruidosas, má adaptação vocal do professor quanto à quantidade e qualidade vocal, constituição vocal individual, história de

vida de cada paciente; uso predominantemente de linguagem oral para professoras de língua viva (por exemplo de português ou inglês); professores de esporte com problemas acústicos ambientais, fala associada a esforço glótico, ordem ritmada e encorajamento dos alunos por gritos; para professores de música, a alternância de voz cantada e falada continuamente, em geral sem técnica trabalhada e grande exigência acústica; e proximidade da frequência fundamental da mulher (timbre mais agudo) com a das crianças (no caso do ensino maternal), que dificulta a inteligibilidade da fala da professora com as vozes da criança como ruído de fundo, o que evoca fadiga vocal

Dificuldades presentes na laringe feminina também foram apontadas por Smith et al. (1998 a). Os autores em questão, encontram que as mulheres têm mais problemas vocais que os homens, e associam isso a menor quantidade de ácido hialurônico no organismo da mulher. O ácido hialurônico é uma substância importante como componente de resistência e de compressão da lâmina própria da prega vocal, e está envolvida no reparo, regeneração e proliferação de problemas de tecidos mucosos, como o presente na prega vocal. Esta pesquisa americana é a primeira em que mulheres apontam ter mais problemas de voz que os homens independente das características de ensino que utilizam e dos anos de docência. No entanto não houve diferenças entre os gêneros sobre a adversidade que os problemas vocais causam para a carreira presente e futura no magistério. O ensino de Educação Física é

apontado, também, como de alto risco para a voz, assim como carga horária muito alta para docentes do sexo feminino.

Calas et al. (1989), estudaram 100 professores franceses com alterações de voz e apontaram que uma das principais causas das alterações era de natureza funcional, ou seja, decorrente de uso inadequado do comportamento vocal. Também ressaltaram que 85% dos professores eram mulheres e destacam que a laringe feminina tem volume reduzido, ocasionando dificuldades em adaptações à grande potência vocal necessária, porque a voz feminina tem pouca diferença tonal da voz da criança (alunos), o que leva à necessidade de maior potência; marcaram também a grande sensibilidade psicológica da mulher, geradora de tensões. No decorrer do estudo, mencionam outros fatores favorecedores da presença de disfonia: infecções de ouvido, nariz e garganta, alergias, fumo, tratamentos hormonais e problemas endocrinológicos, menopausa, múltiplos estresses ligados ao exercício profissional, problemas estáticos de coluna vertebral, abuso vocal extra profissional, refluxo gastroesofágico e doenças pulmonares.

Mathieson (1993), fez um estudo com o objetivo de investigar a relação entre disfonia hiperfuncional e desconforto no trato vocal, num grupo de pacientes atendidos na *Speech Therapy Voice Clinic- ENT*, Inglaterra, e, adicionalmente, relacionar desconforto com danos na prega vocal. Acredita que o esforço muscular leva a danos no trato vocal pela ação muscular muito intensa. Nos estágios iniciais do mau

uso vocal, não ocorrem alterações permanentes na mucosa da prega vocal; a voz pode deteriorar durante o dia e retornar na manhã seguinte, mas, quando se abusa significativamente da voz, mudanças histológicas podem acontecer e resultar em danos da mucosa das pregas vocais.

Blake & Busby (1994), atestam em seu estudo que as condições acústicas das classes de crianças entre 5 e 7 anos, na Nova Zelândia, podem causar prejuízo na percepção auditiva das crianças. As condições acústicas encontradas foram pobres e não permitiam o adequado reconhecimento das mensagens emitidas pelas professoras para crianças normais.

Ao estudar a voz em várias profissões, Mitchell (1996) aponta alguns problemas presentes entre os professores, como lecionar muitas vezes em ambientes velhos, empoeirados, mofados, com poeira de giz, pouca acústica e sem amplificação; defrontar-se com uma audiência pouco receptiva de vários graus de conhecimento, o que leva a estresse; não aquecer a voz antes de lecionar; ter intervalos de descanso inadequados, e tomar muito pouca água. Como resultado, os problemas vocais surgem e são fontes de frustrações e estresse. Menciona muitos fatores que levam a um problema de voz; alguns o indivíduo pode controlar, outros não. Faz uma lista desses fatores e suas implicações no organismo do ser humano. Cita a idade, infecções, doenças, medicações, respiração, articulação e ressonância de fala, vibração de pregas vocais,

hidratação, predisposições genéticas, abusos excessivos e traumas laríngicos.

Rantala et al. (1997), em um estudo acústico com 11 professoras em situação de sala de aula, na Finlândia, como parte de um grande projeto para desenvolver métodos de coletar amostras de voz em ambientes de trabalho, referem que a qualidade acústica das vozes varia demais, independente das condições do ambiente, apesar de acreditarem que a demanda vocal pudesse estar associada ao ambiente de trabalho.

Russell et al (1998), também num estudo de larga escala entre os professores da Austrália, por questionários, apontaram os seguintes fatores interferentes para presença de alterações de voz: sexo (mulheres de maior risco do que homens) e idade. Não foram encontrados dados significativos que apontassem o nível de atuação como causal. Houve relação entre o tempo de recuperação e a severidade de problemas vocais. Poucos professores buscavam ajuda profissional para seu problema de voz, e muitos encaravam o problema como um fatalidade da carreira.

No artigo de Martin (1994), quando aborda o seu projeto de saúde vocal desenvolvido na Inglaterra, assim como em seu livro "The teaching voice" (Martin & Darnley, 1996), há referências sobre a alta demanda vocal e sobre o desconhecimento dos principais cuidados com a voz entre os professores do Reino Unido. As autoras acreditam que alterações vocais são aceitas como fatídicas na docência. Esta

fatidicidade leva a poucos cuidados vocais e, conseqüentemente acentuam as disfonias entre os professores.

Entre os pesquisadores brasileiros, as causas prováveis de disfonias entre professores também são vastamente exploradas em diversos tipos de estudos, dando a impressão de que os profissionais buscam de qualquer forma identificar elementos que possam ser atacados mais objetivamente para promover a erradicação do problema de voz. Os dados apontam para uma problemática muito mais complexa.

Servilha (1997), em seu estudo investigativo com 29 professores universitários brasileiros que responderam a questionários abertos, abordando o conhecimento do professor sobre a produção da voz, a percepção das características vocais e dos fatores desencadeantes de problemas vocais, acredita que, entre estes professores universitários, a voz poderia estar sendo influenciada por três conjuntos de fatores: individuais (orgânicos e emocionais), entorno físico (meio físico-luminosidade, ruído, limpeza, umidade) e aspectos inerentes à atividade profissional (inter-relação entre professor e ambiente de trabalho). Esses últimos fatores se traduzem não só em diferentes estratégias de aula, domínio da sala, concepções de educação, mas também em como o uso da voz toma forma em virtude das características ambientais inerentes ao local de trabalho. As estratégias de aula, as concepções de educação e postura do professor diante da sala de aula são qualificados como fatores inerentes à atividade profissional. Esta autora ressalta ser a aula

expositiva o tipo de atividade usado predominantemente para transmitir conteúdos sob a responsabilidade do professor, e esse tipo de estratégia deixa a voz com uso mais freqüente e intenso.

Dragone (1996) e Dragone et al. (1999a e 1999b), em estudos sobre a voz de professores, constataram que o tempo de magistério, a idade cronológica e opções inadequadas de ressonância são fatores significantes na presença de disfonia, e que nível de atuação profissional, carga horária, percepção de alterações de voz, sinais de redução da resistência vocal e média de tempos máximos de fonação não foram fatores significativamente influentes na presença de disfonias entre os professores estudados.

Caracterizando a saúde vocal de professores de várias regiões de São Paulo, mediante questionários enviados para os professores responderem, vários estudos apontam causas das alterações de voz na docência: Pordeus et al. (1996) encontraram rouquidão associada ao fumo, alergias e à carga horária maior do que 19 horas semanais; Scalco et al. (1996) apontaram basicamente o uso incorreto da voz com inadequados ajustes fonatórios, variando altura e intensidade da voz, como causa de disfonias, gerando fadiga vocal freqüente entre os professores; Fernandes (1998) cita como fatores causais o falar em forte intensidade, gritar, falar rápido e cantar, alergias a giz, padrão respiratório superior, com tempos de fonação reduzidos.

Oliveira (1998) destaca, em seu artigo sobre voz de professores, que mau uso e abuso vocal são as principais causas dos problemas vocais, mas enfatiza a busca de uma visão multidimensional para abordar essa problemática, dentro de uma visão com muitas dimensões.

Telles (1998), relatando um caso clínico de uma professora, menciona como causas prováveis de seus problemas gritos constantes, uso prolongado da voz, falar em público, cantar, dramatizar e falar acima do barulho ambiental e tensão.

Azevedo et al. (1999) chega à conclusão de que há uma relação significativa entre alteração de voz e desvios de postura entre os professores, numa pesquisa envolvendo 80 professores da cidade de São Paulo, quando constataram também 77,5% das alterações posturais de cabeça com altos índices de tensão muscular.

Casanova et al. (1999) referem como causas prováveis dos problemas que agravam a saúde vocal dos professores o ruído ambiental, o giz, a presença de rinite, de azia e a ingestão freqüente de café, dados estes apurados num levantamento para averiguar a saúde vocal de 66 professores universitários em São Paulo.

Os dados dos questionários sobre incidência de hábitos vocais inadequados, distribuídos para professores do ensino infantil de Marília, São Paulo, analisados por Carvalho et al (1999), apontam os

hábitos de pigarrear, tossir com força e competir com sons de fundo como muito presentes entre os professores de sua amostra.

Gião et al (1999 b) associam em seu estudo o fenômeno do estresse como causa e como resultado de disfonias ou alterações de vozes em professores de um Universidade Privada de São Paulo.

É oportuno lembrar a existência de controvérsias sobre alguns fatores e suas relevâncias, que podem estar associados às variações ambientais, às condições do exercício profissional e às diferenças individuais dos sujeitos das amostras. A definição exata de cada fator e sua carga de responsabilidade dependem de cruzamento com outras questões, como a problemática do ensino de um modo geral. Estar alerta à presença dos fatores mencionados é importante para a saúde vocal.

Evidentemente estes fatores não atuam todos de uma vez, nem há um início abrupto de disfonia como regra da presença do problema. As alterações vocais vão surgindo de forma gradual, com a exposição do professor a alguns dos fatores mencionados. A voz parece piorar lentamente.

Alguns professores percebem o início do problema mas não sabem ao certo como remediá-lo; começam a busca intuitiva de ajustes motores inadequados do aparelho fonador e acabam muitas vezes tomando medidas preventivas sem efetividade, tais como as citadas nos estudos de Pordeus et al. (1996): chupar pastilhas, repouso

vocal e uso de produtos naturais; ou aquelas citadas por Servilha (1997) sobre a dinâmica da aula: falar mais lento, bem articulado, aumentar o volume da voz, modificar a dinâmica da aula, diminuir o tamanho das classes, manter pouco ruído ambiental e tentar melhorar a acústica das classes. Destas medidas, encontro algumas realmente efetivas como controle do ruído ambiental, mas outras errôneas, como aumentar o volume da voz.

Muitas vezes os profissionais não se dão conta do início de seu problema vocal e seguem dando aulas normalmente até que a voz realmente falhe de forma mais drástica. As causas que levariam a este descaso, segundo Scalco et al. (1996), não são definidas, nem os fatores mascarantes da problemática da voz na carreira docente foram abordados de forma efetiva nos estudos encontrados.

Descobrir se a voz está com problemas, perceber as pequenas modificações diárias, pode ser relevante para iniciar a prevenção antes do surgimento da alteração real da voz. Estudos abordando **sintomas perceptivos e auditivos** presentes durante a emissão da voz nos revelam inúmeros sintomas presentes entre os professores. Pinto & Furck (1988) falam na presença de cansaço, fadiga vocal e perda de intensidade. Calas et al. (1989) também apontam fadiga vocal associando-a com alterações de resistência vocal, impressão de que a voz não sai, dores , incômodo, irritação, bola na garganta, corpo estranho, secura e queimações. Os professores estudados por Sarfati

(1989) tinham queixas de sensibilidade faríngea, como dores na região da garganta no momento da fala, quebras nos sons da fala refletidas na dificuldade de chegar com voz até o final da frase.

Conscientes dos dados anteriores e, realmente constatando que a fadiga vocal era um sintoma muito freqüente entre os professores, Gotaas & Starr (1993), realizam um estudo entre dois grupos de professores da América do Norte: um que referia fadiga vocal e outro que não referia fadiga vocal, a fim de relacionar os fatores que determinam a fadiga vocal, tendo encontrado que fala em alta intensidade e em grande quantidade podem determinar a fadiga vocal.

Sapir et al. (1993), um grupo americano que defende a existência de atrito vocal devido à um uso excessivo, mau uso ou abuso vocal, isolado ou combinado com fatores biológicos ou psicológicos, aplicam um questionário em 237 professoras para obter informações sobre este atrito vocal. Relacionam num dos itens os seguintes sintomas para as professoras marcarem os presentes na suas falas: fadiga vocal, rouquidão, quebras na voz durante a fala, tendência a perder a voz no final das frases, tendência a perder a voz no meio das frases, secura na garganta, sensação de garganta raspando, desconforto na garganta, sensação de esforço ao falar, sensação de tensão ou pressão na garganta, necessidade de limpar a garganta, sensação de estrangulamento na garganta, falta de ar ao falar, ardor na garganta e dor na garganta. Estes autores acreditam que, na presença de sintomas

múltiplos (três ou mais), há forte indício de significativos problemas de voz. Encontraram, na sua amostra de professores, 54% com múltiplos sintomas, o que sinaliza para cuidados urgentes com o comportamento vocal. A posição deste grupo fica reforçada por estudos subsequentes.

Nagano (1996), avaliando o perfil vocal de professoras de pré- escola de São Bernardo, São Paulo, para relacioná-lo com a percepção das próprias professoras sobre suas vozes e com a avaliação perceptivo auditiva destas vozes realizada por fonoaudiólogas, constata nas respostas de seu questionário uma presença constante de fadiga vocal, dor, ardência, pigarro e sensação de raspar. Pordeus et al. (1996) encontraram que os professores de crianças menores é que apresentavam o maior número de sintomas vocais (mais de três) entre os diversos níveis de professores pesquisados, e secura, pigarro, sensação de aperto, rouquidão foram os mais citados. Scalco et al. (1996) encontraram 100% das professoras da amostra com algum tipo de sintoma vocal. Smith et al. (1997), no estudo sobre epidemiologia do problema vocal dos professores americanos, encontrou que 67% dos professores apontaram 10 sintomas vocais contra 33% em outras profissões, tendo sido média de 2 sintomas vocais entre os professores e nenhum entre as outras profissões. Fernandes (1998) encontraram muitos sintomas vocais quando estabeleceram o perfil vocal de 22 professoras de ensino infantil de Taboão da Serra, São Paulo, tendo como os mais referidos: cansaço ao falar, sensação de garganta seca, dor e falta de ar.

Nagano et al. (1998), estudando a relação entre qualidade vocal e número de sintomas em 114 professores da educação infantil de uma cidade do interior de São Paulo, observaram que 54,3% da amostra apresentou de 1 a 5 sintomas vocais, coincidindo com os dados de Sapir et al. (1993), e somente 9,6% não acusou nenhum sintoma, mas puderam averiguar que entre as vozes alteradas e as neutras não houve diferenciação quanto ao número de sintomas. Já na amostra de Thomé De Souza & Ferreira (1998), 75,3% das professoras acusavam sintomas associados ao uso vocal. Pude relacionar os seguintes sintomas, no momento da emissão oral, entre os diversos citados nos estudos: cansaço, fadiga vocal, perda de intensidade, ensurdecimento de timbre, ardor, secura, irritação na garganta, desconforto ao falar, quebras de sonoridade, dificuldade de falar até o final das frases, tosse, pigarro e sensação de bola na garganta.

Os professores foram desta forma enquadrados como grupo de risco para desenvolver problemas de voz. Essa colocação aparece nos estudos de Sapir et al. (1993); Rodrigues et al. (1996); Smith et al. (1997); Bortolai & Nascimento (1998) e de Smith et al. (1998 a, b).

Em estudo recente, Kostyk & Rochet (1998) também citam a fadiga vocal como fator associado à presença de alterações de voz entre professores do Canadá, e tentaram quantificar e definir os aspectos orgânicos desta fadiga, segundo o controle do fluxo de ar que passa através da laringe durante a fonação. Apontam que os efeitos da fadiga vocal são cumulativos no decorrer do tempo de trabalho; sendo

assim, os professores têm mais risco de desenvolver patologias vocais do que indivíduos que usam a voz de forma menos intensa.

Realmente e infelizmente, a voz do professor não parece estar indo muito bem, e os **pedidos de afastamentos**, de licenças médicas são muito presentes por causa de dificuldades com a voz, com prováveis reflexos no ensino aprendizagem dos alunos sob a responsabilidade desse professores afastados.

Alguns estudos estrangeiros trazem dados a esse respeito. Oyarzún et al. (1984) referem que 80% dos pacientes professores com problemas de voz apresentaram incapacidade de trabalho parcial ou total, dependendo do grau de disfonia. Martin (1994) aponta que, antes de um projeto de saúde vocal que desenvolveu entre professores no Reino Unido, 617 sujeitos de sua amostra haviam se afastado por problemas de voz e que após o projeto somente 103 se afastaram por esse motivo; e 39% da amostra de professores com alteração vocal diminuíram suas horas de atividades profissionais por causa da voz, segundo o estudo de Smith et al. (1998 a). Outros estudos deste mesmo grupo apontam afastamentos precoces da profissão e perdas de dias de trabalho entre os professores relacionados a problemas vocais e eficiência de trabalho (Smith et al, 1998b).

Dentre as pesquisas nacionais, Pinto & Furck (1988) justificam a elaboração de um projeto sobre saúde vocal do professor para a Prefeitura Municipal de São Paulo com considerações sobre o

grande número de pedidos de licença médica de professores encaminhados às clínicas otorrinolaringológicas, mas não especificam a porcentagem. As autoras dizem também que uma disфонia pode interferir na vida pessoal, social e profissional como geradora de ansiedade e angústia ante à dificuldade de comunicação. Ribeiro et al. (1996) e Servilha (1997) afirmam ser a rouquidão limitante da habilidade de ensinar e com implicações sociais, econômicas, de bem estar físico e psíquico, com conseqüências desfavoráveis na relação ensino- aprendizagem. Também Penteado & Pereira (1999), revendo diversos estudos sobre causas de afastamentos e licenças de saúde para professores, estabelecem relações entre saúde vocal e condições de trabalho e vida do professor.

A avaliação do desempenho do professor pode estar associada à performance vocal, não somente associada aos períodos de afastamento de suas funções por razões médicas, mas como elemento designativo de **boa performance**.

Segundo Schmidt et al (1998), de Ohio, Estados Unidos, os estudantes são expostos à voz do professor numa grande parte do tempo da aula, e alguns professores conseguem manter a atenção de seus alunos mais do que outros. Para investigar sobre isso, elaboraram um estudo empírico, com avaliação acústica de vozes de professores eficientes e pouco eficientes. Por meio de gravações em audio, três avaliadores associaram as características das vozes com adjetivos

determinantes de eficiência da mensagem, associada diretamente com o desempenho do professor. Para este grupo de pesquisadores, muitos são os traços designativos de melhor ou pior desempenho dos professores; variam desde a organização da classe, padrões de comunicação, de cognição, lingüísticos e afetivos, e vão até padrões paralingüísticos, tais como, contato de olhar, gestos, características de voz que trazem o impacto da personalidade do falante durante a comunicação.

Alguns traços de voz, de comportamento vocal e de linguagem geral foram associados, por Schmidt et al (1998), ao bom desempenho do professor: variabilidade de intensidade, de freqüência (grave ou aguda) e de extensão vocal (o alcance da voz de um som bem grave para um bem agudo); voz agradável; expressão vocal viva; uso apropriado de pausas; comportamento vocal compatível com a personalidade; variação da duração das vogais; modelos lingüísticos bons; ritmo compassado, clareza, detalhamento do conteúdo, interação com os alunos, qualidade de organização e seqüencialização dos conteúdos. Os traços associados a um desempenho ruim foram: pouca inflexão de voz; estilo vocal apático; emissões constantes em voz extremamente grave; inflexões ascendentes; ritmo lento; maneirismos; repetir pontos abordados; fala muito coloquial; disfluências de fala; omitir finais de palavras; e estratégias de ênfase com prolongamentos de sons. De todos esses traços o que realmente ficou mais marcado é que a

extensão vocal e sua variabilidade marcam boas aulas; e disfluências (gagueiras), ritmos lentos, grandes pausas, ausência de organização, indiferença marcam performances ruins.

Dessa forma, Schmidt et al (1998) conseguiram dar contribuições específicas sobre as características vocais dos professores na percepção que os alunos têm dos professores. Vejo aqui dados importantes sobre o que chamamos de psicodinâmica vocal.

A voz e suas qualidades, assim como todos os componentes do comportamento vocal são, então, fatores contribuintes para o desempenho profissional. Na presença de alterações, disfonias (rouquidões), ocorrem com certeza prejuízos nessa emissão, provocando modificações no impacto que o professor deseja produzir em seus alunos.

Perante isso, medidas devem ser tomadas para atuar na **prevenção dos problemas de voz**, e digo mais, na compreensão da produção da voz com o melhor desempenho e o menor esforço possível. Isso pode ser traduzido como um trabalho vocal, trabalho de voz, impostação de voz, como se quiser chamar, desde que seja aprendido do comportamento vocal e de sua boa utilização. Com isso concordam uma grande parte dos pesquisadores já mencionados no decorrer deste capítulo. Também aborda este aspecto o artigo sobre voz do professor de Oliveira (1998), indicando medidas preventivas para diminuir o risco vocal da profissão; o relato do projeto saúde vocal realizado na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, Paraná, por Stier et al (1998), nota-se tal

preocupação quando afirmam que "*a prevenção e a detecção de problemas vocais contribuem para a melhor qualidade de vida profissional da voz*" (p.411); Wojciehwski & Heemann (1998, p.315), quando enfatizam a necessidade de suprir o desconhecimento que os professores têm sobre orientações vocais, no relato sobre um projeto em escolas realizado no Rio Grande do Sul; e por Conrado et al. (1999), quando apresentam os programas de saúde vocal desenvolvidos pelo grupo desde 1996, na cidade de São Paulo;

Muitos Projetos de Saúde Vocal aparecem na bibliografia e são descritos em sua forma global ou relatando seus resultados, em várias localidades do Brasil (Pinto & Furck, 1988; Scalco et al., 1996 e Chun, 1998, na cidade de São Paulo; Ramos, 1993, em Goiânia; Stier et al., 1998 em Curitiba, estado do Paraná); Rodrigues et al (1999) na cidade de Marília) e em outras partes do mundo como Rantala et al. (1997) na Finlândia; e Martin (1994) na Inglaterra. Estes projetos visam desenvolver instrumentos para que o professor adquira conhecimento sobre como a voz é produzida, sobre como lidar melhor com a psicodinâmica vocal na sala de aula, sobre prevenção de problemas vocais, assim como elucidativos dos principais problemas de voz e as diretrizes de seus tratamentos. Buscam, num curto espaço de tempo, com aulas em grupos, palestras, avaliações iniciais e finais sobre o resultado dessa compreensão, alcançar os objetivos propostos. Há também outros projetos que propõem exames clínicos durante a admissão das

professoras iniciantes com seu acompanhamento no decorrer dos anos de magistério (Garcia et al.,1986, em Cuba; Berger & Zieger, 1989, na Alemanha; e Calas et al., 1989, na França).

No entanto, Smith et al (1998b) e Russell et al (1998) alertam que pesquisas mais cuidadosas são necessárias para melhor direcionarem as ações desses projetos, buscando uma efetividade que produza entre os professores a certeza de uma ajuda para seu problema vocal com custo baixo e efetividade alta. Isto ocorrendo haveria com certeza um aumento na procura desta ação preventiva. Este ponto de vista fica de certa forma reforçado com o trabalho de Grillo et al (1999) quando, ao finalizarem a apresentação de um curso de Aperfeiçoamento Vocal para professores universitários, no interior do estado de São Paulo, levantam uma questão importante sobre o observado durante o curso, retratada na instabilidade do grupo durante o curso, com várias desistências, e deixando aparente a falta de consciência sobre a importância da voz para o seu trabalho, fato este que segundo a autora, pode estar impedindo que o professor assuma e valorize um trabalho de voz preventivo.

Para finalizar este capítulo, considere oportuno mencionar um estudo exploratório bastante recente e completo sobre publicações que tratam da voz do professor, realizado por um grupo de pesquisadores australianos (Mattiske et al., 1998). O crucial deste estudo é o apontamento de falhas estruturais e as críticas sobre conclusões

precipitadas, encontradas no material bibliográfico que estudaram. Referem que a maioria dos estudos seleciona variáveis frágeis, sem muito cuidado e de operacionalização problemática, que a verdadeira prevalência de alterações de voz entre os professores ainda não é clara, que as causas não foram também firmemente estabelecidas, e ainda que não há evidências de eficácia real entre os programas de saúde vocal existentes. Ao finalizar o estudo, estes autores clamam por muitos outros estudos na área, enfatizando a necessidade de olhares e ações efetivas para a problemática vocal do professor.

No entanto, Matiske et al. (1998), a meu ver, mantêm a mesma linha de pensamento científico dos estudos anteriores. Clamam por definições mais específicas dos objetos de estudo e por rigidez metodológica. Talvez devêssemos escolher novos caminhos associados aos já traçados, porém não como simples somatória a eles, mas com novos olhares e novos dados sobre o cotidiano da profissão de professor.

Parece-me que a bibliografia abordada firma que a saúde vocal do professor é uma questão importante a ser abordada efetivamente. Para tanto, me parece ser necessário conhecer um pouco mais sobre este professor. O mundo do professor é um mundo com enorme diversidade de fatores interferentes, repleto de responsabilidades muitas vezes mal dimensionadas, e de compreensão muito superficial para os profissionais de áreas paralelas. O que produz essa imagem de

um mundo extremamente complexo e de soluções sempre difíceis para problemas que, se vistos de forma superficial, parecem de fácil solução?

Entrar neste mundo complexo com o pensamento voltado para a problemática da voz do professor passa a ser agora o caminho de raciocínio do próximo capítulo.

4. REFLETINDO SOBRE A VOZ DO PROFESSOR JUNTO `A DIVERSIDADE DE SEU TRABALHO

Não tenho a pretensão de esgotar neste capítulo todos os componentes do trabalho docente nem chegar a conclusões fechadas, precipitadas, sobre o enfoque dado à voz nos textos da Educação. Pretendo, sim, percorrer os textos sobre trabalho docente com a visão de fonoaudióloga, buscando as poucas referências claras e as muitas obscurecidas sobre a voz do professor e, tal qual alguém perdido em um labirinto, descobrir novos caminhos de aproximação entre o professor e seu comportamento vocal, caminhos estes que podem estar camuflados e merecem ser descobertos e vasculhados.

O objetivo deste capítulo é delinear a presença da voz no trabalho docente, ou seja, o valor que lhe vem sendo atribuído nos estudos da área da Educação. Ao focar o trabalho docente, não poderei perder de vista a malha que o prende `a formação do professor, `a própria estruturação de sua profissão e as suas diretrizes diversas que certamente influenciam a atuação dos professores, impõem limites, e exigem adaptações freqüentes. Dessa forma, irei estender minhas considerações para alguns aspectos da profissão do professor sem abandonar o eixo central de minhas reflexões.

Acho pertinente, neste momento, deixar mais claro os conceitos subjacentes à expressão trabalho docente, que não pode ser

definido simplesmente como a atuação do professor. O trabalho docente encontra-se no centro do processo de ensino.

Libâneo (1994), pesquisador brasileiro, ao analisar os conhecimentos teóricos e práticos necessários para os professores desenvolverem percepção e compreensão reflexiva das situações didáticas, coloca que a característica mais importante da atividade do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, provendo as condições e os meios para que os alunos encontrem as matérias de estudo. O processo educativo, o ensino escolar, "consiste na assimilação de conhecimentos e experiências acumulados pelas gerações anteriores no decurso do desenvolvimento histórico- social" (Libâneo, 1994, p.24). Para este autor, o ensino só é bem sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo dos alunos. O processo didático, a relação entre o aluno e a matéria, tem a mediação do professor e implica a inter-relação professor aluno, nunca limitada à sala de aula. Todas as atividades e práticas pedagógicas existem dentro de um contexto econômico, social e cultural mais amplo.

"Com efeito, ao possibilitar aos alunos o domínio dos conhecimentos culturais e científicos, a educação escolar socializa o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania. Desta forma, efetiva a sua contribuição para a democratização social e política da sociedade" (Libâneo, 1994, p.33)

Pode-se, então, perceber na profissão de professor, no trabalho docente, a existência de uma interação professor e alunos dentro

de um contexto social econômico cultural amplo, com a finalidade de propiciar a integração e a evolução destes alunos.

"O trabalho docente é a atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão- assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo". (Libâneo, 1994, p. 88)

A profissão de professor tem características diversas, algumas mais marcantes, outras mais difusas, que permeiam logicamente a construção de seu trabalho e o desenvolvimento profissional como um todo. Lembrar sempre que "o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade" (Libâneo, 1994, p.47) . Lembrar, também, que a característica mais importante desta atividade profissional é a mediação entre o aluno e a sociedade.

Tentativas de definições de trabalho docente devem conter a idéia de pluridimensionalidade, de interdisciplinaridade, segundo Marin (1996). A autora aborda perspectivas abrangentes para focalizar o trabalho docente, fugindo do foco meramente didático. Sua proposta abre o foco para "...inúmeras relações, através de temas diversificados, por variadas áreas do saber, comportando perspectivas e dimensões diferenciadas, mas passíveis de coordenação." (p. 28). O trabalho docente fica colocado como núcleo condutor do processo de ensino, junto com suas relações entre professor, aluno e sociedade. Os caminhos de análise percorridos por esta educadora, identificam dimensões mais próximas, restritas ou mais amplas ao núcleo trabalho docente, com suas cargas de inter- relações.

Os temas não se fecham mas se articulam e se relacionam e podem mesmo ser analisados de forma mais profunda, revelando também suas inúmeras interfaces. A autora destaca o tema "procedimentos didáticos" que com a contribuição de áreas diversas, desponta uma flexibilidade muitas vezes despercebida entre os educadores.

Para Marin (1996) o ensino está no centro de um sistema de relações, o professor é a figura central da atividade de ensinar; dessa forma, o trabalho docente se configura como complexo, ponto de convergência de questões práticas do processo educativo e deve ser considerado em variadas dimensões de análise. Esta interdisciplinaridade apontada pela autora conduz o ensino a investigações sob o ponto de vista de vários campos de conhecimento e de perspectivas inúmeras. Esta análise permite visualizar como "aspectos macroscópicos mais amplos, interferem nas menores ações do professor, e como cada mínimo gesto ou decisão presente no trabalho docente, traz determinações de várias outras instâncias" (p.35).

Acredito que este enfoque reforça minha intenção de encontrar o valor da voz do professor nesta malha pluridimensional e interdisciplinar do trabalho docente.

Sem perder de vista o núcleo principal de meu estudo a voz do professor no trabalho docente, tenho necessidade de abordar algumas características específicas da profissão, estruturadas segundo influências diversas de condições especiais histórico- sociais. Há necessidade de demonstrar, mesmo que somente de forma introdutória, a complexidade desta profissão, principalmente naqueles aspectos que já

vêm aparecendo nos estudos da problemática vocal do professor pela área fonoaudiológica.

Uma das características mais marcantes é a presença feminina nos seus quadros profissionais. Os estudos sobre a presença feminina na profissão de professor são extensos e inúmeros. Não se limitam somente à ocorrência alta deste sexo entre seus profissionais, tratam a questão de gênero, ou seja, os traços e as características culturais e de comportamento associados ao sexo.

Dentre os estudos brasileiros que apontam para a presença feminina na docência, darei destaque para o estudo de Pereira (1969). Ao pesquisar os professores da cidade de São Paulo, pertencentes à Rede Estadual de Ensino do primeiro grau, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sociológico sobre a formação de uma carreira profissional. O autor destaca a predominância feminina no magistério por causa dos aspectos estruturais (poucas horas de trabalho, remuneração insatisfatória para chefes de família, oportunidade de instrução nos cursos normais), ideológicos (traços da personalidade feminina que contribuem para o relacionamento com crianças) e motivacionais (oportunidade de crescer culturalmente no seio da sociedade).

Quando Rosemberg (1992) faz uma retomada de alguns textos que abordaram a presença feminina na profissão docente,

reforçando a profissão de professora como uma força feminina, consolida também a docência como uma profissão da mulher.

Em estudo bem recente, Basso (1998) encontrou maioria feminina quando traçou o perfil de 1076 professoras de São Carlos, interior de São Paulo. Este dado reforça que a profissão continua a ter em seus quadros profissionais uma grande porcentagem de mulheres.

Confrontando os dados, isso explicaria, em parte, a alta incidência de problemas de voz nesta classe profissional, visto que, segundo Calas et al. (1989), a laringe feminina é de tamanho reduzido o que dificulta as adaptações a serem realizadas para um uso intenso vocal; que há dificuldade em ressaltar a voz feminina (Sarfati, 1987), de timbre mais agudizado que a masculina, entre as vozes das crianças, que têm timbre também agudizado; e que há uma baixa de resistência da mucosa da prega vocal feminina com relação à masculina pela presença de baixa quantidade de ácido hialurônico (Smith et al., 1998 a). Logo, a profissão de professor, tendo grande número de mulheres e tendo uso vocal intenso, tem a chance de ter maior presença de alterações vocais, quando comparada com outras profissões sem esta característica.

Os dados encontrados na bibliografia também caracterizam a profissão de professor como uma profissão de baixa estima pessoal e profissional, associada aos baixos salários e à instabilidade da valorização social da função do professor. Este conceito da necessidade de se melhorar a autovalorização foi abordado por

Pereira (1969) no entremeio de seu estudo sociológico sobre a carreira do professor.

Ao retomar os aspectos históricos, políticos e sociais associados ao desenvolvimento da carreira de professor, Cunha (1991) aponta a necessidade dos professores de agir para superar obstáculos e valorizar-se profissionalmente. Já, Costa (1995), enfoca os professores agindo muitas vezes como pessoas solidárias, porém, pouco profissionais, o que contribui para a sua pouca valorização. Giroux (1997), pesquisador americano, ao conceber os professores como intelectuais, acredita que se deve repensar e reformar as tradições e as condições que têm impedido os professores de assumir seu potencial de trabalho e de se auto valorizarem.

Parece-me que o conceito da construção de uma identidade profissional bem definida e forte é fundamental para o professor buscar seu aprimoramento pessoal e profissional. Esta identidade com certeza tem sofrido a influência da ideologia dos cursos de formação profissional e também dos procedimentos que resultam nas reformas de ensino, que se sobrepõem ano a ano e limitam o trabalho docente.

O comportamento vocal do professor pode e deve ser abordado como um componente da identidade profissional, sem esquecer a heterogeneidade de fatores que o compõem. Para que os professores consigam refletir sobre sua própria voz, sobre o quanto trabalhar o

comportamento vocal para obter o melhor desempenho possível, para preservar sua qualidade vocal por muitos e muitos anos de exercício profissional, há necessidade de uma auto valorização profissional. Nos dias atuais são raros os professores que pensam na voz como um elemento de sua identidade profissional. Porém dentro dessa carreira, com atribuições inúmeras e interferências freqüentes, isso pode ser de certa forma esperado.

Alguns professores conseguem superar essas atribuições infundáveis e despertam para a importância da profissionalização, incluindo estudos constantes, flexibilidade de atuação e também ação envolvendo comportamento vocal. Outros têm dificuldades nesta superação, gerando insatisfação, desânimo, inadequações de atuação, deixando passar pequenos problemas solucionáveis ou supervalorizando -os inadequadamente

Esteve (1999), catedrático em teoria da educação na Espanha, tem investigado o mal estar docente, relacionando-o a fatores de estresse profissional. Para este autor, o professor pode não dar importância aos problemas da sala de aula por considerá-los inerentes ao seu trabalho. Desse modo, acumula tensões, desanima em vista de dificuldades por fatores diversos, inicia um processo de abandono e absenteísmo na profissão, gerando atuações pouco eficazes que geram estresse e vice-versa, levando a um mal estar impreciso, indeterminado, de efeito negativo na valorização da imagem do professor. No decorrer de

seus apontamentos sobre as conseqüências deste mal estar, o autor pesquisa diversos estudos europeus, que apontam o abandono da profissão, por causas e períodos diversos, com dados recolhidos de sistemas de saúde do professor sobre as licenças retiradas num determinado período de tempo.

As licenças de saúde mais freqüentes, apontadas por Esteve (1999), são por traumatologia, otorrinolaringologia e psiquiatria, sem especificações dos tipos de doenças. O autor refere que o estresse interfere muito na saúde do professor e, que algumas medidas deveriam ser tomadas para minimizar isto, tais como, propiciar que o professor conheça mais a si mesmo, melhore sua interação verbal com os alunos e a comunicação com os outros professores, e outros fatores que envolvem o conhecimento do conteúdo a ser ensinado e as dinâmicas da classe.

Este estudo aponta efetivamente que há estresse entre os professores com alta ocorrência de licenças de saúde, sendo as causas otorrinolaringológicas uma das três mais presentes. Não especifica o tipo exato de problema, mas é provável que entre os problemas otorrinolaringológicos mais freqüentes está a disfonia, a rouquidão, impeditiva do exercício profissional, dado este presente em outros estudos sobre problemas de voz entre os professores e mencionados por Oyarzún et al. (1984), Garcia et al. (1986), Mathieson (1993), Dragone (1996), Smith et al. (1997) e Smith et al. (1998 b).

O estresse pode ser causa de alterações vocais, mas pode ser também decorrência. Um professor estressado é tenso muscularmente, prende a sua voz, não consegue efetivar o padrão normal de emissão, e o professor rouco sente limitações na execução de seu trabalho e fica estressado. Cuidar da voz parece ser importante diante da ocorrência de problemas otorrinolaringológicos e a relação estresse/disfonia.

O início do percurso profissional do professor, da execução de seu trabalho, é marcado por contradições próprias do início da idade adulta, segundo Cavaco (1991), pesquisadora portuguesa, quando faz considerações sobre o ofício de ser professor e suas modificações com o passar do tempo, enfocando inclusive o relacionamento com os outros professores e com as instituições de ensino. A autora aponta que as contradições existem porque é uma fase de início da participação ativa no universo de trabalho e de autonomia do ser; dessa forma, acredita que se passaram alguns anos até o professor se estabelecer numa instituição de forma mais engajada, e assim conseguir entender e participar daquela pequena sociedade que é a escola. Aponta a troca de conhecimento entre seus pares, como fator agravante de inseguranças, caso não ocorra uma real interação. Esta interação deveria abordar o enfrentamento dos problemas, procurar ajustes de formas de ver e agir, para alcançar soluções.

Refletindo sobre estas contradições presentes no início da carreira do professor, consigo visualizar o porquê das dificuldades marcantes que alguns professores têm, logo que começam a atuar, com o surgimento de alterações na voz. Para poder emitir um som adequado com a laringe, um dos pré-requisitos básicos é conseguir fazê-lo sem tensões musculares desnecessárias e, evidentemente, dentro de um clima complicado como este da adaptação inicial na profissão, não se pode esperar uma pessoa tranqüila o suficiente para equilibrar o procedimento vocal. Vale lembrar que Sarfati (1987), em seu estudo com professores iniciantes aponta para a dificuldade adaptativa do comportamento vocal em face à demanda vocal específica desses profissionais.

Quando o professor iniciante se defronta com a “rouquidão”, muito freqüente já nos primeiros meses de exercício profissional, provavelmente troca informações sobre o porquê das dificuldades encontradas na sua voz com seus colegas, e pode encontrar observações fatalistas de que isso é esperado em vista do uso vocal intenso, que todos passam por esse mesmo problema! Este tipo de observação leva a um não enfrentamento do problema. O professor fatidicamente não tenta novos ajustes do comportamento vocal; e muitas vezes não busca uma solução real, e a voz começa a ser encarada como um problema “normal” da profissão. Martin & Darley (1996), apontam esta tendência de minimizar o problema de voz ou encará-lo como algo

fatídico, que faz parte da profissão. Isso poderia explicar a razão pela qual os professores não buscam auxílio profissional, no início de seus problemas com a emissão da voz, e vão deixando que eles corram de forma secundária em vista de tantos outros com que se defrontam no início de sua carreira.

Procurei até aqui relacionar com a voz, algumas intercorrências da profissão docente, demarcando parcialmente a carreira, seus marcadores de identidade, as influências e a necessidade de valorização para que modificações e evoluções ocorram. Estas intercorrências certamente influenciam também o nosso foco de estudo, o uso da voz pelo professor, mas exigiriam outras vertentes de estudos mais aprofundadas, diferentes de nossa opção atual: a voz no trabalho docente.

Iniciei o capítulo anterior apontando inúmeros estudos classificando os professores como profissionais da voz. A bibliografia da área educacional parece não apontar diretamente a voz como componente da identidade do professor; porém, um olhar mais atento, possibilita descobrir caminhos interessantes de aproximação com ela, em particular os caminhos que percorrem o trabalho docente.

Fui me aproximando, aos poucos, do núcleo desta carreira, esboçando ainda que não aprofundadamente, algumas dimensões interferentes na sua composição e tentando com isso explicar a problemática vocal. Mas, sem dúvida, meu percurso exploratório só

tomará forma mergulhando na bibliografia específica do trabalho docente e descobrindo nele a interface da voz do professor. Observar estes estudos, tendo em mente os conceitos de trabalho docente como pluridimensional, interdisciplinar, e como núcleo do processo de ensino (Marin, 1996), me fizeram compreender a diversidade de informações neles contidas e a malha de relações existentes na concretização do trabalho do professor.

Os objetivos primordiais do trabalho docente, apontados por Libâneo (1994), requerem relações relevantes entre capacidade e habilidade do professor. Entre as habilidades apontadas por este autor, vê-se a linguagem do professor como elemento fundamental:

" assegurar o domínio duradouro de conhecimentos científicos, criar condições e meios para o desenvolvimento de capacidades e habilidades intelectuais visando independência de pensamento e orientar para objetivos educativos de formação da personalidade. Para isso requer-se do professor: compreensão das relações entre educação escolar e os objetivos sócio-políticos e pedagógicos; domínio do conteúdo das matérias; capacidade de desmembrar a matéria em tópicos; conhecimento das características sociais, culturais e individuais de seus alunos; conhecimento dos programas oficiais; conhecimento das funções didáticas e suas etapas no processo de ensino; domínio de métodos de ensino; **habilidade de expressar idéias com clareza, falar de modo acessível à compreensão dos alunos; tornar os conteúdos significativos**; fazer os alunos pensarem por si mesmos; **adoção de uma linha de conduta no relacionamento com os alunos; estimular o interesse pelos estudos**; verificação contínua de que os objetivos foram atingidos; domínio dos meios de avaliação; entre outras tantas coisas. (p.71; grifos meus)

Vejo, na habilidade de expressar idéias com clareza, no falar de modo acessível à compreensão dos alunos e no tornar os

conteúdos significativos, a voz como componente básico. É impossível separar a voz da relação professor e aluno, assim como do estímulo de estudar. É a psicodinâmica vocal presente na linguagem do professor. Esta linguagem é valorizada pelo autor como um instrumento lingüístico, que, se adaptado à experiência sócio-cultural dos alunos, propicia habilidades de verbalizações e aperfeiçoamento da comunicação, com conseqüente ampliação da capacidade de raciocínio.

" A linguagem é o veículo para a formação e expressão dos nossos pensamentos. As formas de linguagem expressam as condições sociais e culturais de vida das pessoas (modalidades de relacionamento entre as pessoas, costumes, crenças, modos de pensar sobre o mundo e a vida, etc). Não é difícil compreender a importância da combinação entre a linguagem do professor e linguagem dos alunos. Por outro lado, é principalmente pela via da linguagem que os alunos podem assimilar os conhecimentos sistematizados" (Libâneo, 1994, p. 88).

O enfoque maior ou menor do tipo de linguagem é dado na escolha do método de ensino a ser empregado. Libâneo (1994) discorre didaticamente sobre alguns desses métodos, sendo no método expositivo que a linguagem oral se vê mais evidenciada, com o professor usando a fala, e conseqüentemente voz, por períodos mais prolongados durante a aula. No entanto, a linguagem oral se faz presente em todos os outros métodos citados: método de trabalho independente, de elaboração conjunta e de trabalho em grupo. Sua presença ocorre na explicação das atividades, na ação interativa entre professor e aluno, nas conversações introdutórias. Vejo, em todos os momentos, a importância da fala, do comportamento vocal, e da psicodinâmica da voz do professor,

Retomarei a relação intrínseca que existe entre linguagem e voz, especialmente quando se pede o uso de clareza. Clareza de expressão envolve desde uma voz limpa sem alterações, com boa projeção no ambiente, adequadas modulações de entonação, intensidade e frequência (grave, agudo), boa articulação dos sons em palavras até frases bem estruturadas sintática e semanticamente. Alterações, distorções, rouquidões, dificuldades de projeção ou de articulação dos sons refletem com certeza no impacto que a emissão oral causa no interlocutor. Parece-me que a psicodinâmica da voz tem um papel fundamental na clareza das idéias, evidentemente associada ao conteúdo semântico do discurso do professor.

Na execução do trabalho docente, o pensamento do professor e a compreensão de sua atuação se fazem presentes. Segundo Pacheco (1995), há dois pressupostos fundamentais neste trabalho: o cognitivismo e a teoria prática. Ou seja, o conhecimento e a prática. Dois pressupostos importantes no momento de decidir o ato de ensinar. O autor determina que o pensamento/ ação do professor surge por um processamento específico de informações, com tomada de decisões rápidas e imediatas constantes durante sua atuação, dentro de um contexto psicossocial, com crenças, teorias implícitas, juízos, etc. Cada um desses tópicos com reflexões específicas e extremamente ágeis.

Fico imaginando, retomando essa rede de pensamento sugerida por Pacheco (1995), como o professor articula seu pensamento

no momento de optar pelo tipo de voz que deseja emitir, quais os conceitos que têm no seu conhecimento e na sua prática, para lançar mão, no instante da decisão, sobre o que fazer, por exemplo, ao salientar um determinado ponto de sua emissão para facilitar o aprendizado. Teria esse professor conhecimento dos recursos vocais para auxiliá-lo? Como isto estaria ocorrendo na sala de aula?

A ação do professor, a execução de seu objetivo maior, de ensinar, as relações existentes entre seu pensamento e sua ação resultando no desenvolvimento do aluno, são aspectos com alto grau de complexidade. Vários educadores têm se dedicado a descobrir essas intrínsecas relações mediante estudos que se aproximam da percepção de professores e alunos, no interior das instituições e da própria sala de aula. Neles, talvez, a voz surja, de forma aparente ou subliminar, como componente do comportamento vocal.

André (1989), pesquisadora brasileira, se reporta aos fatores que têm norteado uma ação docente mais efetiva, encontrados em seus estudos sobre o cotidiano escolar. Considera o processo ensino/aprendizagem como algo de inúmeras dimensões, com temática articulando as dimensões humana, técnica e política da prática pedagógica. Tem o tempo todo um compromisso com a pedagogia voltada à transformação social, tendo a escola como lugar específico de transmissão e reelaboração crítica do saber. Aponta vários elementos que efetivam essa ação pedagógica: atividades mais planejadas, apelo `a

afetividade, prática diversificada, melhor utilização do tempo, conhecimento e segurança sobre o conteúdo, associação do grupal e do individual, associação do conteúdo e da realidade do aluno. A autora também sugere uma maior participação dos professores nas decisões de sua ação, uma direção escolar mais democrática e menos formal, maior troca de experiências entre os pares e a utilização dos professores mais experientes no auxílio técnico-pedagógico. Coloca, de forma bastante interessante, que a questão "afetividade" relaciona-se diretamente com o processo de transmissão e de aquisição de conteúdo e organização disciplinar.

Embora a autora não mencione, penso que a qualidade vocal do professor pode ser relacionada como fator fundamental no elo da "afetividade", no contato professor-aluno. O impacto que a voz produz no ouvinte é dado pelas suas características acústicas que resultam em impressões positivas ou negativas (Behlau & Pontes, 1992). Uma voz muito forte, rouca, áspera, emitida com pouca entonação, sem maleabilidade pode resultar, por um lado, numa reação negativa para o ouvinte, com sua associação a padrões autoritários, severos e sem flexibilidade. Por outro lado, uma voz produzida com adequada intensidade para o ambiente, que tenha uma ressonância agradável, envolvente, com entonação rica e marcante pode produzir uma reação positiva de aceitabilidade daquele falante, como alguém realmente envolvente, repleto de brechas de comunicabilidade e com uma carga

afetiva positiva a ser distribuída. É agradável trocar idéias com vozes agradáveis. Logo a linguagem, junto dela a voz com sua psicodinâmica, parecem colaborar com a interação professor- aluno.

Muitas referências às interações professor- aluno e à dinâmica de aprendizado aparecem no estudo de André & Mediano (1989). As autoras dizem que a prática pedagógica envolve relações de dominação (conflitos, tensões e resistências) no encontro professor- aluno, com troca e respeito mútuo num jogo de autonomia e independência. Quando falam sobre disciplina escolar como um elemento da prática abordam a intensidade vocal: "atitudes firmes e coerentes, sem nunca elevar a voz" (André & Mediano, 1989, p.161).

Pela primeira vez, encontro uma referência tão direta à psicodinâmica vocal em sala de aula. Referência direta e acertada. Realmente, quando emitimos voz em intensidade adequada ao contexto, produzimos no ouvinte respostas atentas, ou melhor, um impacto positivo. Quando elevamos nossa voz, pensando muitas vezes que assim conseguiremos o domínio da platéia, estamos, no entanto, causando um impacto negativo e freqüentemente produzindo reações de resistência, de repúdio e de disputa. Falar aos gritos distancia o ouvinte e gera a resposta de gritos mais altos, numa espécie de disputa infrutífera na qual o conteúdo da fala fica perdido. Gritar gera ansiedade, inquietação, represálias, imagens autoritárias, e conseqüentemente produz reações "indisciplinadas", como não aceitação do falante e reações de resistência

como desatenção, fala paralela ou simplesmente medo. Isso efetivamente não colabora com a interação professor- aluno, fundamental na transmissão do conhecimento.

André & Mediano (1989) abordam também o conteúdo da fala das professoras e a necessidade de cuidar dessa fala para não refletir a depreciação do aluno e sim sempre o incentivo para conseguir colaboração, troca e aceitação de acordos tácitos entre vários grupos que participam da escola, organizando as crianças dentro e fora da classe.

Parece-me, que por trás do conteúdo da fala do professor, ainda deveria ser acrescentado o "como se fala". O "como se fala" é a forma de utilização dos recursos que compõem o comportamento vocal. Esses recursos são: qualidade vocal, ritmo de fala, intensidade, timbre, ressonância, entonação e articulação; todos esses elementos compõem a psicodinâmica da voz (Behlau & Pontes, 1992). Esses elementos se complementam e produzem um impacto no ouvinte, reforçando ou enfraquecendo o conteúdo do que é falado, passando uma imagem do falante, refletindo sua personalidade, sua intenção e agindo até sobre sua credibilidade.

Com a finalidade de conhecer melhor o que é considerado como adequado para o bom desempenho profissional de professores, Cunha (1989), estudou um grupo de professores eleitos, por seus alunos, como bons professores. Através de observações em sala de aula, a

autora conseguiu traçar alguns pontos comuns que norteavam o campo de atuação destes professores.

Pode-se, com certa facilidade listar dezenas de pontos comuns retirados das conclusões deste estudo: organização do contexto; exposição do objetivo da aula; localizar historicamente o conteúdo; relacionar o conteúdo com outras áreas do saber; informar o roteiro de estudo; incentivar os alunos a participarem da aula; oferecer reforço positivo; utilizar artifícios verbais; tentar aprender como é linguagem do aluno e tornar sua própria linguagem acadêmica acessível aos mesmos; usar exemplos familiares ao aluno; utilizar estímulos variados, giz, manuseio de projetor de slides, meios de ensino, material didático correto; movimentar-se adequadamente na sala de aula; estimular a criatividade; utilizar-se de uma linguagem clara.

Percebe-se assim, que a autora encontrou a linguagem oral do professor entre os requisitos observados. Linguagem destacada já como importante no início do texto desta autora:

"Para o professor, principalmente, a linguagem é fundamental, pois sua principal ferramenta de trabalho é a palavra. Com ela faz o seu cotidiano e é também por ela que se pode fazer uma análise deste cotidiano. (...) Mas a linguagem é alguma coisa apropriada por determinada pessoa e é sob este prisma que ela é reveladora. O vocabulário usado, as entonações, as expressões, as pausas e os silêncios são indicadores da forma de ser e agir do sujeito. São bastante conhecidos os exemplos de frases que, dependendo de como são pronunciadas, podem ter significados diferentes. Além disso, a linguagem estabelece a reciprocidade, especialmente em situações face a face. A fala de um produz a fala ou a reação de outro e a subjetividade de ambos produz uma aproximação única que nenhum outro sistema de sinais pode reproduzir. Assim, é impossível que, sem a compreensão da linguagem,

se possa fazer a compreensão da realidade da vida cotidiana." (Cunha, 1989, p.38)

É com encanto que leio as palavras de Cunha, e encontro nelas a psicodinâmica vocal descrita nas linhas de uma educadora. A reciprocidade mencionada favorece a interação professor aluno, complementando e enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem, a troca de conhecimentos.

Complementando, Cunha (1987) deixa a mensagem de que há diversos tipos de influências no trabalho docente, tais como: o professor enquanto aluno e seus próprios professores; a experiência profissional; a prática social e a vivência política. Deixa claro também que a questão da competência é localizada no tempo e no espaço, na certeza de que a concepção de professor competente é feita pela sociedade, pela comunidade escolar. Deixa também claro que o conhecimento da matéria, o gosto de ensinar, com bom humor e com aulas agradáveis parece contribuir muito para a relação professor- aluno.

Guarnieri (1990), em sua dissertação de mestrado, aborda a questão da competência para ensinar, comparando dois grupos de professoras: alfabetizadoras consideradas mais competentes e as menos competentes. Enfoca, em muitos momentos, a importância da relação professor- aluno, em todos os níveis. Aborda muito a linguagem do professor, falando sobre o conteúdo acessível para o aluno, e repetidamente fala em linguagem clara.

"A transformação da matéria em uma linguagem mais facilmente assimilável para que o aluno possa adquirir e empregar as informações é uma

das tarefas básicas do professor." (p.194) ... "Outro aspecto a ressaltar era o fato das professoras usarem uma linguagem clara ao dar as instruções, havendo preocupação em facilitar as informações trazidas nos livros e cartilhas" (p. 195)

A autora menciona diversos recursos usados pelo professor. Entre eles apareceram referências a "objetos, livros, equipamentos audio- visuais, visitas e viagens, recursos da comunidade, cadernos, lápis, lousa, giz branco, etc (p.200)".

A linguagem clara é destacada por Guarnieri (1990), mas não há lembrança de que esta linguagem clara inclui uma boa voz; novamente sua presença está no conceito de clareza, mas não aparece diretamente referida como recurso usado em sala de aula.

A voz, no entanto, está presente quando a autora descreve algumas situações em sala de aula: quando uma das professoras, considerada menos competente, mostra falta de paciência com as crianças que têm dificuldades para ler, e gritando diz "faltou uma semana, né?" (p.168); nos modelos de "falar baixinho" que outra professora, considerada competente, propõe dando liberdade de interação entre os alunos numa atividade de elaboração de histórias (p.179); quando aponta algumas características encontradas na sala de aula de uma das professora mais competentes, que valorizava a colaboração entre as crianças, respeito, obediência, sem gritos, conversas altas na classe (p.184-5); e ainda, ao mencionar a relação ríspida de comunicação dos professores menos competentes em sala de aula (p.191).

É importante perceber que é a voz do grito, do alterar a intensidade vocal, o volume que aparece, associados ao controle da classe, para manter a disciplina.

Para Guarnieri (1990) marcadamente as professoras mais competentes mantinham uma relação de interação bastante satisfatória com seus alunos. Satisfatória como positiva, amigável, de troca de informações, de diálogo. Posso aqui acrescentar que esta relação satisfatória, assim chamada pela autora, tem com certeza um impacto vocal positivo.

Na dissertação de mestrado de Angotti (1992), quando relaciona as aulas observadas com as diferentes teorias de ensino infantil, esta relação de interação aparece enfraquecida, com posturas mais rígidas das professoras, conduzindo a classe a execução dos objetivos pedagógicos e deixando de certa forma fria a relação professor- aluno. Cabe ressaltar que este estudo não enfocou professoras bem sucedidas, a amostra foi sem esse critério de seleção; importava observar classes de pré- escola na rede municipal e estadual de ensino de Araraquara, SP.

No relato de Angotti (1992), a voz aparece de forma subliminar sempre associada a momentos de rigidez da professora.

A professora manteve, durante as observações, um clima aparentemente cordial com as crianças, mas com comunicação seca, às vezes se tornava rude, áspera e feita em volume alterado, como por exemplo quando gritava para as crianças dizendo: - Boca Fechada! Foi constatada uma certa variação de humor, bem como uma relação pouco afetiva com as crianças, o que influenciou

na interação com as mesmas, tornando-a superficial e mistificadora da aura de autoridade da professora. (p.186)

Este tipo de atitude de comunicação da professora, segundo a autora, deixava claro a falta de interação com seus alunos. Dessa mesma forma, isso aparece em outros momentos do texto ao relatar a variabilidade de humor de outra professora: "quando uma criança perguntou o que era para ser feito, a professora brava, gritando respondeu....."(p.215); ao apontar situações de coação: "como exemplo tem-se o episódio em que a professora gritando disse: ML, eu vou te pôr de castigo....." (p.216); e em outros relatos de rispidez das professoras: ".....quando a professora a repreendeu gritando.....Brava, a tia alterando a voz critica a menina....." (p.218).

Angotti (1992), mesmo sem ter intenção declarada, menciona a presença da voz e suas variações como elemento de impacto, de psicodinâmica vocal da comunicação oral da professora, a importância negativa das alterações de voz tendendo para o grito, a imposição pela força do impacto negativo que isto gera nas crianças. É, a meu ver, a voz, suas qualidades sendo usada de forma pouco positiva na interação professor- aluno.

Ao finalizar seu estudo, a autora percebe uma dicotomia entre os Planos de Ensino idealizados e o praticado pelas professoras. Um dos elementos que ressalta desta dicotomia é a atuação da professora em sala de aula não propiciando o processo de socialização, não aproveitando os momentos de interação em sala de aula e mantendo os limites da rigidez.

O ensino é um situação de interação na concepção de Mello (1993), quando aborda a relação professor e aluno, segundo a avaliação do professor. Variáveis antecipadas pelos professores podem gerar mudanças comportamentais nos alunos; logo, dá importância ao comportamento do professor como estímulo ao comportamento do aluno.

...a interação professor- aluno constitui, assim, um núcleo de grande interesse para a pesquisa sobre o ensino, especialmente no que se refere ao desempenho do professor, se aceitarmos como pressuposto que, juntamente com as variáveis preditivas, elas são determinantes do tipo de mudanças comportamentais que serão produzidas no aluno. (Mello, 1993, p.362)

Para a autora existem qualidades que predominam no contato professor- aluno, diferentes entre cada professor, mas, uma vez estabelecidas, permanecem estáveis. Ressalta algumas variáveis comportamentais do professor para a consolidação desta interação: clareza com relação à apresentação da matéria, validade dos materiais, aproveitamento da idéia do aluno, não diretividade, criticismo ou controle, estruturação, entusiasmo (vigor- oposto à apatia), tipos de perguntas e exploração de perguntas do aluno.

Nestas variáveis, a voz parece-me presente no entusiasmo e clareza na apresentação da matéria, citado por Mello (1993), evidentemente, refletido nas qualidades vocais dos professores, elemento principal da interação comunicativa.

Posso perceber, dessa forma, o quanto os estudos realizados no interior da sala de aula podem expor essa interação

professor- aluno e talvez o comportamento vocal. Acho importante entender um pouco mais esse mundo secreto presente no interior das quatro paredes das salas de aula. Mantive a busca de estudos que pudessem apontar os fatores de interação e as questões obscurecidas do cotidiano escolar; talvez aí pudesse encontrar também a voz, o comportamento vocal.

Ao focar a análise dos fluxos de interação na aula sob a luz das relações sociológicas, Sirota (1994), estudiosa francesa, deixa bem marcado que uma das premissas da interação social na situação pedagógica é a interação recíproca dos atores- coisas, no caso, professor e aluno. No jogo desta interação, a percepção figura como elemento fundamental: "uma pessoa encontra-se exposta à percepção direta de todos os membros, e onde, no mesmo modo, eles são oferecidos à sua própria percepção" (p.11).

Pensando assim, pode-se ressaltar como é importante a impressão que causa as emissões orais do professor e o quanto deveriam estar sendo percebidas como elemento de interação na dinâmica da classe. Quais redes perceptivas ainda não exploradas estariam complementando este processo de interação?

Sobre as situações ainda não exploradas da sala de aula, Jackson (1996) oferece uma viagem para dentro da sala de aula americana, percorrendo os interferentes obscuros, pouco falados, comuns, porém extraordinários, que vêm recebendo pouca atenção dos pesquisadores. Estabelece três eixos, que chama de triviais, a serem

considerados quando falamos sobre sala de aula: freqüência temporal de presença de estruturas pré- moldadas (sociais e físicas); uniformidade do ambiente; e obrigatoriedade de assistência às aulas. O tempo enorme que a criança fica exposta à sala de aula dá significado ao que o autor chama de freqüência temporal. A uniformidade do ambiente é física e social; ao entrarmos em um ambiente escolar, sabemos que é uma escola, mesmo que isso não seja mencionado. A escola é inevitável, obrigatória e isso gera recursos de sobrevivência pelos alunos e pelos professores.

O autor chama estes eixos triviais de curriculum oculto (p.76). Cada aluno deve dominar esse curriculum para se desenvolver satisfatoriamente na escola. Sob este curriculum estão fatos pouco relatados pelos alunos e professores; fatos esses componentes importantes do núcleo de ensino- aprendizagem, disparadores de sentimentos de repulsa ou de aproximação, favorecedores ou não da adaptação do aluno à escola e suas exigências.

As colocações de Jackson (1996) são intrigantes, chegando a ser assustadoras. Quantos desses elementos triviais compõem a formação dos alunos? Quantos deles influenciarão a vida destes alunos? Com certeza estes aspectos obscuros da sala de aula precisam ser melhor pesquisados.

A voz do professor faz parte deste trivial anunciado pelo autor, segundo meu ponto de vista. Trivial como tantos outros elementos

fundamentais nas relações de controle da disciplina, de interação professor- aluno e de adaptação à vida escolar.

Guarnieri (1996), em sua tese de doutorado, realizada com professoras do interior de São Paulo, investigou como o professor iniciante aprende a ensinar ao exercer a prática por meio de observações realizadas dentro da sala de aula. Aponta que as dificuldades iniciais muitas vezes levam o profissional ao desestímulo e o conduzem a atitudes de resistências a mudanças das estruturas pré existentes no meio escolar que abraça, sem deixar de perceber os problemas presentes, mas também sem saber como enfrentá-los. Algumas professoras, neste estudo, explicitaram as dificuldades em saber como agir no interior da classe, as dificuldades em manter a disciplina, as dúvidas com relação a ser mais séria ou não na relação com os alunos, na constatação de que no início não sabiam nem falar e na inibição, fatores estes desenvolvidos através da prática com o tempo de exercício profissional.

A autora aponta algumas características pessoais ligadas à conduta docente e à aprendizagem do aluno: paciência, saber conhecer os alunos, bom humor, desligamento dos problemas pessoais, ser meiga sem exagero, não ser brava, bom relacionamento com o alunos, regras de convivência, conversar com os alunos e não se impor autoritariamente. Afirma que as atitudes do professor influenciam a aprendizagem dos alunos, assim como a concepção que o professor faz da classe. No início

da carreira, há grande influência dos professores já atuantes, com orientações extra oficiais sobre suas práticas, algumas vezes pouco adequadas, como o uso de medidas punitivas, tais como bater, gritar com o aluno e embrenham-se por caminhos inadequados de controle de disciplina. Alguns depoimentos deste estudo apontam a importância do humor da professora em sala de aula.

"Por outro lado, nas situações de sala de aula, a professora mostrou-se, enquanto pessoa, ser calma, paciente, segura e, às vezes, bem humorada. Tais características possibilitavam aos alunos um ambiente favorável para a execução das tarefas, bem como, a manifestação de respeito e aceitação mútua". (Guarnieri, 1996,p. 98)

A autora mostra, neste trecho, claramente a importância da relação professor- aluno, marcada pela dinâmica da comunicação que reflete o estado de espírito do professor e transmite sua personalidade.

A interação em sala de aula aparece na maioria dos estudos e, segundo Mizukami (1996), esta interação sofre interferências múltiplas. Sua pesquisa sobre história de vida de professoras apontando a formação, a reflexão na ação e sobre a ação e a objetivação de um conhecimento conseguido pela prática e progressão profissional. A complexidade da sala de aula fica caracterizada por sua multidimensionalidade, simultaneidade de eventos, imprevisibilidade, imediatividade e unicidade; perante estas características, as decisões dos professores representam um ponto de equilíbrio entre múltiplos custos e benefícios.

Para a autora a aula é uma atividade interativa que nem sempre sai como planejada, as situações são complexas e o ritmo acelerado, com pouca oportunidade para o professor refletir sobre suas ações. Mizukami valoriza a reflexão-na-ação, ato no qual o professor vai considerar sobre suas decisões ao longo da aula, com base em interpretações não previstas de situações práticas. A autora menciona também a importância do conhecimento adquirido no exercício da docência, que é único para cada professor, construído ao longo de sua trajetória de vida, realizando sínteses pessoais com diversos tipos de conhecimento incluindo a prática. O valor desse conhecimento deve ser reconhecido, segundo a autora.

A situação em sala de aula, referida por Mizukami (1996), faz-me pensar o quanto é complicado para o professor cuidar de sua dinâmica vocal a todo instante, com os imprevistos, com decisões rápidas no momento exato. O que a autora aponta como refletir na ação desperta o meu interesse em saber como seria refletir sobre o comportamento vocal usado a cada momento, e quantos dados não se revelariam! O conhecimento do professor, adquirido no exercício da docência, pode revelar dados importantes sobre comportamento vocal experienciados na rotina diária, mostrando atitudes positivas e negativas de psicodinâmica vocal próprias da profissão.

Dias - da- Silva (1997), mergulhando no interior da sala de aula de 5ª séries do ensino fundamental, em busca dos contrastes com a

4ª série, faz o tempo todo observações sobre questões que entendo serem de psicodinâmica vocal. Em seu relato descreve maneiras com as quais os professores dirigem-se aos alunos, de forma alternada na mesma aula, "com jeito grosseiro e ríspido" OU "dirigir-se.....meigamente" (p.45); em outro momento diferencia a leitura de uma professora "com entonação" de outra que lê de "forma sincopada e monótona" (p.46); ressalta a eficiência de uma professora de matemática que "faz uso freqüentemente de entonação e de ritmo oral" (p.47).

A autora consegue traduzir o impacto das variações do comportamento vocal da professora no ouvinte. Seria muito interessante poder escutar a emissão da professora classificada pela autora como ríspida, ou como meiga. Seria interessante ressaltar os traços da psicodinâmica vocal incluídos nessas emissões. Seria interessante que a professora tivesse consciência desses traços e pudesse lançar mão deles com uma relação mais dirigida. O quanto uma voz rouca pode passar um tipo de mensagem distorcida para o ouvinte, e quantas informações de interação estão presentes numa emissão oral!

Quando Dias - da - Silva (1997) relaciona o como "impedir o falar coletivo" (p.69), há novamente a presença da voz do professor no abaixar o tom de voz, no grito e nos sinais verbais. Agora vejo a voz como controladora da disciplina da sala de aula. Neste estudo a autora consegue ao final deixar marcadas as diferenças de passagem entre 4ª e 5ª séries do ensino fundamental. Entre estas marcas, há a diminuição de

comunicação e de demonstração de afeto do professor, que vale a pena serem repensadas, para a efetivação da interação e para a diminuição dos contrastes e, conseqüentemente, aumento da adaptação dos alunos.

Sem dúvida, fica claro, nas considerações destes estudos, que a relação interpessoal professor e aluno tem um papel significativo nas relações do processo de ensino- aprendizagem. As primeiras impressões que o aluno tem do professor, as impressões do dia a dia marcam o andamento de suas relações. Decisões impensadas no modo de agir e falar podem interferir neste relacionamento. Encontro a psicodinâmica da voz novamente aqui, sem ter sido na realidade apontada, mas presente nas relações de linguagem oral. O como falar, o parecer bem humorada, ou brava, o gritar são elementos desta psicodinâmica, ou seja, com variações dos componentes do comportamento vocal, realizadas pelo falante e causando impacto no ouvinte. Por exemplo, uma emissão oral realizada com voz muito intensa, grave, áspera, passa a impressão de irritabilidade, de alteração de humor; em contrapartida, uma mensagem em voz fraca, instável, transmite insegurança. Tais aspectos também foram focalizados por Schmidt et al (1998) quando investigaram as características vocais dos professores na percepção dos alunos.

Reforçando estas idéias, alguns estudos recentes, apresentados no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, em 1998, enfocam a importância da relação professor- aluno na sala de aula.

Bernardes (1998) analisa os resultados de uma oficina de geometria, com objetivo de construir uma nova forma de entender relações sociais no ambiente de sala de aula em turmas de 3ª série de ensino fundamental. Encontra sinais evidentes de modificações ocorridas, pós oficina, na motivação dos alunos a novas didáticas, na ruptura do discurso de disputa de poder entre professor e aluno na sala de aula e na diminuição de conflitos emocionais associados `a códigos sociais. Acredita que estas modificações surgiram em decorrência da modificação na postura dos professores, com maior flexibilidade nas negociações verbais.

Grillo et al. (1998) investigam como ocorre a transposição didática na ação pedagógica universitária, como se dá a construção do conhecimento prático e dos saberes ao longo da vida profissional dos professores. Para tanto questionam antigas crenças da efetividade de aulas magistrais, nas quais os professores limitavam-se a transmitir seus conhecimentos, e postulam a construção permanente do conhecimento através da ação, reflexão na ação, no cotidiano da sala de aula e na interação com os alunos, como caminho ideal para a efetivação do conhecimento.

Interessante ressaltar, que mesmo num estudo sobre o ensino de matemática, Menezes & Santos (1998) tiveram a iniciativa de comparar dois grupos de alunos: um com aulas enfatizando o diálogo e outro não. Os seus resultados apontaram uma melhor relação aluno-

matemática e aluno- professor no grupo com ênfase na via diálogo, ou seja, o diálogo como elemento comprovadamente presente na melhoria da aprendizagem de matemática.

Monteiro (1998), ao estudar as concepções subjacentes a situações de sucesso e fracasso escolar, no dia a dia da sala de aula das séries iniciais, aponta que os professores dão destaque para o relacionamento com a criança e que a disciplina é conquistada pela sedução. Os professores apontam estes dados como elementos que oferecem clima para que o conhecimento ocorra.

Mine & Dias da Silva (1998), buscando conhecer as preferências e as expectativas dos alunos de 5ª série do ensino médio, concluem que a maioria dos alunos entrevistados dá destaque ao aspecto afetivo do trabalho docente, ressaltando características pessoais dos professores e centrando na figura do professor as razões de gostarem mais, ou menos, de determinadas disciplinas. Outro estudo do mesmo grupo, Truzzi & Dias da Silva (1998), investiga a opinião de 74 adolescentes de 5ª a 8ª série do ensino médio sobre pistas de fatores que influenciam a evasão e a repetência e encontra referências à multiplicidade de professores, associada ao perfil negativo destes professores (bravos, chatos ou rígidos), entre outras referências sobre expectativas de dificuldades e ambiente escolar.

Sem dúvida, estes recentes estudos apontam a relevância das negociações verbais para a consolidação do processo de ensino-

aprendizagem e de interação professor- aluno. Também apontam a importância das características pessoais do professor para o estímulo de estudar determinadas disciplinas. Nesta rede de relações, encontro novamente a psicodinâmica vocal presente, gerando os primeiros impactos de empatia e propiciando relações saudáveis, evidentemente um de tantos outros parâmetros de comunicação e personalidade que consolidam a afetividade de uma relação humana.

Com a finalidade de reforçar este meu ponto de vista, acho oportuno citar o trabalho de Carvalho (1999), no qual se propõe revelar "o coração da sala de aula" através de um estudo sobre o trabalho do professor das séries iniciais do ensino fundamental, analisando-o na perspectiva dos estudos de gênero. A moral, princípios de igualdade, de ética e de "cuidado" escolar, são analisados detalhadamente. Suas observações acabam revelando as relações de interação nas quais a "aula tinha um ritmo frouxo" (p.141) e o ritmo "seco, embora de forma alguma severo ou rígido" (p.150) de uma professora; o "tom" de voz sempre "nervoso e ríspido, muitas vezes aos gritos" (p.185) de outra; e a "voz de impaciência" (p.192) do único professor homem de seu estudo. Estas revelações aparecem no decorrer das descrições de interação positiva ou negativa presentes nas aulas observadas, fazendo parte dos elementos de "cuidado" infantil.

Esta autora marca como componentes deste "cuidado" os aspectos emocionais, físicos e éticos do desenvolvimento da criança, o envolvimento afetivo entre professor e aluno, os trabalhos extra- classe e

o conhecimento abrangente e individualizado de cada aluno pelo professor. Lembro que a psicodinâmica vocal é parte do primeiro elo de contato por linguagem oral, marca características de empatia e de relacionamento, importantes na aceitação do outro, na afetividade e na comunicação como um todo. Dessa forma, vejo a voz subjacente a este processo de "cuidado" infantil citado por Carvalho (1999).

O coração da sala de aula, citando o nome do livro de Carvalho (1999), parece realmente ser o local no qual a voz do professor aparece nos estudos da área da educação, de forma obscura na maioria das vezes, mas com uma força latente a ser aproveitada.

As reflexões, até aqui realizadas, passam a impressão de que todo esse processo de reconhecimento da voz no contexto do trabalho docente é óbvio e simples, porém a realidade não é bem essa.

A voz do professor pode estar enquadrada em muitos espaços do trabalho docente. Estes espaços estão intrinsecamente relacionados às diversas variáveis do trabalho. O descaso com a voz não surgiu do nada, não é incompetência profissional, talvez a voz não esteja sendo percebida no contexto do trabalho docente pelos educadores mas, na visão fonoaudiológica, esteja presente de forma subliminar em muitos pontos importantes dos estudos da área da educação.

Contudo, todas estas reflexões surgiram baseadas em estudos publicados nas duas áreas de conhecimento: fonoaudiologia e educação. Não estaria faltando a opinião do professor para

complementarmos nosso raciocínio sobre o valor da voz no trabalho docente? Será este o propósito do próximo capítulo.

5. A VOZ NA VOZ DO PROFESSOR

Ouvir o professor falando sobre voz é o principal objetivo deste capítulo. Na realidade consegui ter, com os professores escolhidos, um diálogo no qual brotaram diversos aspectos associados à voz e ao trabalho docente. Pareceu-me, que ao falarem sobre voz, havia uma vibração no ar desconhecida pelos próprios professores, mas revelada quando iniciavam suas reflexões sobre o papel da voz em sua atuação profissional. Foi evidente o interesse de todos para a observação das relações entre a voz e o trabalho docente. Muitos deles talvez nunca tivessem refletido sobre isso, mas com certeza tinham recordações marcantes de vozes de seus próprios professores e souberam responder o quanto alterações na voz podem ou não interferir no seu desempenho profissional.

O como ouvir este professor, sob as diretrizes de um estudo exploratório não implica uma grande quantidade de sujeitos e sim a qualidade das informações e a diversidade delas, para se elaborarem fontes de hipóteses e possibilidades práticas para novas pesquisas (Seltz, 1965). Assim, os cinco professores que foram selecionados como sujeitos do presente estudo serão agora caracterizados para se obter um quadro de referência a respeito desses profissionais, destacando aspectos referentes ao sexo, idade, nível de atuação, tempo de magistério, formação, carga horária e local de trabalho.

5.1 Caracterização dos professores entrevistados:

- Professora de Educação Infantil (P1), com 38 anos, lecionando na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Araraquara, para classe de 5 anos. Tem 17 anos de atuação na Educação Infantil. Formou-se no Curso de Magistério, em Escola Estadual de Araraquara, e no Curso de Pedagogia em Jaboticabal, com licenciatura em Administração e Supervisão, complementando com cursos ligados à pré escola, como os da Secretaria de Educação por meio da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), e todos de repasse oferecidos aos professores da prefeitura de Araraquara. Sua carga horária atual de trabalho é de 20 horas semanais.

- Professora de Ensino Fundamental no Ciclo I, (P2), com 59 anos de idade, lecionando para 4ª série, em escola da Rede Estadual de Ensino de Araraquara. Tem 21 anos de magistério, divididos em 3 anos como professora de música para alunos do curso ginásial e os outros 18 anos lecionando em classes de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental em escolas estaduais. Sua formação profissional se deu em Escola Normal, na cidade de Birigüi, interior de São Paulo, em 1958. Também fez Escola de Música em Araçatuba (conservatório para piano) na década de 50, e Pedagogia em Jaboticabal em 1994. Além de todos os cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria de

Educação, participa de um projeto da UNESP na escola em que trabalha atualmente. Trabalhou como inspetora de alunos por 5 anos numa escola em São Carlos, quando perdeu suas aulas de música pela mudança da grade curricular, até surgirem novos concursos para professores da rede estadual. A carga horária atual de trabalho é de 36 horas, acrescidas com o cumprimento de outras atividades na escola, perfazendo um total de 40 horas semanais. Variou do decorrer desses anos desde a carga horária até o nível de atuação, pois já lecionou para adolescentes, para as séries iniciais em escola de fazenda e, nos últimos 8 anos tem lecionado em classes de 4ª série do Ensino Fundamental, da escola pública.

– Professora de Matemática de Ensino Fundamental (8ª série), Médio e Cursinho pré- vestibular (P3), com de 35 anos de idade, lecionando atualmente matemática para Cursinho Pré Vestibular, Ensino Médio e 8ª série do Ensino Fundamental em escola particular e pública de Araraquara. Tem 13 anos de magistério. Começou sua formação fazendo Faculdade de Engenharia e transferiu-se para o curso de Matemática, na UNESP de Rio Claro (nível de bacharelado). Faz cursos que a Delegacia de Ensino oferece complementando sua formação. Sua carga horária atual de trabalho é de 55 horas semanais.

– Professora de Português de Ensino Médio e Curso pré-vestibular (P4), com 31 anos de idade, com 10 anos de magistério, já lecionou em escola pública e atualmente leciona em escola particular de Araraquara. Sua formação profissional é em Letras (Inglês, Grego e Francês) na UNESP de Araraquara, sendo atualmente Mestranda na Pós Graduação em Linguística da mesma Universidade. Sua carga horária atual de trabalho é de 8 horas semanais.

– Professor de Biologia para Ensino Superior (P5): 36 anos de idade, dando aulas atualmente na área de ciências biológicas, em Centro Universitário particular. Tem 5 anos de magistério. Com formação profissional em Licenciatura e Bacharelado na área de Biologia, na Universidade Federal de São Carlos, mestrando no Curso de Pós Graduação em Educação da UNESP de Bauru. A carga horária atual é de 14 horas semanais.

O quadro abaixo sintetiza a caracterização dos professores entrevistados, segundo sexo, idade, nível de atuação, tempo de magistério, nível de formação, carga horária semanal e tipo de instituição em que lecionam. Os entrevistados serão identificados a partir deste momento pela letra " P" seguida de um número.

QUADRO I
CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

professor	sexo	idade	Nível de atuação	Tempo de magistério	Formação	Carga horária semanal	Rede de Ensino
P1	Fem.	38 a.	Educação Infantil (crianças de 5 anos)	17 a.	superior	20 horas	municipal
P2	Fem.	59 a.	Ensino Fundamental Ciclo I - 4ª série	21 a.	superior	40 horas	estadual
P3	Fem.	35 a.	Ensino Fundamental (Ciclo II - 8ª série); Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) e Cursinho Pré-vestibular	13 a.	superior	55 horas	estadual e particular
P4	Fem.	31 a.	Ensino Médio (1ª, 2ª, 3ª séries) e Curso pré-vestibular	10 a.	superior	8 horas	particular
P5	Masc.	36 a.	Ensino Superior	5 a.	superior	14 horas	particular

Vale, neste momento, ressaltar que todas as entrevistas foram envolvendo tanto entrevistador quanto entrevistado, em reflexões além das propostas pelo roteiro elaborado. Todos falaram e relataram fatos e reflexões, tentando descrever ao máximo as sensações e os fatos, deixando as entrevistas com aproximadamente uma hora e trinta minutos de duração e uma sensação de que o assunto ainda não se havia esgotado. A exceção foi P3, mais rápida nas respostas, com pouca paciência para a entrevista (30 minutos), talvez até fazendo parte de sua personalidade irrequieta, ou pelo ritmo de vida que leva, ou mesmo por não ter tempo para nada e estar com pressa de terminar a entrevista.

Três dos cinco entrevistados tinham mínimas informações sobre voz: P5 porque a mãe, que também era professora, tinha problemas

de voz quando se aposentou, e duas professoras (P1 e P2), porque tiveram noções básicas de canto.

As entrevistas tiveram momentos de emoção, por exemplo, quando P2 relembra seu passado, as dificuldades encontradas na época de sua formação e do início de sua atuação como professora e quando relembrou as vozes de suas professoras; ou quando P4 vibrava ao falar de sua atuação com língua portuguesa e a importância de sua disciplina na formação de seus alunos adolescentes.

Momentos de explicações mais extensas sobre como é o trabalho docente foram comuns em todas as entrevistas; assunto que todos os entrevistados realmente dominavam, mais do que a entrevistadora. Estas explicações serão analisadas de forma parcial, algumas vezes complementando a idéia da qualificação profissional e a compreensão da voz junto ao trabalho docente sem extensas análises sobre a validade da forma de trabalhar ou adequação das ações dos professores, pois na verdade este não é o foco de estudo do presente trabalho.

O processo de entrevista parece ter surtido o efeito desejado. Consegui ter em mãos alguns aspectos sobre como é a voz na voz do professor.

Para organizar o material obtido foram estipulados alguns focos de análise. Estes focos foram elaborados de acordo com o objetivo principal do presente capítulo: conhecer como os professores entendem a

voz no exercício profissional e que valor atribuem a ela. Definiu-se então os seguintes focos de análise:

- principais requisitos para o bom desempenho como professor
- papel da voz na atuação do professor
- variações do comportamento vocal utilizadas durante as aulas
- memória das vozes de antigos professores
- reflexões sobre o próprio comportamento vocal
- o que desejam saber sobre voz

Alguns focos apresentam diversos aspectos, outros não, dependendo do tipo de indagação realizada ou da diversidade das respostas. Esses aspectos surgiram dentro das respostas dos entrevistados e foram agrupados de acordo com seu significado e sua ocorrência. Alguns aspectos foram mencionados por vários professores de formas diferentes e, assim, marcaram mais as idéias mais vigentes entre eles; outros, no entanto, foram citados por um só dos entrevistados, porém continham importância extrema e exemplificaram a realidade não falada pelos outros entrevistados. Uma tabela contendo todos os focos de análise e a quantificação de seus respectivos aspectos está a disposição no Anexo 2 deste estudo.

Seguirei detalhando cada foco e os aspectos mencionados pelos entrevistados, relacionando-os com a bibliografia explorada neste estudo.

5.2 Principais requisitos para o bom desempenho como professor

Tentar compreender quais os requisitos considerados pelos professores entrevistados como relevantes para o bom desempenho profissional, o primeiro foco de análise, talvez revelasse a presença da voz como um deles. Ciente de que inúmeros itens seriam apontados, e de que minha análise não se aprofundaria em teorias inúmeras e nem buscaria comprovações teóricas sobre cada um deles, procurei entender o bom desempenho do professor, tomando como referência alguns estudos sobre práticas pedagógicas que trazem um conjunto de elementos caracterizando o desempenho do professor, como os de André (1989), André e Mediano (1989), Cunha (1989), Guarnieri (1990, 1996), Libâneo (1994), Mello (1993), e Pacheco (1995).

Os requisitos apontados pelos entrevistados variaram desde estabelecer um bom relacionamento com os alunos até a vontade de ensinar. Embora a voz não tenha sido mencionada, diretamente, como requisito necessário para um bom desempenho na profissão do professor, esteve presente como componente de outros requisitos.

A tabela 1 permite visualizar os aspectos que os entrevistados acharam relevantes serem apontados como requisitos de uma boa atuação profissional, quantificados segundo sua ocorrência. Lembrar que um mesmo professor pode ter citado mais de um aspecto, e

que um aspecto pode ter tido mais de uma ocorrência, com várias formas de ser encarado por um mesmo professor.

TABELA 1: QUANTIFICAÇÃO DOS REQUISITOS MENCIONADOS PARA O BOM DESEMPENHO DO PROFESSOR

Requisitos para o bom desempenho do professor	N
Relacionamento com os alunos	15
Formação do professor	6
Recursos mobilizadores da aula	6
Total	27

N = número de vezes em que foram mencionados os aspectos

Relacionamento com os alunos

O relacionamento com os alunos foi o aspecto que recebeu maior destaque por parte dos professores entrevistados. Foi apontado como importante para que o professor consiga ter uma performance efetiva e sentir que está conseguindo desempenhar bem sua função. Dessa forma, encontrei 15 referências que diziam respeito à relação professor- aluno.

O uso de uma linguagem oral adequada tanto em seu conteúdo como elemento de contato foi apontado por 2 vezes:

".....conseguir chegar na linguagem do aluno. Nos dois níveis, tanto na escola particular quanto na estadual." (P3)

" Saber chegar ao aluno, o palavreado que você vai usar. Tem que ser pensado que as vezes a gente usa muitos termos que parecem comuns pra gente no dia a dia, mas que o aluno não vai apreender porque ele não conhece os termos, as palavras. O Português é muito fraco, porque as pessoas não lêem, então tem que se tomar cuidado quando se faz isso porque senão você aborta o conhecimento antes do conhecimento, já na própria fala sua." (P5)

O falar a mesma língua pode ser o início de uma relação duradoura, pode ser o início de um processo de confiança e de credibilidade. Libâneo (1994) valoriza a linguagem como instrumento que deve ser adaptado à experiência sócio- cultural dos alunos. A linguagem oral aqui é vista como o veículo de contato professor - aluno, fundamental para a efetivação do processo de ensino- aprendizagem. A adequação da linguagem também é enfocada por Guarnieri (1990), quando aponta o uso de linguagem acessível como marca de professoras bem sucedidas.

Dentro deste processo de adequação, o conteúdo da linguagem, segundo os entrevistados, deve conter o interesse dos alunos, com a finalidade de conseguir alcançá-los, no sentido concreto da palavra.

"Você tem que conseguir chegar nele, senão você não dá aula!"(P3)

".....também estar trabalhando com coisas que são do interesse deles." (P4)

"..... é você trabalhar junto. Trabalhar com é você imaginar o que a criança gosta! Do que ela gosta! Você tem que se reportar ao teu passado." (P2)

Evidentemente esta capacidade de adequação da própria linguagem à do aluno, faz parte do que Libâneo (1994) chama de

habilidades do professor. O exercício destas habilidades diferencia a atuação dos professores e os aproxima da classe, conduzindo sem dúvida a resultados positivos profissionais.

Encontrei, também, nos depoimentos sobre relacionamento com os alunos, uma preocupação com relação aos fatores emocionais, tais como: identificar-se com os alunos, não expô-los ao ridículo e conseguir cativá-los.

"dos 10 a 12 anos é uma faixa maravilhosa, eu me identifico demais com eles! Com as crianças! (.....) eu sempre me coloco no lugar da criança..... que se você está naquele lugar ali e alguém falasse aquilo que eu falei!!! Puxa você iria se sentir mal." (P2)

"..... tem que aprender a cativar o aluno, sem isso você não dá aula (.....)Você pode ter o conhecimento que você for, se você não conseguir prender a atenção do aluno, você não resolve nada." (P3)

".....outra coisa, que tem que ficar tranqüilo dentro da minha matéria é que você não vai expor, que jamais vai expor o trabalho dele ao ridículo, jamais vai mostrar para os outros, é uma coisa entre você e eles." (P4)

A relação existente entre o professor e o aluno é enfatizada na bibliografia como componente da atuação de professores bem sucedidos, (Guarnieri ,1990), e como chave para o desempenho do professor e do próprio aluno (Cunha, 1989 e Mello, 1993). Marcadamente os professores entrevistados parecem possuir um bom relacionamento com os alunos, pois nota-se que têm preocupações com o aluno enquanto pessoa e enquanto aprendiz, sendo possível estabelecer

aproximações entre o que esses professores apontaram e seus depoimentos, com as colocações apresentadas nestes estudos.

Para André (1989), complementando as relações acima apontadas, a afetividade presente na relação professor aluno é importante na docência, e acredito que esta afetividade é que aperta os laços de troca de conhecimento, que possibilita a receptividade do aluno ao conhecimento oferecido pelos professores. André e Mediano (1989) já apontavam o cuidado que se deve ter em não depreciar o aluno para poder efetivar a interação com o professor, da mesma forma que P4 procura exemplificar. Dessa forma parece contribuir para a construção do respeito mútuo, que diversos autores mencionam e que nossos entrevistados confirmam ser um requisito importante para o bom desempenho do professor.

Cabe lembrar aqui que a voz é um dos primeiros veículos de contato e de impacto quando conhecemos alguém e quando queremos cativar. Logo vejo a presença marcante da voz na formação do elo afetivo professor- aluno, como elemento fundamental desta interação, mesmo que ela não tenha sido mencionada literalmente nas vinhetas apresentadas, ou quase tenha sido quando referiram `a linguagem. Nós cativamos com nossas atitudes, nossa compreensão dos problemas, nossa voz....

Além disso, o poder das palavras e sua carga emocional são também reconhecidos pelos professores entrevistados. O saber pedir

desculpas e reconhecer o próprio erro, parecem fazer parte da relação emocional. Isto é muito bem exemplificado na vinheta abaixo:

"Você precisa voltar o seu pensamento e pensar: - Puxa vida! O que eu falei para aquela criança! Vou conversar com ela! - Filha olha me desculpe, eu falei uma coisa que talvez tenha te ofendido..... A gente tá nervosa..... Aí a criança diz: - Ah! Não tem nada tia." (P2)

É oportuno relacionar o forte envolvimento que P2 tem com seus alunos de 4ª série do ensino fundamental com o envolvimento emocional encontrado por Dias- da- Silva (1997) em professoras do mesmo nível de atuação, que era perdido nas séries posteriores. Em nossos depoimentos o envolvimento aparece em todos os níveis com exceção de P1, professora de ensino infantil, que não mencionou o relacionamento com os alunos. Este fato parece combinar com os achados de Angotti (1992) sobre as relações frias que encontrou entre professoras de pré- escola, mais detidas nos objetivos de seu plano de ensino.

Saber reconhecer o impacto do que é falado e buscar o respeito do aluno, parece ser fundamental para manter as relações de forma adequada no futuro. Novamente é a comunicação oral marcando seu principal elo - o relacionamento interpessoal. As colocações de nossos entrevistados aproximam-se dos dados da bibliografia, colocando a comunicação, o relacionamento com o aluno como fator importante no desempenho do professor apontados por Schmidt et al (1998) e André (1989).

Algumas vinhetas parecem ilustrar o que acontece quando se tem um bom relacionamento professor/ aluno:

".....e depois você tem que ter uma vontade tremenda de voltar a ser criança, de estar no meio delas, de participar. " (P2)

"Você tem que inteirar o aluno na sala de aula, não simplesmente falando lá na frente e eles escutando. Tem que ter participação, os dois lados." (P4)

"..... eu acho que você tem que tentar na verdade fazer com que eles sejam seus aliados, que eles trabalhem junto com você, nós vamos fazer isso e eu vou ajudá-los." (P4)

Evidentemente que, tendo um bom relacionamento o professor favorece a participação dos alunos, consegue que o trabalho seja feito de forma conjunta, há uma participação recíproca e os alunos passam a ser aliados do professor. Ocorre uma interação social na situação pedagógica por meio da interação recíproca, como Sirota (1994) refere existir.

O emocional do professor também é lembrado quando aparece o aspecto da paciência envolvida no trabalho docente:

"Em primeiro lugar é a paciência que a gente tem que ter." (P3)

Uma das características pessoais que dizem respeito à conduta do docente e à aprendizagem do aluno é a paciência, segundo Guarnieri (1996). Entre as outras características apontadas por esta autora, estão o saber conhecer os alunos, o bom relacionamento com o

alunos, conversar com os alunos, entre outras tantas, presentes também nos depoimentos dos professores entrevistados.

Houve menção a diversas formas de interação, de relacionamento professor e aluno. Foram apontados aspectos emocionais, de troca de conhecimento, de fala e linguagem.

A linguagem oral é considerada como um dos principais vínculos de relação humana e junto dela caminha a voz, com todas as qualidades de psicodinâmica. Segundo Behlau & Pontes (1990), a psicodinâmica vocal é a qualidade da voz do falante e seus efeitos no ouvinte, de forma dinâmica, pensando que o ouvinte será falante no momento subsequente. Este efeito é, segundo estes autores, o responsável pelos primeiros elos da comunicação.

Segundo os professores entrevistados, o relacionamento com os alunos é um fator de bom desempenho do professor, e acredito que a voz, sendo um elo para esse relacionamento, se faz presente ainda que não mencionada explicitamente.

Ainda como um elemento de influência no relacionamento professor- aluno, a postura do professor surgiu como relevante. A postura do professor, sugerindo uma postura de imposição, buscando obter o respeito da turma através da comprovação de ter domínio do conhecimento. Isto foi apontado por um único entrevistado em dois momentos, embora tenha sido amenizada com referências feitas sobre a abertura ao diálogo com o aluno. Esta postura também se estende com

relação à disciplina que leciona e suas relações com a realidade de vida dos alunos. Mostrar as relações levam a uma aproximação maior entre aluno- professor e conteúdo.

"Acho que você tem que se impor, se você começa...Você tem que ter uma postura dentro da sala de aula tá? Você tem que, sei lá, eu pelo menos trabalho com colegial, você tem que mostrar para eles que você sabe, porque senão também eles, mas ao mesmo tempo estar aberto para que eles possam perguntar." (P4)

"A minha matéria é fundamental em qualquer universidade, ele vai ter que escrever, num tem jeito, em qualquer profissão depois. Então você tem que tentar mostrar isso. " (P 4)

Os apontamentos de P4 sugerem manter a imposição do professor como eixo da classe, sem deixar-se enfraquecer. Lembrar que P4 é uma professora de português do ensino médio, lidando com adolescentes que precisam estar seguros das relações que efetivam, tanto com o professor como com o conteúdo das disciplinas. Volto neste ponto a citar Libâneo (1994), que ressalta as relações entre capacidade e habilidade do professor; e Pacheco (1995) que reforça a importância do cognitivismo e da prática do professor. Neste caso, a tentativa parece ser mostrar o domínio do conteúdo, e que este é importante para o aluno de forma prática, buscando o respeito da classe, numa postura firme mas com certa flexibilidade. É a interação com o aluno pelo respeito mútuo, citado por André e Mediano (1989).

Foram estas as 15 vinhetas que caracterizaram o aspecto de relacionamento com os alunos, que obteve maior destaque dentro do foco sobre os principais requisitos para o bom desempenho do professor.

Formação do professor

Na visão dos professores entrevistados neste estudo, a formação básica e continuada é um aspecto do foco referente aos requisitos necessários ao bom desempenho profissional, e foi possível localizar seis referências sobre essa questão. Para alguns é o fundamental. Cabe aqui lembrar que todos têm formação superior e procuram, de alguma forma, estar se atualizando, seja por meio de cursos oferecidos para a Rede de Ensino, seja por cursos buscados por eles mesmos, valorizando a formação continuada. Três professores destacam a necessidade da formação básica e continuada, para a consolidação da bagagem cultural e da atualização do conhecimento.

"Eu acho que é a formação, não é Lúcia? Depois a prática e daí estar sempre, e tá sempre.....(a entrevistadora indaga novamente para auxiliar a resposta: O que você acha que é importante?)A formação enquanto escola mesmo, tá? E depois, daí você estar se atualizando, se reciclando, lendo bastante.....a gente vai complementando. Através de livro: Emília Ferreiro, Piaget, a gente está sempre lendo." (P1)

"Em primeiro lugar eu tenho impressão que é preciso um pouquinho de vontade de cultivar aquilo que você é, tem e faz, tanto de bagagem familiar como estudantil, precisa cultivar, tem que ter um pouquinho de cultura....." (P2)

".....depois você tem que ter um pouquinho de vontade de estudar e procurar e pesquisar....." (P2)

"Acho que tem que ter muito conhecimento, muito conhecimento. (entrevistador: Em quê?) Na área e na, na minha área, na disciplina que é redação, na atualidade. Se você não estiver dentro da atualidade, você tem que mesclar a parte da atualidade e da disciplina." (P4)

"A parte da redação, a língua portuguesa ela tá mudando muito rápido ela tem muitas mudanças, e se você não ficar direto estudando você fica para trás ou você continua trabalhando, até dentro do meu trabalho existe um modelo que é passado para o aluno, para o aluno preencher aquele modelo e acabou" (P 4)

A vontade de estudar e pesquisar foi apontada por P2 e P4 , que enfatizaram a cultura, o conhecimento geral e o específico como fundamentais para o bom desempenho do professor. A atualização é fundamental no tempo atual, pois a velocidade da transmissão de conhecimento por outras vias que não a educacional escolar é muito rápida através, por exemplo, da mídia televisiva e internet. O professor precisa então procurar acompanhar essa velocidade ou ao menos estar próximo dela para manter o interesse dos alunos.

No presente estudo exploratório, não foram abordados textos específicos sobre a formação do professor, visto não ser este meu foco principal de estudo, mas, no estudo de Cavaco (1991), surge a importância da formação docente e, mais do que isso, a importância das contradições existentes entre o que é ensinado nos cursos de formação e o que se encontra no início do exercício profissional. Enfoca a troca de conhecimento entre os pares e a construção de uma autonomia do

professor com o exercício de sua prática. A professora P4 menciona o exercício desta autonomia, embora não chegue ao final de seu pensamento, quando refere-se aos modelos que existem e que parece desaproveitar, e na falta de atualização, fica restrita a eles.

A prática reforçando o conhecimento básico e os ajustes para enfrentar as situações novas podem ser encontrados na atualização e na necessidade de estudos constantes, apontados pelos entrevistados.

A formação foi valorizada, em particular, quanto a continuar sempre estudando, a realmente conhecer o conteúdo do que ensina, a ter vontade de se atualizar. Essa vontade, embora mencionada em um único momento por P2, é aquela vontade que parece reger todo professor e o conduzir por uma carreira repleta de obstáculos e intercorrências variadas, transmitindo todo o conhecimento adquirido, de forma pessoal e profissional. Mizukami (1996), aponta o valor da atualização, ao analisar a importância do conhecimento proveniente do exercício da docência e daquele constituído ao longo da trajetória de vida.

Tanto a formação continuada como a necessidade de atualização necessita de um tempo disponível do professor. Este parece ser pequeno como referido por P4 nesta vinheta:

" Outra coisa que ao meu ver, tá, acho que você não pode ter uma carga horária muito grande porque senão você acaba fazendo um mau trabalho.....Muito importante, se você tiver assim um tempo, tem que ter um tempo livre para você estar estudando, pesquisando, para estudo, pesquisa, leitura mesmo, para você se informar." (P4)

Esta colocação de P4 é pertinente; embora não mencionada pelos outros professores, refere-se a um problema específico da profissão.

A carga horária na docência tem sido objeto de discussão entre os educadores na tentativa de organizar o trabalho docente sem desgastes ou estresse. Os professores de uma forma geral têm assumido uma carga horária extensa devido à má remuneração e à necessidade de sobreviver numa sociedade com grandes obstáculos econômicos. A carga horária extensa é uma das causas do chamado mal estar docente (Esteve, 1995). Nos estudos específicos de voz do professor, da área fonoaudiológica, a carga horária excessiva de trabalho tem sido apontada por alguns estudos como provável causa do abuso vocal entre os professores (Mathieson 1993; Martin & Danrley, 1996; Scalco, 1996). Há no entanto muitas controvérsias sobre o assunto sem comprovações efetivas dos achados. O que se pode supor é que modificar a carga horária de um docente tem implicações bastante acentuadas em sua vida econômica, e por maiores que sejam os benefícios de uma carga horária suave, talvez não estariam dentro da realidade econômica da profissão.

Recursos mobilizadores da aula

Foram identificados, nos depoimentos dos entrevistados alguns recursos que mobilizam a aula como parte do terceiro aspecto dos requisitos para uma boa atuação profissional. Esses recursos

mobilizadores se referem a elementos presentes na estruturação e dinâmica das aulas, compreendendo desde a sensibilidade do professor em perceber o andamento da aula, o conteúdo da matéria, até a utilização de recursos materiais como os audio- visuais.

Seis referências exemplificam a preocupação de dois dos entrevistados (P4 e P5) em estruturar suas aulas para torná-las mais interessantes a cada grupo de alunos. Os demais professores não mencionaram diretamente este aspecto, porém percebe-se uma preocupação com a mobilização de recursos para valorizar a aula quando abordam o uso da voz no seu trabalho. Vale notar que os níveis de atuação dos dois professores preocupados com a estruturação da aula eram de ensino médio e superior, trabalhando com adolescentes, o que talvez exija uma estrutura de aula com uma dinâmica diferenciada para cativar os alunos.

Os professores referiram-se a modelos pré estabelecidos que desejavam evitar, `a necessidade de se pensar na interdisciplinaridade, `a observação do grupo se contrapondo a sua ação em sala de aula, ao uso de recursos audio-visuais, e à flexibilidade da aula.

".....até dentro do meu trabalho existe um modelo que é passado para o aluno, para o aluno preencher aquele modelo e acabou. Então você não está formando o aluno, na verdade você tem que estar atual, tem que estar lendo muito, tá?" (P4)

".....é trabalhar com interdisciplinaridade, então pra você ter isso você tem que ter conhecimento das outras áreas, se não você fica só em cima do que

“você faz e acabou, como se não existisse, e você tem que dar essa ligação para o aluno.” (P4)

“ Geralmente temas, você tem que mesclar ali parte da gramática, a parte de ensinar e temas que eles tenham interesse, mas que tenha a ver com a vida deles, tentar trazer, o que eu faço na verdade, trazer revistas e jornais, tal, para que eles consigam perceber que isso faz parte da realidade deles, se não eles não vão!” (P4)

“.....Na área acadêmica dois pontos básicos: um é domínio da aula que você vai dar, conhecimento, e o outro uma boa performance em sala de aula..... o uso de recursos não necessariamente sofisticados, mas de recursos adequados ao grupo, e não o mesmo tipo de aula para os diversos tipos de cursos.” (P5)

Percebe-se em P4 a necessidade de não se fixar em modelos pedagógicos estabelecidos no decorrer do tempo, de lidar com os conteúdos de forma interdisciplinar, da atualização dos exemplos e da ligação deles com a realidade dos alunos e com as outras disciplinas. Isso combina com a necessidade de haver uma coincidência de objetivos entre professor e aluno para o ensino ser bem sucedido, posição assumida por Libâneo (1994).

Como preconizado por André (1989), esses dois professores parecem também entender que a aula com atividades planejadas, dentro de uma prática diversificada, é um requisito para o bom desempenho do professor. Esta autora vai além e menciona a boa utilização do tempo da aula, que acredito ser obtida com o domínio do conteúdo e dos recursos adequados ao grupo, como referido por P5.

"Ah! Desde a linha tecnológica, um filme, um vídeo, transparências, ah! Slides. Até uma boa aula no sentido escrito, uma lousa bem feita, com principais tópicos, e, a fala, que é o instrumento do professor mais importante." (P5)

A fala surgiu nesta vinheta do professor universitário P5 com o mesmo peso dos outros recursos concretos da aula. Na bibliografia explorada, alguns autores também listam recursos, como Guarnieri (1990), especificando: objetos, livros, recursos da comunidade, caderno, lápis, lousa, giz branco, etc; e, como Bernardes (1998) que valoriza novas didáticas em sala de aula. No entanto, nenhum coloca explicitamente a fala neste rol, como P5. Analisando sob este ponto de vista, encontro a voz contida na fala, mencionada por este professor, como instrumento de trabalho, como recurso mobilizador, requisito da performance do professor.

A voz contida na comunicação oral foi estudada por Schmidt et al (1998) como um dos elementos que podem determinar a atuação do professor. Levantaram as variações da qualidade vocal que conseguem manter uma maior ou menor atenção dos alunos. Associaram problemas vocais, tais como rouquidão, como prejudiciais; e boas performances vocais, como sinais de bom desempenho do professor.

Também é de P5 a vinheta que destaca, oportunamente, como recurso mobilizador da sala de aula as decisões inúmeras que o professor deve tomar durante seu trabalho.

"Você tem que ter a sensibilidade para saber o que colocar em cada momento e ter algumas ferramentas de emergência para que, se em algum

momento a coisa não está funcionando, ter oportunidade de mudar isso, não chegar num extremo, né?" (P 5)

Parece-me que sua colocação se aproxima daquele momento em que o professor reflete em sua ação, citado por Mizukami (1996). Em questão de segundos, o professor necessita recorrer à sua bagagem de conhecimento e gerar ações diferenciadas adequadas. Provavelmente as inúmeras ferramentas de emergência que dinamizam a aula, fazem a diferença entre os desempenhos de professores. Refletir rapidamente a cada imprevisto e transpô-los com adequação, sejam quais forem as ferramentas, dinamiza a aula.

De uma forma ou de outra, parece ser importante mobilizar a aula, torná-la menos repetitiva. Acho importante lembrar a posição que Jackson (1996) assume com relação à uniformidade do ambiente escolar: um pano de fundo inevitável para o aluno. Podemos encarar a estrutura da aula como parte deste ambiente. Realmente mobilizá-la pode ser muito positivo no desempenho do professor.

De um modo geral, não há dúvidas nas vinhetas destes cinco professores entrevistados de que o bom desempenho profissional na docência é conseguido sobretudo por meio de uma via de comunicação com os alunos, uma relação de confiança associada, sem dúvida, com a vontade de transmitir cultura e ter uma formação sólida sobre o que irá lecionar. A linguagem oral é mencionada para se obter o

contato com os alunos. A aula parece ser vista como algo necessariamente dinâmico para funcionar com toda sua força.

5.3 O papel da voz na atuação do professor

Parece que a voz não é assim tão ignorada como tem-se pensado. Seu valor está presente no dia a dia do professor e emerge assim que algum dispositivo é acionado. Todos os professores responderam com facilidade sobre o papel da voz e, em seguida, como ela varia no trabalho docente. Nenhum deles ignorou sua presença ou minimizou seu papel.

O foco de análise sobre o papel da voz no exercício da profissão constituiu-se dos seguintes aspectos: recurso didático, controladora da disciplina e reveladora da emoção. Lembrar que um mesmo professor pode ter citado diferentes aspectos que se enquadravam num mesmo papel, e que cada uma das citações foi quantificada. A tabela 2 traz a quantificação dos aspectos mencionados agrupados nos três papéis atribuídos à voz pelos entrevistados:

Tabela 2: QUANTIFICAÇÃO DOS PAPÉIS DA VOZ NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR

Papel da voz	N
Recurso Didático	10
Controladora de disciplina	8
Reveladora da emoção do professor	2
Total	20

N = número de vezes em que foram mencionados os aspectos

Voz como recurso didático

A voz como recurso didático, embora não nomeada desta forma, surge com esta função evidente destacada nos depoimentos dos professores de todos os níveis em algum momento de suas falas, independente de ser no questionamento sobre o papel da voz. Foi considerada como recurso didático quando os professores a colocavam como algo que permitia uma maior eficiência do processo que faz a relação entre o aluno e a matéria. Libâneo (1994), chama este processo de processo didático. Notar que quando os entrevistados foram questionados diretamente sobre os requisitos para o bom desempenho como professor, citaram alguns recursos mobilizadores da aula, mas não citaram a voz literalmente. Aqui ela emerge como recurso didático.

Este papel da voz apareceu em 10 dos 20 aspectos apontados por nossos entrevistados neste foco de análise, para delinear o papel da voz na docência. A voz foi enfocada desde sendo um

instrumento de trabalho, até usada para destacar pontos importantes e chamar atenção da classe para o conteúdo abordado.

".....a gente utiliza bastante a voz.....com criança de 5 anos é o principal o instrumento." (P1)

"..... em atividades mais calmas você mantém um tomnuma atividade de recreaçãovocê usa mesmo um tom de voz mais alto, mais forte." (P 1)

".....é importantíssima..... `As vezes você está lendo, interpretando o que está lendo com eles, e lê numa tonalidade xis e brinca na leitura, a voz é tudo!" (P2)

"É a expressão daquilo que você quer passar! é o que dá o temperinho." (P2)

"Eu sou caracterizada pela voz. Por brincadeiras que eu faço com a voz principalmente. Por exemplo o "xis" eu falo « xãs». Então eu uso a minha voz para prender a atenção dos alunos, isso eu uso bastante. (P3)

....Um recurso, isso! Um recurso." (P3)

" é incrível assim como você ou aumenta ou diminui, ou faz uma musiquinha, alí. É incrível como chama a atenção do aluno, e ele percebe que ali tem alguma coisa importante!". (P3)

"Acho que é extremamente importante, se você não souber fazer uso da sua voz (riso), mesmo porque tem momentos que você tem que falar mais baixo, você tem que dar a própria entonação, né?" (P4)

"Ela é muito importante.....na hora que você vai destacar alguma coisa então você tem que usar uma entonação diferente, é uma coisa que eu uso tá: falar pausadamente, se você fala rápido eles não pegam, então se você

for falando bem devagar, você não precisa repetir, você terminou e ele entendeu." (P4)

(quando mencionava os recursos didáticos para mobilizar a sala de aula)
"..... a fala que é o instrumento do professor mais importante....." (P5)

Os cinco professores entrevistados valorizaram a voz como componente da ação docente. Neste primeiro momento destacando sua importância, apontando-a como elo de fixação da atenção do aluno para o conteúdo da matéria e até chamando-a de instrumento de trabalho.

A qualidade vocal é obtida pela adequação da produção vocal, com equilíbrio muscular e aerodinâmico e pela variação dos componentes da voz. Quando esta variação é realizada com adequação e flexibilidade, atende melhor às condições de relação com o interlocutor (Ferreira et al, 1998) e transmite efeitos ao ouvinte, causando impactos que estabelecem os primeiros elos da comunicação (Behlau, 1990). Julga-se o que é dito pela forma de dizer (Martz, 1987). A forma de dizer se traduz na variabilidade da qualidade vocal, na psicodinâmica vocal. A opinião emitida pelos professores entrevistados reforça estes pontos de vista; eles sentem, em suas aulas, o quanto um destaque pode ser conseguido através do comportamento vocal diferenciado, da qualidade da emissão de voz.

O uso da metáfora "*temperinho*", por P2, para qualificar a voz foi muito feliz. Parece realmente definir o que as variações de voz fazem nas emissões orais dos professores. Uma fala sem tempero é sem

graça, pouco interessante e convidativa `a desatenção do ouvinte, não tem nenhum destaque.

Como já abordou Schmidt et al (1998), as variações de algumas vozes são reconhecidas pelos alunos como características de bons professores: variabilidade de intensidade, freqüência e extensão por exemplo. Já vozes monótonas revelam características de professores ruins. Vale lembrar o ponto de vista de Magalhães et al (1998), que um emissor só consegue realizar modificações em sua voz de maneira voluntária se for consciente de sua expressão vocal.

Os professores entrevistados neste estudo parecem ter uma consciência bastante razoável de suas próprias vozes, devido `a precisão de suas observações. Sabem que, em atividades calmas, usa-se voz calma, e, em outras mais agitadas, elevam a voz. Percebem as variações realizadas nas leituras. Brincam com os símbolos matemáticos, buscando sons interessantes que os caracterizem. Compreendem os efeitos de ritmos alterados na compreensão dos alunos. Acredito que usariam a voz mais efetivamente caso tivessem conhecimentos mais apurados sobre voz, englobando todos os aspectos de psicodinâmica vocal, transformando a voz realmente num recurso didático.

Voz como controladora de disciplina

O segundo aspecto mais citado sob o foco do papel da voz na atuação do professor foi o de controladora da disciplina.

Minha experiência de trabalho em clínica fonoaudiológica, com professores portadores de problemas vocais, mostrou-me sempre que eles associam seus problemas de voz aos gritos que dão em sala de aula. Justificam o grito com a dificuldade de controlar a disciplina, em ser impossível não se exaltar frente às crianças irrequietas. Lembram da voz quando gritam, e gritam para controlar a disciplina da classe. Gritar é aumentar a intensidade da voz.

A intensidade de voz pode variar em mais forte e mais fraca (mais alta e mais baixa). O grito é uma voz em altíssima intensidade. Esta variável aparece citada na bibliografia da área da educação de forma bem explícita, em particular nos estudos enfocando o trabalho docente na sala de aula. O grito é citado para controlar disciplina por Angotti (1992) e Dias - da - Silva (1997). Já a intensidade baixa da voz é citada literalmente como controle da disciplina por André & Mediano (1989), e Guarnieri (1990) relaciona a ausência de gritos como uma das características das professoras que conseguem se relacionar bem com a classe.

Os professores entrevistados no presente estudo fizeram 8 referências à intensidade de voz como controladora de disciplina. A intensidade (forte e fraca) e a frequência (fina e grossa) da voz aparecem como fatores para controle de disciplina e chamamento de atenção. A intensidade, não somente alta, mas também a baixa, é destacada como controladora dos momentos de muita conversa na classe.

Não importa muito o nível em que o professor leciona, isso aparece. Podemos encontrar evidências desta associação nos depoimentos de P1, que leciona na Educação Infantil, buscando se controlar para não gritar, usando olhares e atitudes gestuais, e do Ensino Médio (P3) destacando sua fala forte, que chama atenção:

"Tem hora que a gente se exalta, né?..... Mas eu não uso mesmo é é não muito não, mas tem hora que você acaba usando. Não gosto muito não de estar gritando com eles..... Eles sabem quando eles estão fazendo uma coisa errada, por exemplo a indisciplina, é só você olhar que eles já ficam sabe (risos).....Mas tem momentos que você tem que....fala um pouco mais alto sim!" (P1)

"Eu acho assim, eu falo meio alto, `as vezes então eu acho que isso chama um pouco a atenção, e até os alunos me imitam..... eu uso muito a minha voz para prender a atenção dos alunos, isso eu uso bastante." (P3)

Também há referência em relação à intensidade de voz controlando disciplina em outros níveis de docência como no Ensino Médio e Cursinho pré- vestibular:

"eu tenho que trabalhar com microfone, tá, porque não consigo falar muito alto e se tem uma sala muito grande, quando eu entrava em cursinho, se eu não estiver com microfone eu não consigo, tá, eu não tenho voz...na verdade eu não consigo gritar....._Não gosto muito não de estar gritando com eles.....Tem alguns momentos que eu uso tá?" (P4)

"Então quando eu percebo que começa a ter conversa, então eu começo a falar mais baixo e a voz deles vai se sobressair, então eles param porque minha voz sumiu. Aí eles param, eles tem que perceber.... Não adianta eu começar a gritar ou bater... Então eu uso minha voz (baixa), porque sei que se eu gritar eu vou ficar rouca." (P4)

Embora P4 use o recurso de diminuir a intensidade da voz associado a uma real dificuldade de gritar, o depoimento acima mostra que é possível também controlar a disciplina usando voz baixa. Vale aqui mostrar o quanto P4 tem consciência do desgaste que produz em sua voz se gritar, e o quanto percebe seus limites vocais quando diz *"não consigo gritar.....sei que fico rouca...."*.

Interessante notar a conotação negativa dada por P4 à voz em alta intensidade de seus colegas, funcionando como um ruído de fundo que mascara, impedindo que outros sons sejam ouvidos:

".....as vezes você está dando aula, uma das coisas que atrapalha é que tem algum professor que está a seu lado, e ele fala tão alto que você escuta a voz dele..... Você escuta a voz dele e não escuta o que você está falando." (P4)

Quando a intensidade vocal é usada como prioritária para o controle de disciplina, pode produzir uma espécie de disputa, muito bem exemplificada na seguinte vinheta de P5, que leciona no Ensino Superior, na qual mostra como, a partir da reflexão na ação, a experiência traz algumas respostas importantes sobre o comportamento vocal:

"Agora quando você tem uma classe que você entra e você tem dificuldade de disciplina, a relação não é boa, o desgaste já é inicial, porque você começa com seu tom de voz mais alto e para tentar impor pelo tom de voz e, isso é muito relativo, na grande maioria, a classe vence e você perde. Porque eles são muitos, e se você começa assim, você vai mais alto e eles estão conversando mais alto ainda. Você aumenta seu tom e eles aumentam, é uma briga que depois de uma experiência de 5 anos, você vê que não é por aí, não pode ser feito por aí. Tem que ser o inverso!" (P5)

A vinheta do professor de ensino fundamental (P2) relata a própria dificuldade em controlar a intensidade de sua voz associada à sua personalidade e ao impacto que isso representa para o controle da classe:

"Eu gostaria muito de falar baixinho sempre. Eu começo a aula e falo:- hoje eu, estamos todos aqui vamos falar baixinho, mas eu tenho um temperamento latino, e quando eu vejo eu estou junto com eles. - Opa! Abaixa o som, vamos lá diminui o volume! Aí eles também diminuem! Eles pegam a minha personalidade, o aluno pega a personalidade do professor, na hora da aula." (P2)

Nestas vinhetas, os professores entrevistados parecem deixar uma mensagem de que percebem que a voz em intensidade forte é muito usada, até por eles mesmos, na tentativa de controlar a disciplina da classe, mas, têm também a consciência de que é prejudicial para suas próprias vozes e muitas vezes pouco efetivo no controle da disciplina. No entanto, deixam escapar que a usam freqüentemente. Por quê? Seria um hábito ainda não refletido pela classe profissional? Seriam modelos incorretos usados no decorrer do tempo pelos professores mais experientes e passado como efetivos?

A freqüência da voz masculina é destacada por P4 como mais evidente para alunos e que impõe mais respeito, tendo neste momento a percepção, embora sem saber o porquê, de fatores acústicos associados à voz e ao ambiente.

"...tem aquele pessoal que usa, ã, principalmente os homens que trabalham em colegial e cursinho, eles conseguem se impor totalmente com a voz, tá?" (P4)

A voz masculina do adulto é normalmente mais grave do que as vozes dos adolescentes ou das crianças, cujas vozes ainda não têm características extremamente graves; logo, torna-se mais audível. Realmente a voz masculina se sobrepõe a muitos ruídos de fundo; com isso é mais fácil de ser ouvida em classes de crianças ou adolescentes. Logo, impõe mais "respeito", ao contrário da voz feminina que se mistura às vozes das crianças e adolescentes e tem pouco destaque (Sarfati, 1987).

Para finalizar a análise deste aspecto, vale lembrar que inúmeros dados obtidos através de pesquisas empíricas na área fonoaudiológica apontam o esforço vocal excessivo, o abuso e o mau uso da voz como responsáveis pela ocorrência de disfonias em professores Oyarzún et al (1984), Garcia et al (1986), Fernandes (1998), Oliveira (1998) e Telles (1998).

Interessante notar que o abuso vocal da emissão de voz em alta intensidade aparece tanto na bibliografia das duas áreas (fonoaudiologia e educação) como no depoimento dos próprios professores. Parece ser um aspecto para ser foco de urgentes ações para prover sua adequação.

Voz como reveladora da emoção do professor

Outro aspecto referido como papel atribuído à voz pelos professores entrevistados é o de ser reveladora da emoção do professor, funcionando como elemento mantenedor da relação professor- aluno. Duas referências feitas por dois dos cinco professores entrevistados marcaram o papel da voz nesta direção. Esta quantificação parece relevante, mas, se pensarmos que foram marcadas 20 referências à voz entre os três papéis principais destacados (recurso didático, controladora de disciplina e reveladora da emoção do professor), vemos que os professores lembraram pouco deste papel que, na minha opinião, é extremamente marcante. Acho que este é um papel trivial do cotidiano da sala de aula, levando aqui em conta os conceitos de Jackson (1996). Trivial, pouco lembrado, porém extremamente relevante.

A voz transmitindo a emoção, por meio de sua inflexão, freqüência, intensidade, ritmo, passando para os alunos o que o professor sente naquele momento, ou o que ele quer que os alunos sintam, foi assim descrita por P2:

Quando você tem alguma coisa para falar você tem que ter a tonalidade na hora certa, a força na hora certa, a rispidez na hora certa, a maciez na hora certa, nossa aquilo ali! (P2)

O entrevistado P5 consegue descrever o impacto causado pelas qualidades vocais dos professores nos alunos e a resposta que isto gera. No caso, a voz fraca dando idéia de fragilidade, de incapacidade, de pouca força que, segundo P5, abre caminhos para o aluno testar o

professor. O papel dado à voz de reveladora da emoção foi descoberto por este professor, graças a sua experiência como docente, o que acredito ser muito comum entre os componentes desta profissão.

"É eu acabei descobrindo que a voz era importante pela própria experiência. Muitas pessoas que a gente via dando aula eram colegas da gente, a gente percebia que a grande dificuldade na aula deles não era falta de conhecimento e nem de didática, mas sim a postura de voz da pessoa. Muitas vezes é uma voz que, muito fraca, no sentido de não impor. E, os alunos, eles tem uma capacidade muito grande de perceber esse, essa diferenciação de voz, no aspecto de uma pessoa, é que tá com medo, uma pessoa que está receosa, que não tem segurança ao falar. Tudo isso de forma inconsciente, o aluno percebe e ele utiliza-se disso muito para testar o professor. Quando ele vê que o professor é uma pessoa que é muito insegura, e a voz transmite isso muito facilmente, ã ele capta isso e ele tenta inverter o papel, né cobrando, questionando para ver a reação do professor. (P5)

Essa fala mostra uma percepção muito adequada da psicodinâmica vocal, o impacto da voz no ouvinte, e aqui da voz mesmo, não é a fala e seu conteúdo. Esse impacto pode ser o responsável por todo um relacionamento positivo ou negativo entre professor e aluno. Perceber este impacto pode minimizar aspectos negativos desta relação, pode fazer com que o professor entenda muitas rejeições e consiga trabalhar seu comportamento vocal para melhorar sua aceitação.

Dentro deste aspecto de reveladora da emoção, os entrevistados descrevem com enorme precisão, elementos de psicodinâmica vocal marcantes para qualquer relação interpessoal. É o revelar da emoção, da personalidade interferindo, atuando, causando

impacto no ouvinte como apontou Behlau e Pontes (1990). Não estiveram preocupados com a qualidade de voz, rouca ou não, e sim com o impacto, em como os alunos percebem a voz do professor.

Segundo as análises realizadas, a voz aparece nos depoimentos dos professores deste estudo como controladora de disciplina, como recurso didático e como reveladora da emoção do professor, diria até da personalidade do professor. Já vimos que a voz é um elo na construção desta afetividade. É oportuno citar que a afetividade foi apontada como fator de bom desempenho do processo de transmissão/ aquisição de conteúdo e organização disciplinar (André, 1989; André & Mediano, 1989).

5.4 Variações do comportamento vocal utilizadas nas aulas

Este foco de análise surge de forma a complementar os anteriores, fundamentando os diversos papéis já mencionados e fortalecendo a voz como recurso no trabalho docente. Dessa forma, algumas vinhetas se repetirão como exemplos, agora com um novo foco de análise.

Foram apontadas as seguintes variações de comportamento vocal que os professores fazem durante suas aulas: intensidade (voz alta, forte ou baixa, fraca), entonação (variações dentro da extensão vocal: faixa do som mais grave ao mais agudo possível para

o indivíduo), frequência (voz grave ou aguda), ressonância (a modelagem e a projeção do som), ritmo (habilidade de fluir o pensamento em palavras), e articulação (a movimentação dos órgãos fono-articuladores para produção do som). Estes itens variados são os parâmetros que transmitem a psicodinâmica vocal (Behlau & Pontes, 1995). É a impressão que o ouvinte tem destes parâmetros que estabelece os primeiros elos de comunicação. Magalhães et al (1998) diz que o falante modifica sua voz de forma voluntária ou não, e que este comportamento influencia a pessoa com quem se comunica, e é influenciado pelas emergentes emocionais do contexto de comunicação. Os depoimentos dos entrevistados referem-se exatamente a estas variações do comportamento vocal em sala de aula.

Como era de se esperar, as variações de voz foram mescladas com outros tipos de variação de linguagem, pois não é comum entre os professores os conceitos associados à voz. Qualidade de voz não é um assunto ainda muito claro entre os professores. O questionamento foi sobre variações de voz, mas as respostas trouxeram também variações de linguagem gestual e corporal (movimentação do corpo, face, e mãos complementando a mensagem), e de conteúdo linguagem oral. Meu objetivo não é analisar essas outras variações, mas as apontarei no corpo do texto quando surgirem.

É claro que as variações não foram nomeadas, na maioria das vezes, de forma específica, como o fiz acima. A classificação foi feita

levando em conta a descrição do professor. É oportuno ressaltar que as variações identificadas para análise apareceram entrelaçadas no corpo das vinhetas. Para efeito de quantificação foram separadas.

A tabela 3 permite que analisemos a ocorrência de citações das diversas variações de voz mencionadas por nossos entrevistados:

Tabela 3: QUANTIFICAÇÃO DOS ASPECTOS APONTADOS COMO VARIÁVEIS DO COMPORTAMENTO VOCAL

Varição do comportamento vocal do professor	N
Intensidade	10
Entonação	3
Frequência	2
Articulação	2
Ritmo	2
Ressonância	1
Total	20

N = número de vezes em que foram mencionados os aspectos

Estas variações no comportamento vocal fazem o que o professor freqüentemente chama de interpretação do texto lido ou falado. É com esta variante que o professor destaca pontos importantes, chama a

atenção do aluno para o que está sendo lido ou falado, marca os personagens e a emoção.

Isso é muito interessante porque eles mostram, na prática, aquilo que é uma verdade na teoria: é a combinação desses vários itens que produz a comunicação oral mais efetiva, o comportamento vocal marcante, as vozes mais agradáveis e o contato interpessoal positivo ou negativo. Ferreira et al (1998) afirmam, em seu estudo, que variações desta natureza ocorrem para melhor atender às condições de relação com o outro interlocutor. Neste caso, para atender às relações de ensino com o aluno.

Intensidade

Dentre as seis variações do comportamento vocal citadas como usadas pelos professores durante as aulas, a intensidade de voz é a que mais se destaca (10 em 20 referências neste foco). Falar alto e baixo, forte e fraco, mudança de tom (na realidade o tom é usado para volume de voz) são as variações mais lembradas, `as vezes como positivas, `as vezes como negativas, muitas vezes para controle de disciplina (como já foi citado anteriormente), outras para dar destaque a algum ponto importante da fala.

Alguns dos professores entrevistados só conseguem mesmo perceber que fazem variações de intensidade, como no caso dos P1 e P3. Apesar das tentativas da entrevistadora em fazer com que eles descrevessem outras variações, não conseguiram sair do forte e fraco.

Aparece a entonação musical. Não têm ainda a percepção do quanto e de como a voz pode variar, embora percebam que isso auxilia no processo de ensino- aprendizagem:

"... é falar mais alto, é eles percebem, é para o mais alto, quase sempre (riso)". (P1)

"..... tá numa área livre você usa mesmo um tom de voz mais alto, mais forte."(P1)

".....é incrível, assim quando você ou aumenta ou diminui" (P3)

"..... ou faz uma musiquinha, ali, é incrível como chama a atenção do aluno e ele percebe que ali tem alguma coisa importante." (P3)

As outras referências sobre intensidade aparecem misturadas nas vinhetas em que os entrevistados dão exemplos de diversas variações de voz durante a aula.

"Varia a intensidade, nossa varia demais!" (P2)

"Eu procuro, por exemplo quando você vai.. quando eu quero vamos supor, lançando perguntas, ou então aumentando o timbre de voz, ou alguma coisa mais interessante, eu aumento, faço perguntas, espero....." (P4)

".....então você tem que mudar o tom da voz, você tem que mudar!" P(4)

".....você vai falar alguma coisa só para ele, então eu abaixo a voz para que o outro do lado não escute". (P4).

".....você já começa com seu tom de voz mais alto.....você aumenta o tom".(P5)

".....eles são muitos e se você começa assim você vai mais alto e eles estão conversando mais alto ainda." (P5)

A intensidade, forte ou fraca, apareceu na maioria das vezes associada ao controle da disciplina ou para chamar atenção dos alunos. Mas, também surgiu para destacar elementos importantes de suas emissões, para manter a individualidade do aluno.

Os demais aspectos que se seguem foram apontados em menor número de vezes, não tendo, por esta razão, minimizada sua importância. Compõem as qualidades da voz e do comportamento vocal que moldam a mensagem oral dos professores entrevistados.

Entonação

A variação em entonação foi apontada por três vezes associada especialmente ao momento de leitura, de interpretação de um texto.

A monotonia como algo negativo surge, na vinheta de P2, ao comentar como seria ruim não variar a entonação, sem complementação de palavras que denotem isto, mas com expressão facial de desagrado:

"Porque se você for ler: .babanananananmanananlana....."(P2)

Em seguida, ao exemplificar como conta histórias para seus alunos, P2 ressalta esta variação fazendo inclusive inflexões na voz, enquanto citava o que faz em sala de aula, retratando exatamente o que ela dizia. A vinheta não apresenta os padrões de entonação transcritos;

vale então ressaltar que as curvas de exclamação e de interrogação foram bem marcantes na emissão de P2.

".....eu conto uma história para eles, `as vezes eu leio, depois que eles lêem eu leio um texto para eles. E a variação é de acordo com o texto, com a interpretação. Se é uma expressão de espanto!!! Se é uma expressão de ação! Se é uma pergunta???" (P2)

Para P4 uma variação de entonação serve para destacar coisas para os alunos:

" Então na hora que você vai destacar alguma coisa, então você tem que usar uma entonação diferente, é uma coisa que uso, tá?" (P4)

Freqüência

Mudar a voz entre sons mais graves (grossos) e mais agudos (finos) surge em duas referências, tanto para marcar pontos principais, quanto para dar maior ênfase `a leitura, na mudança dos personagens, apontando suas principais características emocionais ou até profissionais. Este aspecto surge por 2 vezes neste nosso foco de análise.

Aqui mesmo, sem som, o leitor pode ser capaz de imaginar as variações de freqüência (grave e agudo) e os contrastes que P2 produziu. Desta forma é possível até ouvir a sua voz. É o "temperinho" (P2) da leitura:

.....É um velho falando?! Uma criança falando! Eu sempre faço diferença de voz de um adulto para outro. Eles entendem melhor e percebem melhor. O narrador? O narrador tem que ser num tom céptico! E o personagem tem um tom mais leve.é conforme se é um bichinho, se é um bichão. (P2)

Estando atento às variações inúmeras que P4 cita, `as vezes um pouco misturadas, pode-se encontrar a frequência de voz, aqui denominada por timbre, atuando em seus destaques vocais:

E numa coisa, num timbre de voz como você falou, mais grave, tá, nos pontos principais..... (P4)

Ritmo

Falar depressa ou devagar, o ritmo do comportamento vocal, foi lembrado por duas vezes por P4, tanto para destacar pontos importantes, quanto tornando-se elemento de confusão para o aluno, dependendo do momento em que seja usado, ou da alteração de ritmo que se fizer.

".....`as vezes eu percebo que eu começo a falar rápido, então uma das coisas que eu uso, paro, começo a falar tudo de novo, falo e vou destacando cada uma das coisas, tá?" (P4)

".....falar pausadametne, se você fala rápido eles não pegam, então se você for falando bem devagar, você não precisa repetir, você terminou e ele entendeu." (P4)

Articulação

O aspecto articulação inclui os trejeitos dos órgãos fonoarticuladores, os movimentos diferenciados de lábios, língua e dos outros componentes da cavidade oral responsáveis pela diferenciação dos sons de uma emissão oral. É o aspecto que mais se aproxima do sentido de clareza de linguagem e de fala, apontado na bibliografia da Educação

por muitas vezes como componente necessário para a fala do professor (Cunha, 1989; Guarnieri, 1990; Libâneo, 1994; Dias da Silva, 1997; entre outros). A boa articulação da fala produz uma mensagem clara para que se transmita um conteúdo de linguagem que deve ser igualmente claro e organizado. Este aspecto foi referido em duas oportunidades.

Na tentativa de compensar uma deficiência de voz que sente já com bastante nitidez, mas que gostaria de não ter e assim alcançar as inflexões de agudo e grave sempre que desejasse, P2 refere utilizar gestos labiais e outros recursos articulatórios, para dar contrastes às leituras. Esta vinheta traduz um pouco a tentativa de P2 em imitar a voz de uma criança com movimentos articulatórios próprios àquela idade:

"É a gente faz, muito aguda não porque não dá mais! Mas eu faço o trejeito pelo menos.....`as vezes é mais na caricatura, mais na na(entrevistadora: no gestual?) é isto! Porque a voz é uma característica que não muda tanto, `as vezes importa mais, `as vezes a gente dá um jeitinho (variando agora a própria emissão) `as vezes ela consegue sair um pouquinho mais....." (P2)

Na próxima vinheta, P4 lembra as variações de vocabulário e a articulação diferenciada, ao exemplificar o momento da percepção do seu próprio comportamento vocal em sala de aula, e o efeito causado nos alunos:

" O vocabulário você tem que ir mudando, você percebe que eles não estão entendendo. Até a voz, tem a ver com a voz e mesmo o pronunciar, você tem que pronunciar, você tem que caprichar nas palavras para que eles entendam, tá?" (P4)

Ressonância

Ressonância de fala é a forma como o som é propagado para fora da boca. Caso não seja bem equilibrada, a voz produzida pela laringe se modifica e torna-se desagradável e tensa, entre outras características possíveis de transformação. Apareceu, em nossas vinhetas, com uma única forma no depoimento de P5.

"Se a turma é uma turma que você gosta de dar aulas é interessante que a voz, a postura sua de corpo e de voz é diferente do que daquela turma que você não gosta, por vários motivos. Isso já típico. Quando existe um feedback positivo da turma, naquele continuar da aula, você percebe que sua voz se mantém num padrão bom, se mantém pro exterior, e não você falando para dentro, você falando pra você mesmo ouvir, flui muito mais facilmente e você não tem um desgaste de chegar ao final da aula e tá cansado." (P5)

Gostaria de destacar que P5 refere-se à ressonância propriamente dita como variável controlável. Aponta também como ela parece ter interferência no processo de relacionamento professor- aluno, e contendo reflexos da emoção do próprio professor.

A forma como os professores entrevistados se manifestaram com relação às diversas variações do comportamento vocal em sala de aula leva-me a pensar que, do mesmo modo que grifam as palavras relevantes no quadro negro, que se utilizam de gravuras e destaques coloridos em seu material didático, parecem também grifar e destacar as palavras que emitem em sua linguagem oral, buscando maior ênfase e maior fixação do assunto pelos alunos. Fazem uso da linguagem

oral variada, "colorida", como um recurso didático para conseguirem seu principal objetivo: ensinar.

5.5 Memória das vozes de antigos professores

Guardamos na lembrança as recordações mais marcantes, os pontos mais brilhantes ou não de nossas histórias. Estruturamos nossa vida, mudamos alguns caminhos, mas nossa memória está registrada, fotografando, filmando nossos caminhos, com os sons de nossas vidas! Estão lá, à disposição de nossa vontade, são depósitos de imagens, sons, ações que ninguém nos tira ou modifica. Fazem, com certeza, parte de nossa formação, de forma consciente ou não.

Ao ser feito o questionamento proposto no roteiro da entrevista sobre recordações que os entrevistados tinham de vozes de seus antigos professores, houve o disparo e viajamos juntos, entrevistados e entrevistador, nas recordações destas vozes. E que viagem!

Todos, sem exceção e sem muito pensar, tiveram recordação da voz de algum de seus antigos professores, associada aos aspectos de psicodinâmica vocal, e associada ao impacto que causou em nossos entrevistados em diferentes fases de suas vidas. Impactos negativos e positivos.

Este foco de análise foi definido dentro do raciocínio de que vozes podem ser recordadas. Segundo Ferreira et al. (1998), a qualidade de um comportamento vocal varia para atender melhor às condições da relação com o interlocutor, os professores lançam mão disto inúmeras vezes. As variações na qualidade vocal produzem no ouvinte um impacto, que Behlau (1990) define como psicodinâmica da voz. Entendo que este impacto pode ser recordado. Busquei na memória dos professores entrevistados, alguma marca produzida pela dinâmica vocal de seus antigos professores.

Os depoimentos feitos pelos entrevistados conduzem a voz, provavelmente, para o seu papel mais importante, que parece ser o de principal responsável pelos elos de interação entre professor e aluno. Esta interação já foi referida como importante no foco sobre o bom desempenho do professor, quando analisavam o próprio ensino; agora se faz presente na análise feita pelos entrevistados sobre seus antigos professores. É a psicodinâmica vocal, o impacto que aquelas vozes causaram em nossos entrevistados que ficou na lembrança, associada à qualidade daquelas vozes, descrita com detalhes. Interessante notar que com as descrições realizadas, as quais optamos por deixar de forma integral, podemos até escutar os seus sons, certamente, associados a outros sons de nossa própria memória de estudante!

Cada recordação será identificada como "memória" e acompanhada por números romanos, porque alguns professores tiveram

recordação de diversas vozes; neste caso, as "memórias" estarão agrupadas para aquele professor. Foram ao todo 12 memórias, com dois diferentes tipos de impacto: negativo e positivo. A tabela 4 nos permite verificar como isso ficou distribuído:

Tabela 4: QUANTIFICAÇÃO DO TIPO DE MEMÓRIA DAS VOZES DE ANTIGOS PROFESSORES QUANTO AO IMPACTO CAUSADO

Memória das Vozes de Professores	N
Negativa	6
Positiva	6
Total	12

N = número de vezes em que foram mencionados os aspectos

Das doze vozes recordadas por nossos entrevistados, temos 6 de impacto positivo (memórias V, VI, VII, IX, X e XI) e 6 de impacto negativo (memórias I, II,III,IV,VIII e XII), ou seja, de igual distribuição quanto ao impacto causado.

Os comentários que farei a seguir não têm a intenção de abafar as vozes recordadas, mas sim de enfatizar o seu conteúdo e relevância. Nas vinhetas que reproduzem a memória dos professores entrevistados há a voz da qual venho falando. Nelas há por que devemos cuidar das vozes dos professores para aprimorá-las e preservá-las.

Memória I

.....da minha professora de 1ª série (riso). Uma voz assim.... Bom na naquela época num faz muito tempo, mas professor a gente respeitava assim né, nossa! E ela tinha uma voz assim bem estridente, fina, não sei, e..e...e....e.....(Entrevistadora: e causava o que em você?) Olha acho que medo, de repente assim, ainda mais se ela se alterava a gente tinha medo! Todo mundo sentia isso mesmo, sabe? Ela impunha assim com a voz mesmo, em 1ª série. Ela não era de gritar, mas ela tinha uma voz fina, será que é isso? Uma voz estridente que tocava os tímpanos! (ri)" (P1)

O impacto negativo causado, para P1, foi de medo. Tratava-se de uma criança, iniciando o seu trajeto escolar, exposta a um fator trivial na sala de aula (Jackson, 1997) que causava medo, porém nunca antes mencionado, reclamado. Professor era para ser respeitado. Logo essa voz passou de forma subliminar, porém muito forte, na formação daquela criança.

Que tipo de voz nos causa medo? Que psicodinâmica de voz leva a esse impacto? Semelhante a quais fantasias desagradáveis das crianças? Neste caso era a voz estridente, fina, forte, sem gritos mas, desagradável, chegando `a sensação dolorosa de "tocar os tímpanos" ! Este tipo de sensação poderia interferir até na adaptação de uma criança ao ambiente escolar? Com certeza interfere na relação professor e aluno.

A memória de P2 mostrou-se brilhante, recordava-se de todas as vozes de suas professoras das quatro primeiras séries escolares e de algumas vozes de professores das séries subsequentes. Foram ao todo 6 vozes recordadas por P2, com a nitidez de uma emissão em frequência modulada.

Memória II

"...a minha professora do 1º ano era completamente rouca, mais que eu! (silêncio). Ela tinha uma voz rouca, rouca, gutural, assim, parece que vinha assim da garganta, pra dentro em vez de ir para fora!" (P2)

Esta voz recordada por P2, de forma contrastante com a descrita na memória I, tem qualidade rouca, gutural, presa na garganta. Mas, de forma semelhante, causa um impacto negativo. Tão negativo que levou a professora a um momento de forte reflexão: a constatação de que sua voz atual está semelhante àquela de sua recordação. Talvez tenha pensado que seus alunos estão tendo igual impacto! Este momento da entrevista me tocou demais. O silêncio que ficou, que eu permiti ficar, enfatizou o que a professora sentiu.

Os estudos de psicodinâmica vocal (Behlau & Pontes 1990 e 1995) trazem dados de que uma voz alterada, seja ela fina e estridente ou grossa e rouca, traz impacto negativo. Vozes com estas qualidades são associadas freqüentemente a figuras maléficas nos desenhos infantis. Nunca a fada boa aparece com voz rouca, ou a bruxa com voz afinada e agradável! Talvez isso explique a sensação estranha que P2 teve ao recordar esta voz.

Memória III

"A da 2ª série, ela era uma tonalidade fragilíssima....! Ai, ela falava baixinho, ninguém falava nada lá, a gente escutava ela numa fragilidade! A voz numa suavidade!" (P2)

Importante observar que esta voz, embora pareça não ter nenhuma conotação assustadora, foi classificada como tendo impacto

negativo. Não acredito que ter uma voz "fragilíssima" contribua positivamente para a imagem que o aluno faz daquela professora. Talvez até interfira na questão do respeito e na condução das atividades da sala de aula. E, como a primeira impressão que o portador deste tipo de voz causa, esta voz parece não ter deixado marcar fortes na professora entrevistada.

Memória IV

"A da 3ª série era uma voz meio agritalhada, meia, meia...espumava para falar." (P2)

Não há muito destaque para essa memória. Talvez porque gritos, embora assustem, podem não ser levados muito a sério caso façam parte da rotina da aula. Aquela professora, simplesmente, passou pela vida de nossa entrevistada sem abalar, restou lembrança de seus gritos indevidos.

Memória V

"A da 4ª série era uma pessoa maravilhosa! Normalíssima!....é, eu gostaria de ser como ela, mas acho que nem morrendo!.... (Entrevistadora: o que você chama de normalíssima?) Uma voz gostosa, ativa, uma voz que te dá confiança, uma voz que te dá orientação com clareza, uh! " (P2)

Com que prazer esta professora menciona aquela voz! Deve ter sido mesmo muito agradável em sala de aula. O impacto positivo desta voz é presente e quase palpável.

Acho relevante, neste momento, tornar visível um relato de P2, quando tentava me explicar como uma professora deveria despertar para a aproximação com seus alunos. Em sendo uma professora muito reflexiva, relatou fatos dos primeiros momentos de sua vida escolar:

"Eu até conversei com eles: sabe o que eu mais gostei na minha vida foi uma professora de 4ª série! Talvez por isso eu me, me identifiquei melhor com a 4ª série. Eu sofri muito na primeira série, chorava demais, não queria ir na escola, eu tinha pavor de separar da mãe..... era uma moça, foi professora do meu irmão, se deu bem com ele, mas eu eu não conseguia me separar da minha mãe. Eu sofri muito, durante 3 meses, eu chorei na escola, não aprendi nada! O primeiro ano foi um negação, o 2º ano eu já consegui....Eu lembro o nome de todas as minhas professoras, todas elas, a carinha delas quando chegavam perto de mim. Mas a da 4ª série me marcou mais, porque eu estava numa fase também de pré adolescente, e a professora me tratava como uma cidadã!" (P2)

É impossível que eu fique sem associar essa paixão pela professora de 4ª série e a dificuldade em frequentar a 1ª série à dinâmica vocal das respectivas professoras lembradas por P2. É impossível negar que a recordação da professora de 1ª série é ruim tanto de voz como de dificuldades enfrentadas, e que a recordação da professora de 4ª série é positiva na voz e na identificação realizada. O quanto a psicodinâmica vocal influenciou isto eu não posso avaliar, mas posso relacionar...

Empolgada com estas recordações, P2 ainda se refere a mais dois professores, que com certeza lhe serviram de exemplo para a construção de seu trabalho docente.

Memória VI

"Lembro bem de uma professora da 6ª série de inglês, (a voz) era grossa (imitando) e ela era imponente, uma vez me deixou de castigo porque eu brinquei no recreio!Ela era inglesa, não, ela era muito inteligente ela era uma mulher bacana, para Birigui, ela era moderníssima! Ela era daquele tipo de sair de tomara que caía, sabe assim, cheia de filhos. Ela tinha uns 10 filhos, casada com um médico. Ela era muito inteligente!" (P2)

Memória VII

"No Normal eu tinha um professor de português, maravilhoso, ele era calmo, tinha uma voz doce!a sim ele era professor de Português, era advogado, ele era uma pessoa muito bacana!" (P2)

Notar que a voz boa vem associada a descrições dos sujeitos de forma muito positiva, e, mesmo na lembrança do castigo sofrido, não houve caracterização negativa.

A força de todas estas recordações de P2 surpreendeu-a e aparentemente reforçou suas reflexões sobre o assunto, visto suas declarações ao terminar o relato de suas memórias:

"É muito importante, eu lembro exatamente da voz de cada uma delas!...e talvez até isso é que tenha marcado....é porque eu não esqueci até hoje a voz de cada uma delas!...e olha isso tem há quantos anos, foi, eu tinha, foi em 50 que eu saí da 4ª série!....interessante!" (P2)

Na próxima memória, a característica de voz estridente, com impacto negativo, volta a ser citada, agora por P3, numa breve referência à professora cuja voz parecia irritante, de acordo com a sua expressão facial ao lembrá-la.

Memória VIII

"E tinha a professora de química, a Prof.a T, ela tinha a voz assim bem estridente! (P3)" (fazendo cara de irritação)

Duas das professoras entrevistadas recordaram a voz de um mesmo professor. Lembrado de forma positiva, valorizado, referido com encantamento. Um professor de matemática, que conquistava os alunos para gostar de sua disciplina.

Memória IX

".....eu me recordo muito do Prof. U., ele falava baixinho, né? Se a gente não ficasse prestando atenção e realmente não fizesse silêncio, você não conseguia entender a aula dele! Assim era um professor que me chamou atenção." (P3)

Memória X

"Olha, eu acho que a única pessoa que me marcou pela voz foi o Sr.U, professor de matemática. Eu não gostava de matemática.....Então ele era uma voz, ele era uma marca assim, ele com a voz.... Olha, é uma coisa interessante, mesmo você não gostando de matemática, ele conseguia te cativar, através, ele brincava, ele usava, ele brincava com a matemática, e tudo feito pela voz, tá? Ele não precisava escrever nada.....ele ia mudando, ele mudava. Ele jamais gritou, mas você percebia na voz dele quando ele tava, vamos supor, ele tava brincando com você, que quando ele tava sério, tá, eu não sei assim, era muito interessante ele conseguia usar a voz para marcar, pra marcar. Acho que ele foi a voz assim que mais marcou!" (P4)

Preciso ressaltar que P3 é professora de matemática e associou a voz boa do professor com intensidade baixa que ele usava ao controle de disciplina. Intensidade foi a única variação de voz percebida por P2, é o seu foco de atenção.

Já, P4, professora de redação, associou a boa voz ao seu estímulo em estudar matemática, matéria de que não gostava! Também relatou a psicodinâmica presente naquela voz, com a qual os alunos conseguiam reconhecer o humor do professor e por meio disso respeitá-lo. Parece-me que o controle disciplinar está aqui envolvido. Como seria esta voz que marcou? Esta voz explorada com adequação, produzindo vibração no aluno, seria uma característica que compunha a ação deste professor aparentemente bem sucedido?

Igual impacto é relatado por P5, com referência a um professor de literatura do ensino médio. O nosso entrevistado refere-se a esse professor com respeito, admiração e "encantamento":

Memória XI

"Eu tive um professor no Colégio, M.L., de português. Ele tinha uma voz muito de barítono, uma voz muito boa, de radialista, que a gente falava. E ele declamava poemas, e então hum! A forma com que ele expunha com palavras, ele dava uma ênfase tão diferente ao termo, que ficava muito bonito. E foi na época do colegial que eu comecei a gostar de poesia, a partir do encantamento da voz dele....." (P5)

A quantos alunos este professor não deve ter conquistado para sua disciplina, a princípio pouco valorizada pelos adolescentes? Como será que a classe se portava no momento em que ele declamava e comentava as poesias?

Também como aluno de cursinho, P5 se defrontou com vozes que marcaram. Seu relato aponta uma de impacto negativo, pela

monotonia, pela falta de expressividade e pelo cansaço que gerava entre os alunos:

Memória XII

"Teve um japonês que deu aula pra mim de matemática, o T. Ele era extremamente monótono.....todo mundo teve aula com ele lá em Piracicaba. Ele era uma pessoa que tinha aquele tom de voz que parece metálico até! A gente brincava que precisávamos tirar a pilha dele, trocar a pilha. Era uma coisa que pra gente como aluno, naquele momento do CLQ (cursinho), era extremamente desgastante, porque eram as últimas aulas do dia, já tava assim cansado e aquela voz, aquele tom constante, e ele não mudava em momento algum, tornava-se uma coisa muito ruim, era uma tortura mesmo!" (P5)

Estas vinhetas acima nos trazem a exata medida da importância da voz no processo de inter-relação professor e aluno. Ficou claro o quanto a psicodinâmica da voz interfere até no processo da aprendizagem. Foi realizada uma associação para cada tipo de voz, uma verdadeira aula de psicodinâmica vocal:

- medo relacionado à voz estridente (Memória I)
- voz presa para a voz rouca gutural, que ia para dentro (Memória II)
- fragilidade na voz muito baixa (Memória III)
- voz que "espumava" para aquela agritalhada (Memória IV)
- confiança, altivez, "gostosa", " clara", na voz normal (Memória V)
- imponência na voz grossa (Memória VI)
- docilidade na voz "calma" (Memória VII)
- voz baixa controlando o silêncio da classe (Memória VIII)
- a voz estridente que não trazia nada (Memória IX)

- empatia com a disciplina lecionada com voz cativante, que jamais gritou, que dava ênfase com a voz (Memória X)
- empatia com a disciplina com voz boa, de "radialista" (Memória XI)
- cansaço, desgaste, "tortura" com a voz monótona (Memória XII)

É um bom momento para se refletir sobre as colocações de Mattiske et al (1998) acerca do quanto uma desordem de voz pode reduzir a inteligibilidade da fala e tornar a voz esteticamente inaceitável, resultando em severas perdas pessoais, sociais, vocacionais e econômicas, como foi citado na introdução deste estudo.

Quais efeitos poderiam ter sido produzidos se os professores recordados tivessem outros tipos de vozes? Será que P5 teria mesmo se encantado com poesia, se seu professor tivesse uma voz rouca, áspera? Ou, que P4 conseguiria ter entendido matemática, caso a voz do professor a deixasse irritada? O desgaste para aqueles estudantes mencionados na memória XII seria menor com uma voz mais flexível, com maior entonação? Será que aquela voz muito, muito rouca da memória II conseguiu dar boas aulas até o final de sua carreira? Como este medo, relatado na memória I, interferiu na vida escolar daquelas crianças?

É impossível ignorar, depois destas recordações, o quanto vozes podem marcar nossas vidas de alunos, de docentes, de seres humanos! E o quanto alterações vocais podem interferir na psicodinâmica vocal (Behlau & Pontes, 1994). Retomando Märtz (1989), relembro que um conteúdo de fala pode ser fixo, mas a voz pode ter uma

diversidade expressiva. A voz tem um valor definido nas trocas sociais através de imagens vocais. Imagens são memorizadas. É a voz permeando as inter-relações humanas, e sob a luz de meu objeto de estudo, permeando a relação professor- aluno.

5.6 Reflexões sobre o próprio comportamento vocal

Os professores entrevistados foram, ao longo da entrevista, fazendo suas próprias reflexões sobre suas vozes, seu comportamento vocal, algumas vezes de forma declarada outras de forma velada, percebidas no contexto das vinhetas. Algumas vezes descrevendo os sintomas associados à emissão de voz, de fala, outras vezes dando explicações das causas prováveis de suas rouquidões. As reflexões surgiram como parte de algumas das respostas e abrangeram aspectos perceptivos: de sintomas corporais, de modificações na qualidade ou na ressonância da voz, de prováveis causas da própria rouquidão, do impacto da voz no ouvinte ou mesmo de tentativas de qualificar a própria voz. Estes aspectos perceptivos caracterizam o foco de análise sobre as percepções do comportamento vocal que os professores entrevistados referiram. Pode-se perceber o quanto o professor consegue perceber sua voz e seu comportamento vocal no cotidiano de seu trabalho.

A tabela 5 oferece a quantificação das formas de perceber o comportamento vocal que apareceram nas vinhetas.

Tabela 5: QUANTIFICAÇÃO DOS ASPECTOS CITADOS COMO REFLEXÃO SOBRE O PRÓPRIO COMPORTAMENTO VOCAL PELO ENTREVISTADO

Reflexão sobre comportamento vocal	N
Sintomas corporais	6
Causa do problema de voz	2
Modificações no tempo	1
Percepção da limitação da voz	1
Modificações de acordo c/ interlocutor	1
Total	11

N = número de vezes em que fo ram mencionados os aspectos

Sintomas corporais

Sintomas presentes no momento da emissão de voz são relacionados por Sapir et al. (1993) e associados à existência de atrito vocal devido a um uso excessivo, mau uso ou abuso vocal. A lista de sintomas apontados por este autor é extensa e contém desde sintomas cinestésicos até os perceptivos auditivos. Faz parte desta lista: coceira na garganta, sensação de secura na garganta, percepção de rouquidão e de perdas de voz. Estes sintomas foram mencionados pelos professores nas vinhetas abaixo.

"Tem hora que a gente se exalta, né. (entrevistador: e o que você faz nesta hora?) Para, dá uma coceira assim (aponta a garganta) aí você vai e toma água." (P1)

".....e ultimamente eu uso mais a voz da, não sei da onde mais ela está saindo, parece daqui (aponta a base do pescoço)." (P2)

".....antes eu não sentia esse peso de cansaço de voz!" (p2)

".....é ela não tá vibrando o tanto que tinha que vibrar!" (P2)

"....o que eu sei é que eu preciso de uma fono (ri), porque todo começo de ano eu perco a voz. Ela some. E, é assim, fui ao clínico geral, tal, é a garganta, mas não é a garganta é a voz, e eu percebo que eu puxo o ar muito pela boca. Eu não respiro direito. Então eu sinto falta de ar, eu preciso tomar muita água." (P3)

"....às vezes eu chego na sexta, eu estou com uma garganta terrível, que tem que a cada 2 minutos ficar engolindo para sair alguma coisa." (5)

A presença desses sintomas corporais citados seis vezes pelos professores, pode ser reveladora de atrito vocal por abuso do uso inadequado da voz. Percebê-los é uma forma de disparar mecanismos de proteção contra o desgaste vocal, como cuidar mais da voz, evitar abusos desnecessários ou outras coisas que possam ser causas de problemas de voz.

Causas dos problemas de voz

A bibliografia aponta inúmeros estudos para tentar definir as causas infundáveis associadas à presença de rouquidões entre os professores (Oyarzún, 1984; Garcia, 1986; Sarfati, 1987; Smith et al, 1998

a b; Calas et al, 1989; Mathieson, 1993; Mitchell, 1996; Rantala et al, 1997; Dragone, 1996; Telles, 1998; entre outros). Listas de causas prováveis existem na grande maioria dos textos que enfocam o assunto. Muitas destas causas são inerentes ao ambiente de trabalho, à saúde geral do professor, ao mau uso e ao abuso vocal.

Entre os professores entrevistados houve duas referências feitas por P2, apontando espontaneamente duas causas para sua própria dificuldade de emissão de voz, de uma forma reflexiva, no decorrer de seus depoimentos.

"As vezes você esquece e dá um berro! Aí você fala. Ah! Eu fiquei rouca! Você nem sabe porque ficou rouca? Você sabe sim porque ficou rouca! (risos)." (P2)

"Ela era tão bonita! Eu cantava! Mas agora, ai meu Deus, acho que o cigarro acabou comigo..." (P2)

Está claro nas duas colocações, realizadas em momentos distintos da entrevista, a consciência da professora sobre alguns fatores desencadeantes de disfonia, de rouquidão: abuso vocal e fumo. A professora percebe com clareza que o cigarro faz mal e que gritar produz atrito de efeito imediato na voz, leva à rouquidão. Sua percepção vai ainda além, sabe também que a voz mudou com os anos. É de conhecimento amplo na área médica de que a nicotina, depositada diretamente na prega vocal, altera a mucosa, espessando-a e dificultando sua vibração. A professora tem a sensação correta, sabe o dano que o

cigarro lhe vem causando, sente as alterações de funcionalidade do aparelho fonador.

Modificações no decorrer do tempo de exercício profissional

Este aspecto surgiu após a menção das causas de rouquidão por P2.

"Limitou meu canto. Quando eu canto eu tenho que trazer o meu teclado para eles pegarem o tom, porque eu já não consigo cantar aquilo que eu gostaria, do modo que eu cantava....." (P2)

A noção de P2 do quanto sua voz desgastou é obtida pelas dificuldades no canto, mas ao citar isso deixa uma reflexão em aberto, ao ser questionada pela entrevistadora se era somente no canto que esta percepção estava presente, e responde com ares de quem deixou de falar tudo o que realmente sentia: *"Só! O resto eu consigo, acho que sim !!!!?????" (P2)*. Neste momento, seu olhar era de dúvida, até de solicitação da opinião da entrevistadora, e com certeza investigará, em sua atuação futura, a extensão do prejuízo de voz. Somente como observação, cabe lembrar que P2 era a professora com a voz mais rouca do grupo.

Em um estudo longitudinal, meu grupo de pesquisa (Dragone et al, 1999a) encontrou evidências de desgaste vocal no decorrer de dois anos de exercício profissional entre professores de vários níveis de atuação. A vinheta de P2 reforça esta visão da voz sofrer modificações no decorrer do tempo; acredito que a intensidade dessas

modificações possam estar associadas a maiores ou menores cuidados com a voz por parte dos profissionais.

Percepção da limitação da voz

Perceber que a voz está limitada, ou perceber que não consegue fazer determinadas coisas com a voz é uma primeira forma de evitar mau uso e abuso vocal. Além da boa percepção da limitação de intensidade e projeção de sua voz, P4 faz uma tentativa de compensar isto. Há a consciência de fazer alguma coisa para melhorar, sem que ninguém a tenha ensinado.

"..... é uma coisa que eu tenho muito claro, eu tenho que trabalhar com microfone, tá? Porque eu não consigo falar muito altoEu não tenho uma voz.....na verdade eu não consigo falar muito alto ou gritar." (P4)

A professora em questão busca uma solução e tem o respaldo de uma instituição escolar com recursos para oferecer ao professor uma amplificação sonora durante as aulas. Como esta professora se sairia em outra instituição onde isto não seria possível, frente a classes grandes e ruidosas?

Modificações vocais segundo o interlocutor

Este aspecto mostra o quanto o comportamento vocal pode variar como reação aos interlocutores já conhecidos. As modificações são realizadas como um suporte para o próprio mal estar

em lecionar onde não lhe agrada. Perceber isto é um primeiro passo para modificar a dinâmica do comportamento vocal e quem sabe com isso modificar a classe.

".....se é uma turma que você gosta de dar aulas, é interessante que a voz, a postura sua de corpo e de voz, é uma postura muito diferente do que aquela com a turma que você não gosta, por vários motivos." (P5)

Esta vinheta reforça a posição assumida por Magalhães (1998) de que a voz sofre influência significativa do meio ambiente no qual é usada. Esta autora acredita que o emissor pode realizar modificações em sua voz de maneira voluntária ou não, mediante as mais variadas situações. Também diz que, se esta percepção se faz presente, há um alto grau de consciência da própria expressão vocal. É o jogo das relações comunicativas na sala de aula, é a psicodinâmica vocal sofrendo interferências do ambiente e precisando ser modificada para também oferecer um impacto diferente nos ouvintes.

Fazer tais modificações suavizaria o jogo comunicativo, principalmente nas situações peditivas, antecipadas pelo professor. Impedir que o desempenho do comportamento vocal seja negativo, frente a uma turma difícil, talvez ajudasse a integração professor- alunos. Como a turma difícil reagiria frente a um comportamento vocal de impacto positivo?

Mello (1993) afirma que reações antecipadas pelos professores podem influenciar os alunos, e dá importância ao

comportamento do professor como estímulo ao comportamento do aluno. Complementando, sob meu ponto de vista, o comportamento vocal do professor talvez também influencie a turma.

5.7 O que saber mais sobre voz

Finalizando este capítulo, abordarei o último foco de análise do material colhido nas entrevistas, para poder ter uma idéia de qual é o interesse que os professores têm com relação a adquirir conhecimentos sobre voz. A tabela 6 expõe os dados quantitativos dos aspectos mencionados para este foco de análise:

Tabela 6: QUANTIFICAÇÃO DOS ASPECTOS SOBRE VOZ DE INTERESSE DOS PROFESSORES

O que saber mais sobre voz	N
Uso	4
Prevenção	3
Tratamento	1
Produção	1
Total	9

N = número de vezes em que foram mencionados os aspectos

Foram entendidos como uso vocal os quatro depoimentos que demonstravam interesse em ter conhecimento sobre a melhor forma

para usar a voz profissionalmente, incluindo em qual tonalidade falar, como destacar pontos importantes, como não cansar ao falar. Talvez querendo aprender como transformar a voz em real recurso didático, tal qual o papel mais referido a ela no foco de análise sobre o papel da voz no exercício da profissão de professor.

"Saber como conversar que tom da voz que você deveria usar, ou assim o timbre para você poder, né?" (P1)

".....eu queria que você me ajudasse como eu poderia fazer uso de minha voz" (P2)

"Saber mesmo ter o controle com a voz.....saber usar mesmo..... para controlar a sala de aula (P4)..... para tentar mostrar um destaque para o aluno, diferente até do que a gente faz". (P4)

"Gostaria muito de saber qual seria o ponto ideal da minha voz sem estar forçando.....como a gente na profissão poderia usar alguns recursos básicos". (P5)

Como aspecto de prevenção, também bem citado, foram encaixados aqueles depoimentos que se voltaram para o aprender a cuidar da voz para prevenir problemas futuros.

"Pelos cordas vocais para você poder se prevenir, sei lá em termos de prevenção, de não ter problemas futuros, né?"(P1)

".....para que a gente não sofra.....como uma prevenção, seria uma doença, um curso preventivo." (P5)

"Como não ficar rouca. Como saber usar a voz, sem me cansar demais". (P2)

O aspecto de informações sobre como tratar a voz, surgiu na vinheta de P3, aquela professora que apresentou sintomas de secura da garganta quando fala mais forte.

"O que eu precisaria fazer para melhorar isso daqui!" (aponta a garganta)
(P3)

Finalmente foi considerado como aspecto de produção de voz, na vinheta que refere o processo de emissão de voz.

".....gostaria de conhecer sobre a minha própria voz, como funciona o sistema" (P5)

Esse questionamento sobre o que gostariam de saber mais sobre voz foi realizado ao final da entrevista. Todos demonstraram interesse em conhecer mais sobre voz, anatômica e funcionalmente falando, porém muitas são as lacunas de seu uso e os caminhos a serem esclarecidos a fim de que, após compreender como falar da melhor forma, com a melhor performance e o menor esforço, esta fala, esta voz possa também ser utilizada ao máximo no trabalho docente.

Por intermédio dos depoimentos dos professores entrevistados, analisados sob diversos focos, fica muito demarcado que os professores não ignoram a voz. Sabem dar-lhe diversos papéis importantes para a consolidação de seu trabalho, sendo os que tiveram maior destaque foram o papel de recurso didático e de controladora da disciplina. Acreditam que o elo de relacionamento professor/ aluno marca

o bom desempenho profissional e que a voz está aí presente. Têm memória das vozes de seus professores, com toda carga do impacto causado pela psicodinâmica daquelas vozes. Sabem o que variam em suas próprias vozes, mesmo que alguns só percebam quando aumentam ou diminuem a intensidade da voz. Sentem o próprio comportamento vocal.

A voz parece ter um valor no trabalho destes professores. As vozes de seus antigos professores parecem ter marcado suas memórias. É provável que o comportamento vocal do professor influencie as relações presentes na classe e dê um colorido, um tempero a suas aulas.

Acredito ter em mãos material suficiente para traçar as interfaces buscadas sobre o assunto voz, na visão dos fonoaudiólogos, dos educadores e dos professores analisando a voz como parte de seu trabalho. Este será o assunto do capítulo seguinte, que finalizará este estudo.

6. AS INTERFACES E O VALOR DA VOZ NO TRABALHO DOCENTE - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu percurso nesta pesquisa teve como objetivo encontrar a voz do professor em duas áreas do conhecimento - a fonoaudiologia e a educação - e também a voz na perspectiva dos próprios professores. O labirinto percorrido, composto pela bibliografia das duas áreas, revelou caminhos muito próximos de estudo e de constatações, que conduzem os olhares em direção à voz do professor.

A voz sobre a qual venho me referindo desde a introdução deste trabalho é o som da fala, componente da linguagem oral, uma das diversas formas de comunicação humana. A linguagem oral permeia as relações entre as pessoas e é permeada por valores culturais. Uma boa voz envolve equilíbrio na atividade muscular do aparelho fonador, produzindo um som sem desconforto para o falante e agradável para os ouvintes (Behlau & Pontes, 1994). A impressão do ouvinte com relação à voz do falante, segundo as informações que são passadas pela qualidade vocal, é chamada de psicodinâmica da voz, (Behlau, 1990), e fornece pistas sobre o falante. A psicodinâmica da voz informa o ouvinte sobre o humor, o modo de ser e a intenção do falante, e pode ser a responsável pelos primeiros elos de uma relação humana. Quem emite a voz pode fazer modificações, variando o comportamento vocal de forma a adaptá-lo

a diferentes situações; para tanto, a expressão oral deve ser um ato consciente para o falante (Magalhães et al., 1998).

A voz do professor funciona da mesma forma que a voz de todos os humanos, com a diferença de ser usada durante o exercício de sua profissão com alta demanda e intensidade, por várias horas ao dia, para alunos agrupados em classes numerosas, e tendo a finalidade de transmitir conhecimento.

As pesquisas específicas sobre a problemática vocal do professor, da área fonoaudiológica, trazem infindáveis estudos. Estudos estes que buscam conhecer melhor o problema de voz do professor que se evidenciou nas clínicas terapêuticas. Há um consenso entre os pesquisadores de que o professor se utiliza da voz no exercício da profissão como um de seus instrumentos de trabalho. Encontram-se dados inúmeros sobre ocorrência de rouquidões entre os professores, medidas de desgaste vocal, sintomas perceptivo- auditivos durante a fonação, sinais de atrito vocal, perfil vocal de professores de diversos níveis em diversos países, busca das causas prováveis para o desgaste vocal, estudos dos ruídos ambientais e das condições físicas das salas de aula, estudos sobre a saúde geral do professor, análises da qualidade vocal encontrada entre estes profissionais e considerações sobre os afastamentos do trabalho por motivo de problemas de voz. Os principais problemas de rouquidões entre os professores parecem surgir devido ao

mau uso e abuso vocal, em decorrência do pouco conhecimento que estes profissionais têm sobre produção de voz e seus cuidados.

Os estudos específicos sobre voz do professor trazem também um enfoque médico sobre os problemas vocais dos professores. Apontam que uma rouquidão funcional pode passar a ser orgânica, com danos irrecuperáveis para as pregas vocais, se não for cuidada a tempo. Sinalizam para a necessidade de exames de saúde vocal para os professores iniciantes, a fim de orientar problemas de voz já existentes e prevenir alterações futuras; e enfocam a necessidade de programas de saúde vocal para os professores em exercício.

O foco de preocupação dos pesquisadores tem sido a definição do problema de voz, sua etiologia, tratamento e prevenção. Sem dúvida, a mensagem de que há uma grande ocorrência de rouquidões entre os professores e de que esta voz precisa de cuidados é evidente nos estudos da área fonoaudiológica.

A análise dos estudos da bibliografia a respeito da problemática vocal do professor permitiu constatar que há uma enorme preocupação com a saúde vocal dos professores na área fonoaudiológica. A voz, para os fonoaudiólogos, é um dos principais instrumentos de trabalho do professor. Foi possível identificar que a dinâmica da sala de aula ainda não foi explorada devidamente pelos pesquisadores da área da fonoaudiologia. Sem isso, há um distanciamento do contexto em que a voz ocorre, conduzindo provavelmente a uma ineficiência das ações de

auxílio à saúde vocal do professor. Falta compreender a voz do professor como parte de uma rede de intercorrências, de ações pedagógicas e de decisões imediatas para soluções de infindáveis problemas na sala de aula.

Assim, algumas questões parecem ficar sem resposta. Como a voz realmente surge no cotidiano escolar? Qual é a representatividade da voz do professor no cotidiano escolar, entre os estímulos constantes e repetitivos da sala de aula? Como a psicodinâmica da voz age na interação professor- aluno? Quais recursos os professores usam para minimizar seus problemas de voz? O que o professor faz com sua voz, intuitivamente, para valorizar seu trabalho? De que forma a dinâmica vocal está presente entre professores bem sucedidos? Sob quais condições o professor abusa da voz? Quantas destas respostas não complementariam o quadro geral dos estudos sobre a problemática vocal do professor? Quantas não contribuiriam para redimensionar as ações preventivas e de aprimoramento do comportamento vocal, propiciando, de fato, o despertar do professor para a necessidade de cuidar de sua voz, o que parece ainda não ter sido conseguido efetivamente, conforme detectou-se nessa revisão de estudos?

Tais indagações conduziram a busca de pistas sobre como a voz do professor vem sendo abordada nas pesquisas que tratam do trabalho docente. Pensei que encontraria na bibliografia da área de educação algumas destas respostas; no entanto, encontrei a voz do

professor nesta área somente vasculhando as entrelinhas dos estudos e focando meu olhar de fonoaudióloga, com maior precisão, nas associações e nas interfaces desta voz com a linguagem e com as interações que ela proporciona.

A voz aparece, sim, nas entrelinhas dos estudos da área da educação, principalmente nas pesquisas que enfocam o trabalho docente, centro do processo de ensino aprendizagem. Nestes estudos, fica evidente que a interação professor- aluno é uma das chaves mestras deste processo; a mediação do professor para que isto ocorra é inegável. Dentre os requisitos apontados como importantes para o bom professor, a interação professor- aluno é destacada, evidentemente associada ao conhecimento do conteúdo da matéria, à dinâmica da aula, à vivência sócio- cultural e política do professor, ao tipo de linguagem usada, ao material utilizado, entre tantos outros requisitos (Cunha, 1989; André e Mediano, 1989; Guarnieri, 1990 e Libâneo, 1994).

Os estudos sobre trabalho docente descrevem a linguagem oral como elemento de interação professor- aluno, valorizam a clareza das emissões orais dos professores, sem incluir diretamente a voz em nenhum destes contextos. Valorizam sobretudo o conteúdo desta linguagem e sua adequação à linguagem do aluno. Devo aqui lembrar que a voz está presente na linguagem oral; junto com suas qualidades, junto com todos os outros componentes do comportamento verbal oferece

à linguagem oral o som, a intensidade, a entonação, o ritmo e os destaques necessários para que a mensagem seja transmitida.

As informações, oriundas da análise da bibliografia que focaliza o trabalho do professor na sala de aula, permitiram identificar a presença da voz mais diretamente quando sempre relacionada ao grito e ao controle de disciplina. São estudos deste tipo que possibilitam fazer uma aproximação com as pesquisas sobre a psicodinâmica da voz, quando descrevem as atitudes verbais de professores na sala de aula, as variações de humor refletidas no falar ríspido e no falar macio. Esta abordagem sobre o modo de falar surge quando se estabelecem relações entre conteúdos transmitidos em sala de aula e a interação professor-aluno. Cunha (1989) é a autora que mais se aproximou da valorização do que se chama de psicodinâmica vocal, mencionando o modo de falar com o modo de ser dos sujeitos, da reciprocidade da relação da comunicação oral, do efeito produzido por inflexões vocais na fala dos professores. Dessa forma, estes estudos se aproximam da voz do professor, chegando perto de alguns pontos considerados como fundamentais na área fonoaudiológica: voz como elemento fundamental no processo da comunicação oral e componente marcante na relação interpessoal (Märtz, 1987; Behlau, 1990; Behlau & Pontes, 1994 e Ferreira et al., 1998).

Ainda focalizando as pesquisas que se voltam para a sala de aula propriamente dita e que conseguem chegar mais perto do trabalho docente ao descreverem e analisarem com maior precisão as

situações complexas do processo de ensino- aprendizagem, merece destaque uma muito interessante, desenvolvida por Jackson (1996), que aponta aspectos pouco valorizados da sala de aula. Estes aspectos são caracterizados por intermédio de situações contínuas e imutáveis destas salas, como por exemplo, o ambiente, a disposição dos objetos, a rotina da aula e a presença dos mesmos personagens atuantes, no caso professor e aluno. Raciocinando sob este enfoque, visualizei a voz como um destes aspectos pouco valorizados. A voz do professor está lá, presente no dia a dia, não é enfocada nem percebida como elemento que pode estar atuando na aula, mas interfere nas relações. Não é um elemento facilmente observável porque não é valorizado, mas faz parte do processo de ensino- aprendizagem, marcando-o de diversas formas, principalmente no que diz respeito `a relação professor- aluno.

Foi possível fazer uma relação que possibilita uma reflexão mais aproximada de como usar a voz na sala de aula ao analisar o estudo de Mizukami (1996), quando refere que o professor realiza na sala de aula, a cada momento, uma reflexão de sua própria ação, permeada com as variáveis de cada um destes momentos, e faz escolhas de novas estratégias para nortear e redirecionar seu plano de trabalho. Parece-me que, se a voz fosse também trabalhada desta forma, haveria uma maior eficiência de sua colaboração no trabalho docente e, em decorrência disso, um melhor uso vocal pelo professor. A voz que o professor usa em sua aula aparece na bibliografia, fazendo parte de sua

linguagem oral, provavelmente de forma espontânea, porém, mereceria ser emitida de uma forma um pouco mais refletida. A decisão de como emitir esta voz, em cada momento da aula, poderia ocorrer por intermédio de uma decisão, semelhante àquelas que o professor deve ter com relação a modificações imediatas de condutas planejadas, mas que não estão dando o resultado esperado.

A intenção de configurar as interfaces da voz do professor buscando a aproximação entre os estudos da área fonoaudiológica e da educacional, objetivo geral da presente dissertação, permitiu detectar, a partir da análise efetuada das pesquisas das duas áreas, que há pontos de aproximação, embora tênues, porém presentes, e se analisados mais detalhadamente tornam-se marcantes e fortes.

Como separar a voz da linguagem oral que faz a interação professor- aluno? A voz é o veículo que transporta a mensagem oral, causa impacto no ouvinte, enfatiza aspectos importantes e reflete o falante. Uma voz bem projetada deixa a mensagem mais clara, mais perceptível ao ouvinte. Como não incluir a voz nos aspectos pouco valorizados da sala de aula com os quais o aluno aprende a conviver, quer queira, quer não queira?

Por meio da análise da bibliografia abordada foi possível detectar alguns pontos de aproximação, de interface, sobre a voz do professor presentes nas duas áreas estudadas. A voz do professor, o som com o qual estão preocupados os fonoaudiólogos, está presente na

linguagem oral clara, referida pelos pesquisadores em educação, está nas aproximações mais evidentes que acontecem nos estudos em sala de aula, pois afinal ela está presente no cotidiano destas aulas, e quem se aventura a estudá-las encontra a voz e suas variáveis compondo a linguagem oral do professor. A outra interface na qual a voz está evidente é na interação professor- aluno, compondo provavelmente os primeiros elos desta relação, efetivando ou não os aspectos afetivos e o interesse pelas disciplinas ministradas pelos professores. Nesta última interface, é a voz e sua psicodinâmica que caracterizam a aproximação nos estudos.

Observando a análise realizada, enfocando as interfaces de conhecimento a respeito da voz do professor presentes na bibliografia da fonoaudiologia e da educação, torna-se ainda importante citar que parece não ser possível dissociar a problemática vocal dos professores da problemática presente no trabalho docente. Isto porque o problema de voz pode surgir em decorrência de outros problemas enfrentados pelos professores, como pode desencadear o aparecimento de novas situações problemáticas.

Da mesma forma como ficam questões em aberto na área fonoaudiológica sobre a voz do professor, ficam também na área da Educação outras questões relevantes, após a análise bibliográfica realizada nesta dissertação. Qual o impacto que a voz do professor causa no aluno? Quanto a linguagem oral do professor pode ficar prejudicada com alterações vocais? Quais são os outros papéis que a voz poderia

desempenhar que não fossem aqueles relacionados ao controle da disciplina na sala de aula? Não seria interessante escutar o som da linguagem oral do professor? Não seria valioso que as pesquisas da área da educação começassem a reconhecer a presença da voz no todo da mensagem do professor? O que os professores observam, sentem e dizem sobre suas próprias vozes?

Tais indagações e a necessária busca de respostas reforçaram o objetivo da presente pesquisa e encaminharam para a realização das entrevistas com professores, buscando suas perspectivas sobre a voz no trabalho docente.

Os resultados obtidos por intermédio de seis focos de análise dos depoimentos de cinco professores entrevistados revelaram diversos aspectos que caracterizaram a voz sob o olhar destes professores. Os pontos de aproximação com os resultados já obtidos, através da análise bibliográfica na busca de interfaces sobre voz presentes na bibliografia da fonoaudiologia e da educação, foram destacados de forma a reforçar os achados desta dissertação.

Na opinião dos cinco professores por mim entrevistados a voz revelou-se facilmente com o disparo das questões da entrevista. Aquela voz presente nos estudos fonoaudiológicos de forma evidente e nos estudos da educação de forma mais sutil estava pronta para despontar, pronta para tornar-se consciente, pronta para ser analisada nas impressões dos professores entrevistados. Seus depoimentos foram

analisados sob seis focos, e diversos aspectos compuseram a voz na voz desses professores.

O primeiro foco de análise revelou os requisitos considerados como importantes para o bom desempenho da profissão de professor. A voz não foi citada diretamente como requisito para o bom desempenho profissional, mas o relacionamento entre professor e aluno foi o requisito de maior destaque. A interação entre professor e aluno compôs-se, para os professores, pela adequação do conteúdo de ensino e da linguagem, aproximação do aluno e manutenção de um elo entre professor e aluno, confirmando os dados dos estudos da bibliografia já mencionados. A voz não foi citada, mas é parte deste requisito, especialmente quanto a manter um elo de empatia, de aceitação, um impacto positivo da imagem do professor para o aluno. Este impacto tem, com certeza, a presença do comportamento vocal do professor, da voz e de sua psicodinâmica. A formação do professor foi lembrada como requisito de um bom desempenho, e é inquestionável a sua importância, ao mencionarem a necessidade do professor conhecer a matéria que ensina e de estar sempre atualizado. Foram também apontados alguns dos recursos mobilizadores da aula, entre eles a escolha de recursos adequados para cada turma e todo o material áudio-visual, e neste momento a fala foi lembrada como mobilizadora da aula. A maneira de falar, de destacar, e de não deixar o assunto passar despercebido foi mencionada pelos entrevistados. Os professores mostraram a voz,

compondo o comportamento vocal como parte integrante da linguagem oral, elo de ligação do ensino- aprendizagem.

A opinião dos professores entrevistados revela diversos aspectos compondo o bom desempenho profissional, tais como, relacionamento professor aluno, formação do professor, conhecimento da matéria, uso de recursos adequados e a forma de falar, de usar a linguagem. Importante destacar que estes aspectos combinam com alguns dos encontrados na bibliografia da educação como marcadores da atuação dos bons professores, em diversos estudos (Cunha, 1989; André e Mediano, 1989; Guarnieri, 1990 e Libâneo, 1994), reforçando- os.

O papel principal atribuído à voz, o segundo foco de análise, foi o de recurso didático. A voz, como foi citada, completa o significado das emissões orais, destaca elementos principais da frase e, desperta o aluno para a importância dos assuntos abordados. Parece ser o brilho da mensagem do professor. Para oferecer este brilho, os professores variam a intensidade, a entonação, o ritmo e a frequência da voz. Estas variações marcam a fala e a interpretação de textos pela leitura em voz alta. O segundo papel mais mencionado neste foco de análise foi o de controladora de disciplina, dando destaque ao grito do professor, muitas vezes pouco eficaz segundo André & Mediano (1989), porém muito usado pelos professores.

Um dos papéis atribuídos à voz foi o de reveladora da emoção do professor, pouco mencionado, mas crucial. Pela voz pode-se

ter uma impressão de como é a personalidade do professor, seu estado de espírito no momento, sua irritabilidade ou sua afabilidade.

Sob o terceiro foco de análise, considerado complementar ao anterior, os professores descreveram variações que fazem com suas vozes durante as aulas e citaram diversas qualidades vocais utilizadas para caracterizar a voz como recurso didático e como reveladora de emoção. A intensidade vocal aumentada ou diminuída é a variação mais lembrada, provavelmente a mais fácil de se tornar consciente até pelas próprias sensações que produz no indivíduo que grita. A intensidade parece ser a variação mais evidente mesmo para os pesquisadores da educação, pois a voz aparece na bibliografia da educação, em sua forma mais evidente, quando abordam o gritar e o falar alto (André & Mediano, 1989; Guarnieri, 1990; Angoti, 1992; e Dias - da - Silva, 1997).

Interessante notar que os professores conseguiram também perceber diversas outras variações e associá-las aos seus efeitos na aula, tais como variar a entonação para interpretar textos e para não deixar a fala monótona, variar a ressonância para não falar para dentro, falar fino e grosso para destacar pontos importantes, articular com adequação, falar lento e rápido dependendo do enfoque que deseja dar `a mensagem. Os professores parecem conseguir perceber muitas variáveis de voz e conseguem ter clareza de seu uso como recurso didático, como controle de disciplina e sabem que revelam com elas suas emoções.

O quarto foco de análise foi voltado para a memória que os professores entrevistados tinham de seus antigos professores. Este foco reforçou o papel de reveladora da emoção do professor conferido à voz anteriormente. A memória dos professores revelou o impacto causado pelas vozes de seus antigos professores. As memórias foram fortes, marcando empatias ou antipatias desencadeadas pelo comportamento vocal, favorecendo ou não a receptividade do conhecimento oferecido pelos professores aos alunos. Foram repletas de emoção e de espanto do quanto realmente marcaram, influenciaram e estimularam suas vidas de alunos.

Pensando no impacto causado pela voz do professor, retomo a interação professor aluno, chave inicial do processo de ensino aprendizagem. A interação professor- aluno, com certeza, é marcada pelo impacto da psicodinâmica da voz, retratando a personalidade e a emoção dos professores. É um impacto de reação positiva ou negativa, gerando uma resposta dos alunos, uma aproximação ou um distanciamento do professor e até do assunto abordado. Esta constatação contribui para o surgimento de questões a serem abordadas em estudos subsequentes, cujas respostas provavelmente contribuiriam para a evolução dos estudos sobre o assunto - voz do professor.

Não estaria aí, no impacto causado pela voz dos professores em seus alunos, na psicodinâmica da voz, o disparo para que os professores cuidassem de suas vozes? Quando a voz do

professor se desgasta, fica rouca, conforme os achados dos estudos fonoaudiológicos, além da saúde vocal propriamente dita há um prejuízo enorme neste primeiro elo do processo de ensino aprendizagem. O impacto de uma voz rouca, tensa, ruim, é extremamente negativo e certamente interfere na imagem que aquele professor produz no aluno. Cuidar da voz não seria somente cuidar da própria saúde ou evitar problemas de voz profissional, seria cuidar da relação professor- aluno. Ter a compreensão de como flexibilizar a voz, como lidar adequadamente com a psicodinâmica vocal, talvez reforçasse a voz como componente do recurso didático do professor, componente importante de seu trabalho.

Também não estaria aí um novo foco de estudo, tanto para a fonoaudiologia como para a educação? Que impacto educacional provoca uma voz boa e uma voz ruim? Quanto o distanciamento dos alunos para determinadas disciplinas não pode estar relacionado com o impacto vocal da voz professor? A voz poderia ser mesmo considerada um "temperinho"(P2) da aula? Há realmente necessidade de cuidar das vozes dos professores? O que ocorre na dinâmica da sala de aula quando uma professora vai ficando cada vez mais rouca?

O quinto foco de análise revelou o quanto os professores conseguem perceber seus próprios problemas de voz e conseguem intuitivamente detectar as causas dos mesmos ou tentar minimizá-los. Percebem mais os sintomas corporais associados ao uso vocal; a exploração deste aspecto contribuiria para cuidar das vozes ao mínimo

sinal de atrito (Sapir et al, 1993). Percebem em menor ocorrência a causa do problema, a modificação da voz no decorrer do tempo, suas limitações e as modificações que são capazes de fazer conforme o interlocutor. O professor parece ter uma percepção, ao menos básica, de seu comportamento vocal, mas parece ainda não compreender plenamente como utilizar esta percepção. Ele tem conhecimentos sobre voz, muitas vezes bem próximos dos corretos, conhecimentos estes que não podem ser desprezados, e sim ampliados e valorizados ao se trabalhar a voz do professor.

O sexto e último foco de análise expõe quais os pontos de interesse sobre voz que os professores entrevistados demonstram ter, o que gostariam de aprender sobre voz. O modo adequado de usar a voz na sala de aula e os aspectos preventivos de doenças foram os interesses mais referidos, seguidos de interesses sobre como tratar a voz já com alterações e de como ocorre sua produção. Os resultados deste foco de análise apontam para interesses que já vêm sendo abordados dentro dos objetivos dos projetos de saúde vocal descritos na bibliografia, enfocando produção normal da voz, orientações sobre higiene vocal, aspectos de psicodinâmica e treinamento vocal básico (Pinto & Furck, 1988; Ramos, 1993; Martin, 1994; Martin & Darnley, 1996; Scalco et al., 1996; Rantala et al., 1997; Chun, 1998; Stier et al., 1998; Wojciehwski & Heermann, 1998; Conrado et al., 1999; e Rodrigues et al, 1999). No

entanto, ampliam estes focos para a forma de como utilizar a voz no trabalho docente, no decorrer aula.

Sob meu ponto de vista, depois das análises realizadas nesta dissertação, os projetos de saúde vocal deveriam estar focando inicialmente o conhecimento sobre voz já presente nos professores, aproveitando-o de forma efetiva. A partir dele, traçar os objetivos a serem trabalhados, sempre de forma correlacionada com o uso vocal no trabalho docente, com a realidade da sala de aula sempre presente. Para tanto, parece-me que há necessidade de se conhecer melhor como a voz do professor realmente aparece na sala de aula.

Por intermédio das considerações estruturadas ao longo desta pesquisa foi possível concluir que as interfaces mais evidentes entre os estudos da fonoaudiologia e da educação, no que se refere à voz do professor, encontram-se em dois pontos principais de aproximação: como elo das relações interpessoais e como recurso da atuação do professor em sala de aula. Na perspectiva dos professores também há relevância para estes pontos. Quando se fala em psicodinâmica vocal está-se falando em relação interpessoal e esta é fundamental no processo de ensino- aprendizagem. Foi a psicodinâmica que marcou a memória dos entrevistados. A voz como recurso da atuação do professor, como recurso didático, é evidente na bibliografia e principalmente nos depoimentos dos professores. É a voz dando o brilho, o tempero, o destaque para a mensagem oral do professor.

Os professores podem ser enquadrados como profissionais usuários de voz, visto utilizarem-se muito da linguagem oral em todas as suas interações, e nela a voz está presente. Dessa forma, precisam ter conhecimento de como valorizar sua estética vocal e de higiene vocal para preservar a qualidade de suas vozes. Para tanto, seria fundamental que se reconhecessem enquanto profissionais usuários da voz e depois como profissionais que precisam cuidar de suas vozes!

Talvez, o comportamento vocal pudesse ser encarado como um dos fatores de competência do professor, pois sua voz determina a clareza de suas falas, determina muitas vezes até os processos de interação professor- aluno, que são fundamentais para o desempenho da profissão. Conhecer mais sobre voz poderia fazer parte do ideário pedagógico do professor. Poder melhorar sua performance vocal, seu comportamento vocal enriqueceria a dinâmica da comunicação com os alunos, influenciando a fala dos alunos e permitindo ser influenciada por ela, além de atingir a dinâmica do controle da classe seja qual for a sua metodologia de trabalho.

Complementar o conhecimento sobre voz do professor parece ser uma tarefa promissora. Conhecer mais sobre como usar a voz, com o melhor desempenho possível e com menor esforço, parece fundamental para os professores. Este conhecimento os conduziria à preservação da qualidade vocal, minimizando o desgaste vocal já

evidente nesta profissão, conseguindo uma maior flexibilidade vocal e um melhor desempenho da sua linguagem oral durante a aula.

Novos olhares de pesquisas parecem ser necessários de forma adicional aos já existentes. Buscar saber como o professor usa a voz no interior da sala de aula seria bastante interessante para efetuar-se uma reflexão real do procedimento vocal. O professor parece ter em seu saber algo sobre voz, como esta pesquisa revelou. Parece que o professor tem observado a voz, usado seus recursos de forma intuitiva e conseguido resultados relevantes. Este conhecimento muitas vezes escapa aos especialistas da área e, se não for aproveitado, pode ser um trunfo perdido.

Finalizando, acredito que a exata medida do valor da voz no trabalho docente é dada pelo próprio professor, no momento exato de seu uso, na dosagem necessária para a execução de seu trabalho. O valor da voz é ainda diferente entre os pesquisadores da fonoaudiologia e da educação. Atribuir um peso excessivo a ela pode impedir que se observem os outros fatores relevantes do trabalho do professor. Por outro lado, dar `a voz pouco destaque pode oferecer barreiras para o avanço dos estudos que contribuem para o aprimoramento da atuação do professor. A busca do equilíbrio do valor da voz pode estar no ouvir a voz usada no exercício do trabalho docente, na relação que o próprio professor estabelece com ela e no impacto que a própria voz causa nos alunos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

- ANDRÉ, M. E. D. A. A pesquisa na didática fundamental. IN: CANDAU, V. (org.) *Rumo a uma nova didática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989. p. 147-56.
- ANDRÉ, M. E. D. A., MEDIANO, Z. D. O cotidiano da escola: elementos para a construção de uma Didática fundamental. IN: CANDAU, V (org.) *Rumo a uma nova didática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989. p. 157-68.
- ANGOTTI, M. *O Trabalho docente na pré- escola: concepções teóricas e a realidade da escola pública*. São Carlos, 1992. 261p. Dissertação de Mestrado. Pós- graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos .
- AZEVEDO, R, BEHLAU, M, TENOR, A.C. Postura Corporal e voz de professores de pré escola em sala de aula. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero -Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.142.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. 1ª reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 314 p.
- BASSO, I.S. Perfil do professor e condições objetivas de trabalho: conhecimento necessário para políticas públicas com potencial de transformação das práticas escolares. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 308-9.
- BEHLAU, M., PONTES, P. *Princípios de reabilitação vocal nas disfonias*. 2ª ed. Ampliada. São Paulo: EPPM, 1990. 64 p.
- BEHLAU, M., PONTES, P. *Avaliação global da voz*. 2ª ed. São Paulo: EPPM, 1992. 66 p.
- BEHLAU, M., PONTES, P. Disfonias funcionais - conceitos atuais. IN: LOPES, O F., CAMPOS, C. A H. *Tratado de Otorrinolaringologia*. São Paulo: Ed. Roca Ltda, 1994. cap. 3, p.1014-26.
- BEHLAU, M., PONTES, P. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1995. 312 p.

* UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas. *Normas para Publicações da UNESP*. São Paulo: Editora da UNESP, 4v., 3ª reimp, 1998.

- BERGER, R., ZIEGER, K. Dispensary management of public speakers. Zur Dispensairebetreuung von Sprechberufen. *Z Arztl Fortbild (jena)* 83: (14), p: 727-9, 1989.
- BERNARDES, M.E.M. Um novo conhecimento: novas formas de entender a prática de sala de aula. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 603.
- BLAKE, P., BUSBY. S. Noise levels in New Zealand junior classrooms: their impact on hearing and teaching. *New Zealand Medical Journal* 107: p.357-8, september, 1994.
- BOONE, D. R., McFARLANE, S. C. *A voz e a terapia vocal*. Porto alegre: Artes Médicas, 1994. 300 p.
- BORTOLAI, A . L. Caracterização da voz falada de professores de educação física. IN: Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz, 4, 1997, São Paulo. *Laringologia e Voz Hoje*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 241-2.
- CALAS, M. et al. La pathologie vocale chez l'enseignant. *Revue de Laryngologie*, n. 4, vol.110, p. 397-406, 1989
- CARVALHO, E.L.L. et al. Incidência de hábitos vocais inadequados em professores da Rede Pública e municipal de Ensino da região de Marília. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero - Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.318.
- CARVALHO, M. P. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho nas séries iniciais*. São Paulo: Xana Editora, 1999. 247p.
- CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. IN: NÓVOA, A. (org.): *Profissão Professor*. Portugal: Porto Editora, 1991. p. 155-91.
- CASANOVA, I.A., PAPIS, L., BOMMARITO, S. Caracterização e desempenho vocal de professores universitários. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero -Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.166.
- CHUN, R. Y. S. A voz do professor: estudo de grupos de saúde vocal em unidade básica de saúde. *Revista Intercâmbio*, v. 7, p. 157-65, 1998.

- CONRADO, C. et al. Histórico do Programa de saúde vocal de ARS 2. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero - Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.93.
- COSTA, M. V. *Trabalho docente e profissionalismo*. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 1995. cap. 7, p. 223-260.
- CUNHA, L. A. *Educação e democracia no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1991. cap. 1, p. 19-53.
- CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. Papirus Editora: Campinas, SP, 1989. 182p.
- DIAS - DA - SILVA, M.H.G.F. *Passagem sem rito: as 5ª séries e seus professores*. Campinas, SP: Papirus, 1997. 136p.
- DRAGONE, M. L. S. *Ocorrência de disfonia em professoras: fatores relacionados a voz profissional*. São Paulo, 1996, 27 p. Monografia do Curso de Especialização em Voz. Centro de Estudos da Voz. CEV- SP.
- DRAGONE, M. L. S. et al. Desgaste Vocal do Professor: um estudo longitudinal. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. Ano 3, n.5, jun/1999a, p. 50-6.
- DRAGONE, M. L. S., NAGANO, L., BEHLAU, M. Visão atual sobre o problema vocal do professor. *Revista Intercâmbio*, LAEL PUC-SP, v. VIII, 1999b, p.39-48.
- ESTEVE, J.M. *Ao mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Trad. Durlei Cavichia. 3ª Edição. Baurú, SP: EDUSC, 1999, 175 p.
- FABIANO, S. R. R., BRASOLOTTO, A. Efeitos acústicos do uso profissional da voz pelo professor. IN: Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz, 4, 1997, São Paulo. *Laringologia e Voz Hoje*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 399-402.
- FERNANDES, C. R. J. Caracterização de um grupo de professores com alteração vocal da pré-escola do Município de Taboão da Serra. IN: FERREIRA, L.P. (org.) *Dissertando sobre voz*. São Paulo: Pró- Fono Departamento Editorial, 1998. v.2, cap.4, p. 99-115.
- FERREIRA, A.B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.2127.

- FERREIRA, L. P., ALGODOAL, M. J., ANDRADA e SILVA, M. A. A avaliação da voz na visão (e no ouvido) do fonoaudiólogo: saber o que se procura para entender o que se acha. IN: MARCHESAN, I. Q., ZORZI, J. L., GOMES, I. C. D. *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Lovise, 1998. v.4, p. 393-413.
- GARCIA, O. C., TORRES, R. P., SHASAT, A. D.D. Disfonias ocupacionais: estudo de 70 casos. *Rev.Cub.Med.*, 25: 998- 1009, 1986.
- GIÃO, P.H. et al. Perfil vocal de Professores Universitários. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero - Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999 a, p.74.
- GIÃO, P.H. et al. Voz e estresse ocupacional em professores universitários. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero -Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999 b, p.120.
- GIROUX, H. Professores como intelectuais transformadores. IN:___ *Professores como intelectuais*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1997. p.157-64.
- GOTAAS, C., STARR, C. D. Vocal fatigue among teachers. *Folia Phoniatr.* 45:120-9, 1993.
- GRILLO, M. et al. Transposição didática. Uma prática reflexiva. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 417-8.
- GRILLO, M.H.M.M., FERREIRA, L.P., LIMA, E.F. A questão ensino-aprendizagem num trabalho profilático de aperfeiçoamento vocal com professores. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero - Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.403.
- GUARNIERI, M. R. *O trabalho docente nas séries iniciais de 1º grau: elementos para a compreensão da competência no cotidiano escolar*. São Carlos, 1990. 229 p. Dissertação de Mestrado. Pós- graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos .
- GUARNIERI, M.R. *Tornando-se professor: o início na carreira docente e a consolidação da profissão*. São Carlos, 1996. 149 p. Tese de

Doutorado. Pós- graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos.

- JACKSON, P.W. *La vida en las aulas*. Trad. Guillermo Solana. 4ª Ed. Madrid: Edicionaes Morata, 1996. 211p.
- KOUFMAN, J., ISAACSON, G. The spectrum of vocal dysfunction. *Otolaryngologic Clinics of North America* v.24, n. 5, p.985-8, oct., 1991.
- KOSTYK, B. E., ROCHET, A P. Laryngeal airway resistance in teachers with vocal fatigue: a preliminary study. *Journal of Voice* Singular Publishing Group. v.v12, n.3, p. 287-99, 1998.
- LIBÂNEO, J.C. *Didática*. 16º reimp. São Paulo: Cortez Editora, 1994. 261p.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* São Paulo: EPU, 1986.
- MAGALHÃES, C., ALMEIDA, C. M, ANELLI, W. A percepção do indivíduo em relação à sua disfonia sob o enfoque social da voz. IN: MARCHESAN, I.Q, ZORZI, J.L., GOMES, I.C.D.: *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Lovise, 1998, v. 4, p. 295- 305.
- MARIN, A. J. O trabalho docente: núcleo de perspectiva globalizadora de estudos sobre ensino. IN: MARIN, A. J. (coord): *Didática e trabalho docente*. Araraquara: JM Editora Ltda, 1996, p.23-43.
- MARTIN, S. Voice care and development for teachers: survey report. *Voice*, 3, 92-98- British Voice Association, 1994.
- MARTIN, S., DARNLEY, L. *The Teaching Voice* . San Diego: Singular Publishing Group, INC, 1996. 164 p.
- MÄRTZ, M. L. W. Os usos sociais da voz. *R. Dist. Comum.* , EDUC, v.2 (3/4), p. 173-6, jul./ dez., 1987.
- MATHIESON, L. Vocal tract discomfort in hyperfunctional dysphonia. *Voice*. British Voice Association. 2, 40-48, 1993.
- MATTISKE, J. A., OATES, J.M., GREENWOOD, K. M. Vocal problems among teachers: a review of prevalence, causes, prevention, and treatment. *Journal of Voice* v. 12,n.4, p. 489-99, 1998.

- MELLO, G. N. Observação da interação professor- aluno: uma revisão crítica. IN: PATTO, M. H. S. (org.) *Introdução à psicologia escolar*. 4ª reimp. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1993. cap.7, p. 361- 77.
- MENEZES, J.E. e SANTOS, M.C. A influência do diálogo em sala de aula como facilitador da aprendizagem em matemática: ajudando a combater estigmas. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 455.
- MINE, J.C.P. e DIAS DA SILVA, M.H.F. As preferências e expectativas dos alunos de 5ª série: importância do trabalho docente. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 508-9.
- MISTEREK, M. et al. Beanspruchungsuntersuchungen bei lehrerinnen mit funktionellen stimmstörungen in der unterrichtlichen tätigkeit - Exames sobre o desgaste de professoras com problemas funcionais da voz - *Z.gesamte Hyg.35* . Helft, p: 415-6, 1989.
- MITCHELL, S. A. Medical problems of professional voice users. *Comprehensive Therapy*. v.22, n. 4, p. 231-38, abr. 1996
- MIZUKAMI, M. G. N. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. IN: REALI, A. M. M. R., MIZUKAMI, M. G. N. *Formação de professores*. São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- MONTEIRO, M.I. Fracasso e sucesso escolar relatados por professoras de 1ª a 4ª série. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 535.
- NAGANO, L. *Perfil vocal e análise perceptivo- auditiva das vozes de professoras de pré escola* . São Paulo, 1996. Monografia do Curso de Especialização em Voz. Centro de Estudos da Voz. CEV- SP.
- NAGANO, L., DRAGONE, M. L. S., BEHLAU, M. Estudo sobre a relação entre qualidade vocal e sintomas vocais. IN: Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 8, 1998, São Paulo. *Caderno de Resumos*. São Paulo: LAEL/ PUC-SP, 1998. p. 46.
- OLIVEIRA, I. B. Da voz do professor. IN: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia - Fonoaudiologia Hoje: Collectanea Symposium. Série Medicina & Saúde. Editora Frôntis Editorial, 1998. p.61-8.
- OYARZÚN, R. et al. Disfonia en Profesores. *Rer. Otorrinolaring*. 44: 12-18, 1984

- PACHECO, J. A. O pensamento do professor. IN:____ *O pensamento e a ação do professor*. Portugal: Porto Editora, 1995. p 45-66.
- PENTEADO, R.Z. & BICUDO- PEREIRA, I.M.T. A voz do professor- questão de saúde do trabalhador? IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero -Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.97.
- PEREIRA, L. *O magistério primário numa sociedade de classes*. São Paulo: Livraria Pioneira Editôra, 1969. 190 p.
- PINTO, A. M. M. & FURCK, M. A. E. Projeto saúde vocal do professor. IN: FERREIRA, L. P. (org.) *Vários Enfoques em Fonoaudiologia*. São Paulo: Summus Editorial, 1988. p. 11-27.
- PORDEUS, A M. J., PALMEIRA, C. T., PINTO, V. C. V. Inquérito de prevalência de problemas da voz em professores da Universidade de Fortaleza. *Revista de Atualização Científica Pró-Fono*. v.8, n. 2, p. 15-24, 1996.
- RANTALA, L., MÄÄTTÄ, T., VILKMAN, E. Measuring voice under teachers'working circumstances: Fo and perturbation features in maximally sustained phonation. *Folia Phoniatr Logop*. 49: 281-291,1997.
- RIBEIRO, A. P. A. et al. Efetividade de um programa de higiene vocal em alunas de magistério. IN: Congresso Paulista dos Distúrbios da Comunicação Humana, 1, 1996, Escola Paulista de Medicina, São Paulo. Anais. São Paulo: Pró- Fono, 1996. p.40.
- RODRIGUES, S., AZEVEDO.R., BEHLAU, M. Considerações sobre a voz profissional falada. IN: MARCHESAN, I.Q, ZORZI, J.L., GOMES, I.C.D. *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Lovise, 1996, v. 3, p. 701-11.
- RODRIGUES, P.M.T. et al. Hábitos vocais inadequados: proposta de atuação fonoaudiológica com professores da Rede Pública e Municipal de Ensino da região de Marília. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero -Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.317.
- ROSEMBERG, F. Educação formal e mulher: um balanço parcial da bibliografia. IN: COSTA, A. O., BUSCHINI , C. (org.) *Uma Questão de*

- gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992. p.151-82.
- RUSSELL, A.; OATES, J., GREENWOOD, K.M.: Prevalence of voice problems in teachers. *Journal of Voice* v. 12, n.4, p.467-79, 1998.
- SAPIR, S., KEIDAR, A., MATHERS- SCHMIDT, B. Vocal attrition in teachers: survey findings. *European Journal of disorders of communication*. 28, p: 177- 85, 1993.
- SARFATI, J. Voix et enseignement. *Reveu de Laryngologie*. Supplementum. vol.108, n. spécial, p. 431-2, 1987.
- SARFATI, J. Réadaptation vocale des enseignants: vocal re-education of teachers. *Revue de Laryndologie*. v. 110, n. 4, p: 393-5.1989.
- SCALCO, M, A. G., PIMENTEL, R.M., PILZ, W. A saúde vocal de professor: levantamento junto a escolas particulares de Porto Alegre. *Revista de Atualização Científica - Pró- Fono*. v. 8, n. 2, p. 25-30, 1996.
- SCHMIDT, C., MOYA, A., McCUTCHEON, J. An Acustical and perceptual analysis of the vocal behavior of classroom teachers. *Journal of Voice*, v.12, n. 4, p. 434-43, 1998.
- SELLTIZ, C et al. Métodos de pesquisa das relações sociais. São Paulo, Herder, EDUSP, 1965.
- SERVILHA, E. A. M. Consciência vocal em docentes universitários. *Revista de Atualização Científica - Pró-Fono*. v. 9 (2), p:53-61,1997.
- SIROTA, R. *A escola primária no cotidiano*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 168p.
- SMITH, E. et al. Frequency and effects of teachers' voice problems. *Journal of Voice*, v.11, n. 1, p. 81-87, 1997.
- SMITH, E. et al: Voice problems among teachers: differences by gender and teaching characteristics. *Journal of Voice*. Singular Publishing Group, v.12, n. 3, p.328-34, 1998a.
- SMITH, E. et al: Frequency of voice problems among teachers and other occupations. *Journal of Voice*, Singular Publishing Group, v.12, n. 4, p. 480-88, 1998b.
- STEMPLE, J. C. Management of the professional voice. IN: ____ *Voice Therapy clinical studies* . Mosby Year Book. cap. 7, p. 155-71,1993a

- STEMPLE, J. C. Objective measures of voice production in normal subjects following prolonged voice use. IN: Symposium: Care of the professional Voice, jun.1993. Ann. Philadelphia, P. A, 1993b.
- STIER, M. A. et al. Programa de saúde e qualidade vocal dos 6.000 professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. IN:Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz, 4, 1997, São Paulo. *Laringologia e Voz Hoje*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 411-2.
- TELLES, M. Q. Evolução dos sintomas vocais na investigação fonoaudiológica num caso de disfonia funcional- estudo retrospectivo. IN: BEHLAU, M (org.) *O melhor que vi e ouvi* Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p: 73-8.
- THOMÉ DE SOUZA, T. M., FERREIRA, L. P. O professor e sua voz: um difícil encontro. IN: Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz, 4, 1997, São Paulo. *Laringologia e Voz Hoje*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 452-3.
- TITZE, I. R., LEMKE, J., MONTEQUIN, D. Populations in the U.S Workforce who rely on voice as a primary tool of trade: a preliminary report. *Journal of Voice*. Singular Publishing Group., v. 11, n. 3, p. 254-59, 1997.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. 4ª tiragem. São Paulo: Atlas, 1995. 175 p.
- TRUZZI, E. A e DIAS DA SILVA, M.H.F. As expectativas negativas sobre a 5ª série e o fracasso escolar: visão dos alunos. IN: IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ENDIPE. Águas de Lindóia, SP. Anais. 1998, p. 500-1.
- VAZ, A. C. N. et al. Ocorrência de queixas vocais em professores da Rede Municipal de Educação da cidade de São Paulo. IN: IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero - Americano de Fonoaudiologia. Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo. Anais. São Paulo: SBFa, 1999, p.396.
- WINER, L. K., SATALOFF, R. T. Speech- Language pathology and the professional voice. *Ear Nose Throat Journal*. 66 (8) 313- 7, aug.1987.
- WOJCIEHWSKI, A. P. F., HEEMANN, C. S. Saúde vocal do professor: a prevenção como fator primário. IN: Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz, 4, 1997, São Paulo. *Laringologia e Voz Hoje*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 315-6.

ANEXOS

ANEXO 1

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

- Nome: _____ Telefone _____
- Data de nascimento: dia / mês e ano
- Formação como docente (instituição em que se formou e/ou fez algum tipo de educação continuada ou pós graduação)
- Exercício atual de docência
- Tempo de magistério
- Carga horária atual

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1) Na sua opinião quais os principais requisitos para um bom desempenho como professor?

2) Descreva o papel de sua voz no seu trabalho docente?

3) Você percebe se realiza alguma variação de voz durante as diferentes atividades ou momentos da sua aula? (explicando a matéria, ditando, fazendo leitura, controle de disciplina, entre outros...)

4) Você percebe modificações no comportamento de seus alunos dependendo de sua voz?

5) Você consegue recordar as vozes de seus professores?

6) Você já teve informações sobre voz? Em caso positivo, quando, onde e quais? Em caso negativo quais você gostaria de ter?

ANEXO 2

**TABELA GERAL DA ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS
DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS**

FOCOS DE ANÁLISE	ASPECTOS	QUANTIFICAÇÃO	TOTAL
Requisitos para o bom desempenho do professor	Relacionamento com os alunos	15	27
	Formação do professor	06	
	Recursos mobilizadores da aula	06	
Papel da voz na atuação do professor	Recurso Didático	10	20
	Controladora de disciplina	08	
	Reveladora da emoção do professor	02	
Variações do comportamento vocal do professor	Intensidade	10	20
	Entonação	03	
	Frequência	02	
	Articulação	02	
	Ritmo	02	
	Ressonância	01	
Memória das vozes de antigos professores	Impacto negativo	06	12
	Impacto positivo	06	
Reflexão sobre comportamento vocal	Sintomas corporais	06	11
	Causa dos problemas de voz	02	
	Modificações com o tempo	01	
	Percepção da limitação da voz	01	
	Modificações de acordo com o interlocutor	01	
O que saber mais sobre voz	Melhor uso em sala de aula	04	09
	Prevenção	03	
	Tratamento	01	
	Produção	01	